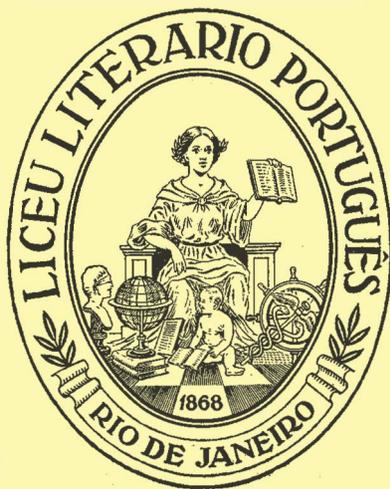


# CONFLUÊNCIA

REVISTA  
DO  
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Per multiplum ad unum*



0 0 0 2 1



ISSN 1415-7403



N.º 21 - 1.º semestre de 2001 - Rio de Janeiro



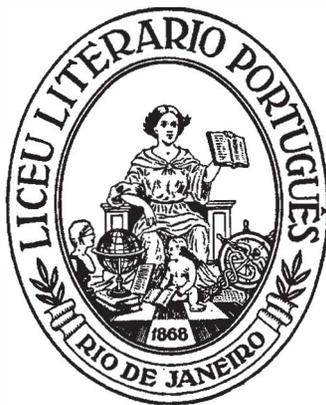
# CONFLUÊNCIA

ISSN 1415-7403

*Per multiplum ad unum*

*“As armas e padrões portugueses  
postos em África, e em Ásia, e em  
tantas mil ilhas fora da repartição  
das três partes da terra, materiaes  
sam, e pode-as o tempo gastar: però  
nã gastará doutrina, costumes,  
linguagem, que os portugueses  
nestas terras leixarem.”*

(JOÃO DE BARROS, *Diálogo em Louvor  
da Nossa Linguagem*)



N.º 21 - 1.º semestre de 2001 - Rio de Janeiro

# LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS

CORPO DIRETIVO – 2001/2002

## DIRETORIA

Presidente: Francisco Gomes da Costa  
Vice-presidente: Henrique Loureiro Monteiro  
1.º Secretário: Arnaldo de Figueiredo Guimarães  
2.º Secretário: Francisco José Magalhães Ferreira  
1.º Tesoureiro: Manuel Lopes da Costa  
2.º Tesoureiro: Jorge Manuel Mendes Reis Costa  
1.º Procurador: Carlos Eurico Soares Félix  
2.º Procurador: Manuel José Vieira  
Diretor Bibliotecário: Maximiano de Carvalho e Silva  
Diretor Cultural: Carlos Alberto Soares dos Reis Martins  
Diretor Escolar: Evanildo Cavalcante Bechara  
Diretor de Divulgação: João Manuel Marcos Rodrigues Reino

## CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Manuel Paulino  
1.º Secretário: Maria Lêda de Moraes Chini  
2.º Secretário: Bernardino Alves dos Reis

## CONSELHO FISCAL

Membros Efetivos: Albano da Rocha Ferreira  
Ronaldo Rainho da Silva Carneiro  
Antonio da Silva Correia  
  
Suplentes: José Gomes da Silva  
Paulo Valente da Silva  
Carlos Jorge Airosa Branco

## DIRETOR DO INSTITUTO DE ESTUDOS PORTUGUESES AFRÂNIO PEIXOTO

Acadêmica Rachel de Queiroz

## DIRETOR DO INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Prof. Gladstone Chaves de Melo

## DIRETOR DO INSTITUTO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA

Prof. Arno Wehling

## DIRETOR DA REVISTA *CONFLUÊNCIA*

Prof. Evanildo Bechara

## SUPERINTENDENTE

Albino Melo da Costa

## SUMÁRIO

	Pág.
Editorial (ANTÔNIO GOMES DA COSTA) .....	5
Homenagem a João da Silva Correia .....	7
João da Silva Correia (EVANILDO BECHARA) .....	9
João da Silva Correia (HERNANI CIDADE) .....	21
 <b>ARTIGOS</b>	
O ensino da Língua Portuguesa hoje: desafios e dilemas (LEONOR SCLIAR-CABRAL) .....	25
Considerações em torno da <i>Moderna Gramática Portuguesa</i> (VALTER KEHDI) .....	34
Biobibliografia e Crítica Textual – notas e comentários III (MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA) .....	46
O dicionário os fez homem e mulher (NELLY MEDEIROS DE CARVALHO) .....	70
Como explicar as variantes de uso no Português? (FRANCISCO GOMES DE MATOS) .....	93
Os impasses do nacionalismo em edição crítica (BERTHOLD ZILLY) .....	97
 <b>TRANSCRIÇÃO</b>	
Terminologia Lingüística para os Ensinos Básico e Secundário em Portugal ..	101
 <b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
Um inédito do Prof. Ismael de Lima Coutinho: <i>Estremunhado</i> .....	118
<b>REGISTRO BIBLIOGRÁFICO</b> .....	123
 <b>RESENHAS CRÍTICAS</b>	
MARTINS, Nilce Sant' Anna. <i>O léxico de Guimarães Rosa</i> . (VALTER KEHDI) .....	130
CAVALIERE, Ricardo. <i>Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira</i> . (OLGA COELHO) .....	132
<b>NOTICIÁRIO</b> .....	135
<b>COLABORADORES DESTE NÚMERO</b> .....	143

# CONFLUÊNCIA

REVISTA  
DO  
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

## LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS

Presidente: Francisco Gomes da Costa

## CENTRO DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS

Diretor: Antônio Gomes da Costa

## DIRETORIA DO I.L.P.

Francisco Gomes da Costa (Presidente)  
Gladstone Chaves de Melo (Vice-Presidente)  
Maximiano de Carvalho e Silva  
Evanildo Bechara  
Antônio Basílio Rodrigues  
Horácio Rolim de Freitas

## CONSELHO CONSULTIVO

Adriano da Gama Kury  
Amaury de Sá e Albuquerque  
Carlos Eduardo Falcão Uchôa  
Fernando Ozório  
Jayr Calhau  
Ricardo Cavaliere  
Rosalvo do Valle  
Walmírio Macedo

## CONFLUÊNCIA

Diretor: Evanildo Bechara  
Comissão de Redação:  
Gladstone Chaves de Melo  
Maximiano de Carvalho e Silva  
Antônio Basílio Rodrigues  
Horácio Rolim de Freitas

## Produção Gráfica

Editora Lucerna  
Cx. Postal 32054  
CEP 21933-970 - Rio de Janeiro - RJ  
<http://www.lucerna.com.br>

Pede-se permuta

Pídesse canje

On demande l'échange

Si chiede lo scambio

We ask for exchange

Man bitte um Austausch

## Endereço para correspondência:

Liceu Literário Português  
Rua Senador Dantas, 118 - 2.º and. - Centro  
CEP 21031-201 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
Tel.: (021) 2220-5495 / 2220-5445 - Fax: (021) 2533-3044

A matéria da colaboração assinada é da responsabilidade dos autores.

Este número de *CONFLUÊNCIA* contou com o apoio especial da Secretaria de Estado da Cultura de Portugal, da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e da TAP – Air Portugal

## EDITORIAL

### O ENSINO DO PORTUGUÊS

Dr. Antônio Gomes da Costa

A polêmica criada recentemente em Portugal em torno da migração do estudo de *Os Lusíadas* para o último ano do curso secundário e da erradicação dos programas de autores como Gil Vicente, Camilo Castelo Branco ou Cesário Verde, traz, em seu bojo, mais duas questões que podem ser transpostas e discutidas no Brasil. A primeira, tem a ver com a qualidade do ensino da Língua materna, e a segunda, com o hábito, ou o prazer, da leitura.

No que se refere à aprendizagem do idioma, lá como cá, é notório o rebaixamento do nível dessa aprendizagem e o desastre em que se constituíram algumas reformas e experiências pedagógicas levadas a cabo nos dois países. Os alunos, ou uma boa parte deles, terminam os cursos com deficiências medonhas no que diz respeito ao conhecimento do vernáculo – é na gramática, é no léxico, é na interpretação – e, pior do que tudo, saem da escola com uma repulsa ao Português só comparável à rejeição que sentem pela Matemática.

Como corolário da má aprendizagem e da falta de gosto pela matéria, os estudantes não lêem, ou lêem muito pouco, durante o ciclo escolar, e depois que vão para casa ainda lêem menos.

Para alguns, as leituras obrigatórias são uma violência da escola tradicional e porque impostas como o caldo de grelos, geram reações contrárias: nunca mais, lembrando-nos da imposição dos grelos, admiramos a “vichysoie” ou a “sopa de pedras”. Por ser assim, há que aliviar os alunos do dever da leitura e da redação, ou de decorar as desinências dos verbos irregulares. E é nessa linha que se pretende agora empurrar o Camões para o fim do curso e esquecer a *Peregrinação* do Fernão Mendes Pinto, ou *Os Maias* do Eça de Queirós. Sirva-se, antes, nas salas de aula, os relatos dos jogos de futebol ou tragam-se as “informações da mídia”, que sempre são mais úteis do que a narrativa do Adamastor e os conselhos do Sr. Afonso da Maia.

Já outros pensam de forma diferente, e apontam o exemplo dos países mais desenvolvidos como a Inglaterra, a França, os Estados Unidos, ou a Itália, onde os jovens, por volta dos 14 anos, já conhecem os principais autores de sua Língua e mesmo alguns clássicos da literatura mundial. E quem não adquirir na escola o gosto de ler, mais tarde dificilmente abrirá um livro... Resultado: deixa-se às tecnologias de informação e comunicação o encargo de combater a indigência cultural das novas gerações, e os livros mais procurados nas bibliotecas, a despeito dos programas de animação, passarão a ser os dicionários.

A propósito, é curioso assinalar o contraste que existe entre o relaxamento oficial no ensino do idioma e o reconhecimento deste como um dos valores fundamentais da identidade nacional. Por um lado, negligencia-se a aprendizagem escolar e, por outro, enche-se a boca com o fato de termos uma das línguas mais faladas do mundo como patrimônio comum e traço da própria nacionalidade.

Tem razão Vasco Graça Moura quando diz que o Português aprende-se com o apoio constante e conseqüente dos grandes autores que nele escreveram. E, decerto, não deixa de ser uma bizzarria tirar dos currículos a leitura de *Os Lusíadas* ou do *Dom Casmurro* para pôr em seu lugar a reportagem *on line* da CNN...

\*\*\*

**NÚMERO EM HOMENAGEM A  
JOÃO DA SILVA CORREIA**



**JOÃO DA SILVA CORREIA  
(1891 – 1937)**



## JOÃO DA SILVA CORREIA

Evanildo Bechara

É com muita justiça que este número de *Confluência* homenageia a figura desse talentoso filólogo português, tão cedo roubado ao brilhante percurso acadêmico desenvolvido na Faculdade de Letras e na Universidade de Lisboa, depois de larga experiência como professor primário e liceal. João da Silva Correia nasceu na freguesia de Espariz, do conselho de Tábua, aos 21 de janeiro de 1891 e faleceu em Lisboa, em 1 de junho de 1937 (e não de *julho*, como às vezes aparece), depois de grandes padecimentos de uma doença nervosa, motivada, em grande parte, por intensíssima devoção à pesquisa e ao estudo lingüístico e filológico do Português. Fez seu curso completo no Liceu Pedro Nunes; pelo brilhantismo do curso, foi logo professor dos liceus de Beja e da Guarda, das escolas normais primárias, do Instituto de Orientação Profissional e da Escola Industrial de Fonseca Benevides. Esta experiência lhe serviu de embasamento para muitos dos seus estudos de natureza pedagógica e educacional, como podemos ver de sua bibliografia. Licenciou-se, em 1917, em Filologia Românica, pela Faculdade de Letras de Lisboa; por aí também se doutorou, em 1929, obtendo aprovação unânime. Alcançou a cátedra de Filologia Portuguesa da Faculdade de Letras em 1930, que regeu com toda a proficiência até meses antes de falecer, em 1937. Nessa mesma época era vice-reitor da Universidade de Lisboa. Discípulo dileto de Leite de Vasconcelos, enveredou com mais assiduidade no estudo das relações da Etnografia com a Lingüística e a Filologia, campo a que se vinha desde sempre aplicando seu mestre. Os laços que os prendiam se patenteiam nesse tom pesaroso de Leite de Vasconcelos: “(...) meu antigo aluno, e meu sucessor na Faculdade de Letras de Lisboa, tão cedo arrebatado à Ciência que brilhantemente cultivava, com orientação moderna, e de quem me lembro sempre com dolorosa saudade” (*Filologia Barraquenha*, pág. 79).

Apesar de sua profunda formação na área da Romanística tradicional, como revelam suas leituras nos mais credenciados autores, principalmente do dinamarquês Kritoffer Nyrop, voltou seu interesse para a língua falada e os estudos sincrônicos. Depois de Júlio Morcira, a feição do português popular ficara quase esquecida em Portugal, pelo privilegiamento da língua escrita.

João da Silva Correia retoma com brilhantismo esse rico filão, além de receber extraordinário influxo da Escola Francesa e da Estilística de Charles Bally. Acerca dessa influência manifesta-se judiciosamente Herculano de Carvalho: “Atraído pela Escola Francesa e pela “estilística” de Charles Bally, as suas obras, onde abundam as observações perspicazes e os acertos interpretativos (não obstante, por vezes, uma certa superficialidade) incidem de modo muito particular sobre a semântica e especialmente sobre os meios de expressão da língua viva, coloquial e literária, sobretudo contemporânea, o que lhe dá também o mérito da originalidade no seu meio e na sua época”. (In *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 6, s.v.).

Cedo procurou J. da Silva Correia traçar o objeto da estilística moderna, em oposição a este mesmo título dado às figuras de estilo. Em artigo publicado na *Biblos*, em 1926, intitulado “Nota pedagógico-lingüística: Estilísticas escolares” (cf. nº 38 da Bibliografia). Nele, defende o autor a renovação de metodologia, na direção de uma “colheita esclarecida e criteriosa dos fatos de estilo no seu ambiente próprio – a literatura dos cultos como a do vulgo sem letras – e a arrumação de tais fatos por categorias a tipos maiores”.

Ao fazer sucinto histórico das investigações e estudos etnográficos em seu país, no 1.º volume da *Etnografia Portuguesa*, 1933, acentua Leite de Vasconcelos algumas características da produção intelectual de João da Silva Correia, sobretudo na relação íntima dos aspectos etnográficos e lingüísticos: “Silva Correia, Professor Catedrático de Filologia Portuguesa na Faculdade de Letras de Lisboa, e antigo Professor da Escola Normal de Benfica, une, como Adolfo Coelho, os estudo etnográficos aos glotológicos e pedagógicos, procurando esclarecer uns com os outros. Animado de grande gosto da ciência, e já senhor de muitos conhecimentos, e do método, é um dos nossos jovens etnógrafos de cuja capacidade muito se deve esperar. Os seus primeiros escritos apareceram na *R[evista] L[usitana]*, de 1916 a 1925, na qual, além da mencionada análise do livro de Visconde de Carnaxide, e de amostras de calão acadêmico, publicou uma série de artigos subordinados à denominação geral de “Migalhas etnográficas”, constantes de notícias de costumes, jogos, credências, e bem assim de frases e comparações populares, e de uma apreciável coleção de 480 canções de Espariz, seu berço. Silva Correia não nos deu ainda por ora muitos trabalhos etnográficos. Nem sempre porém devemos aquilatar o mérito de um escritor pela quantidade dos trabalhos que produz. O que se quer é que o que sai à luz seja bom. Em tal caso estão os citados estudos do nosso autor, e mais os dois seguintes que publicou ultimamente: *A interpretação verbal de sons e ruídos naturais*, 1926, fundado no estudo de rimas e de expressões da linguagem familiar; e *Alguns paralelos entre a literat[ura] culta e a literat[ura] pop[ular] portug[uesa]*, 1927, que, com outros, serviu a Silva

Correia de habilitação para o doutoramento que em 1929 conseguiu com extremo brilho na Faculdade de Letras. Vário *folklore* entra também em escritos seus não especialmente de Etnografia, por exemplo: *Eufemismo e disfemismo na língua e liter[atura] portug[uesa]*, 1927; na *Linguagem da mulher em relação à do homem*, 1927; na *Arte de contar contos*, já citado a p. 280, nota 2.<sup>a</sup>, e em *A rima e a sua acção lingüística, literária e ideológica*, 1930 (dissertação de concurso para professor catedrático); composições estas muito notáveis e reveladoras de grande perspicácia psicológico-glotológica” (págs. 289-290).

A atividade intelectual do nosso homenageado não se limitava à elaboração de livros e artigos em revistas especializadas; a maior parte de sua produtividade se espalha por jornais e revistas de cultura e as destinadas ao público em geral, de tal monta e com tal variedade que se pode dizer ser quase impossível a recolha da seus artigos esparsos na imprensa portuguesa. Dentre as fontes até aqui identificadas, podemos citar *Seara Nova*, *Labor*, *Lusa*, *Portucale*, *Diário de Tarde*, *Alma Nova*, *Os Ridículos*, *O Sol*, *Gazeta das Colônias*, *A Voz* e, com maior assiduidade, *Diário de Notícias*, para o qual, entre 1925 e 1935, colaborou com a seção intitulada “*Notas filológicas*”. Por isso mesmo, o referido periódico lisboeta, no obituário a ele dedicado no número de 2 de junho de 1937, se pronunciou comovidamente em longa notícia, revelando, ao lado do competente filólogo, o homem afável e sensível; desta nota transcrevemos os seguintes tópicos tão expressivos quanto sinceros:

A notícia desta morte causou grande impressão de pesar não só nos meios culturais e acadêmicos da capital, onde o prof. Dr. Silva Correia era extremamente conceituado, mas também entre muitas e muitas pessoas que tinham pela sua inteligência e pelo seu caráter a mais viva das admirações. A gente dos jornais, sobretudo, e dela muito especialmente os que trabalham no *Diário de Notícias*, de que foi colaborador notável, rendiam a esse mestre muito distinto de filologia, modesto e sabedor como poucos, aquele preito de veneração que sempre lhe merecem as personalidades como a sua, de efetivas e elevadas qualidades intelectuais e morais. Com efeito, se a cultura desse emérito professor de letras muito e sempre nos deliciou e nos surpreendeu, hemos de confessar que a sua cordialidade e simplicidade eram virtudes que não menos ganhavam as nossas simpatias. Explicações que por vezes – tantas vezes! – lhe requera sobre assuntos de sua especialidade e outros eram-nos dadas por forma que não sabíamos o que delas mais nos encantava – se a clareza e a persuasão dos conceitos expendidos, se a afabilidade e o carinhoso tom de voz com que os pontuava. Assim nos habituamos a venerá-lo como um insinuante mestre de muita sabedoria, e ao mesmo tempo amigo, de maneiras sumamente cativantes. O certo é que ele era assim para com todos os seus colegas e discípulos; uma personalidade sedutora, cujo convívio se não pode com facilidade esquecer. Na Faculdade de Letras era um elemento de grande valor. Ilustrava-a na

sua cátedra, em preleções e lições que se apontavam como exemplares; no exercício duma justiça tolerante para com os estudantes seus alunos; em trabalhos de publicista e de grande relevo cultural e, em resumo, na irradiação do seu claro espírito, iluminado de sapiência e de bondade.

Ao iniciar sua *Revista Portuguesa de Filologia*, Manuel de Paiva Boléo presta comovida homenagem a João da Silva Correia, ao mesmo tempo que lhe analisa criticamente a produção, com a competência e isenção que todos reconhecemos ao saudoso mestre de Coimbra:

O que caracteriza, de uma maneira geral, estes trabalhos, é o grande interesse do autor pela língua portuguesa moderna, literária e falada. João da Silva Correia dirigiu a sua atenção para aspectos e fenômenos mal estudados ou ainda não estudados entre nós, como o eufemismo e o disfemismo, os reflexos, na língua, dos sinais gráficos (p. ex. o estudo de expressão como “ir num ápice”), a gíria acadêmica, sobre a qual publicou algumas pequenas amostras na *Revista Lusitana* (vol. 21), as interjeições, de que só ele e Said Ali se ocuparam, etc. Não faltam nas obras de Silva Correia observações interessantes e perspicazes, especialmente nos *Reflexos filológicos*, e é abundante o material de fatos que traz. Um dos méritos dos seus trabalhos, e que representa uma quase novidade para a filologia portuguesa da época, é o de procurar, acima de tudo, surpreender a psicologia do povo português através da sua língua, atitude que tem, naturalmente, os seus perigos; daí o grande lugar que concede ao valor estilístico (isto é, afetivo-expressivo) de muitas palavras e locuções. Outra qualidade das suas obras reside no confronto que faz, amiudadas vezes, com algumas das restantes línguas românicas, em especial o francês e o espanhol. Ao campo da etimologia, que, aliás, só esporadicamente cultivou, trouxe uma ou outra observação valiosa, sob o aspecto semântico. O seu método é preferentemente descritivo e sincrônico, e aí reside a sua deficiência. João da Silva Correia não faz, por via de regra (posso mesmo afirmar que raras vezes o terá feito, a história de um fato lingüístico, desde o seu aparecimento até à atualidade, como procurou, de certo modo, fazer Said Ali para a evolução do tratamento de “vossa mercê”; limita-se, na maior parte dos casos, a registrar a existência duma expressão, a qual nem sempre explica suficientemente. Outros casos há, porém, em que procura explicar – e com felicidade – algumas palavras e expressões: é o caso da palavra *gregotil* e *gregotins* (“garatujas”), a que dedica algumas páginas dos *Reflexos filológicos*. Estas ligeiras observações críticas e restrições ao método empregado pelo Dr. J. [da] Silva Correia não me impedem, porém, de reconhecer às suas obras grande interesse, já pelo material de fatos apresentados, já pela atenção que dedicou a aspectos da nossa língua ainda não estudados. (vol. I, 1948, págs. 615-16).

João da Silva Correia manteve laços de amizade com alguns dos mais notáveis filólogos brasileiros da época; talvez o que do mestre português mais se aproximou pela, creio eu, afinidade dos estudos de natureza sintática e semântica e pela receptividade em Portugal dos seus livros (p.ex. os *Novos estudos* aparecem citados na *Sintaxe histórica* de Epifânio Dias e nas *Lições de filologia portuguesa* de Leite de Vasconcelos) foi Mário Barreto. Além das afinidades temáticas no campo da sintaxe e da semântica, ambos, não raras vezes, faziam incursões pelo francês e pelo espanhol, idiomas que conheciam com profundidade. O nome de João da Silva Correia não aparece no minucioso e prestante *Índice alfabético e crítico da obra de Mário Barreto*, organizado por Cândido Jucá (filho) e com a colaboração do Conde de Pinheiro Domingues; entretanto, mais de uma vez o filólogo brasileiro se refere ao colega português, e sempre entusiasticamente, como comprova a citação da página 167 dos *Últimos Estudos*, ao tratar de neologias na formação de nomes que designam profissões também exercidas por mulheres:

Relativamente aos femininos *a chefe* e *a ajudanta* (...) dou a palavra, para lhe responder, ao Prof. Dr. João da Silva Correia, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa e digno discípulo do eminente mestre Leite de Vasconcelos (2ª ed., 1986).

Quando, no Rio de Janeiro, se pensou em organizar homenagem a Mário Barreto, um dos especialistas convidados foi João da Silva Correia, que enviou comunicação intitulada *Ecos lingüísticos dos sinais diacríticos e pontuadores*; não se concretizando a homenagem, a comunicação foi inserida nas páginas dos *Reflexos filológicos dos sinais gráficos e do seu aprendizado* (1932).

Prova de amizade e afeto ao filólogo brasileiro manifesta-o o sentido necrológico que João da Silva Correia publicou no jornal *A Voz* de 21/10/1931 e na revista *A língua portuguesa* (volume III).

Coube ainda a João da Silva Correia proferir discurso de saudação, em 1934, à nossa poetisa Cecília Meireles, que pronunciaria conferência na Faculdade de Letras de Lisboa.

Tarefa por demais difícil enfrenta o pesquisador que desejar levantar os esparsos do nosso homenageado, ainda que tal levantamento se imponha como imperiosa justiça ao valor de João da Silva Correia. Não é sem razão que Paiva Boleo, no *In memoriam* citado atrás, tenha declarado:

A Faculdade de Letras de Lisboa tem ainda para com J. da Silva Correia uma dívida em aberto: organizar e publicar, ao menos, a bibliografia, tão completa quanto possível, do seu antigo professor (...) (pág. 614 nota).

Esta dívida não está esquecida. O competente e operoso filólogo Ivo Castro, já há alguns anos, preocupado com ela, honrou-nos com o convite de elaborar estudo inicial à nova edição da tese *A Rima*, acompanhado de levantamento, tão exaustivo quanto possível, de seus esparsos.

Não passou despercebido ao saudoso catedrático de Coimbra que grande parte da tarefa se devia a que o nosso homenageado dispersou sua produtiva atividade em jornais e revistas das mais variadas naturezas, dentro ou fora da especialidade propriamente filológica ou pedagógica. Por outro lado, um longo estudo temático poderia apresentar-se fragmentado na mesma publicação ou em publicações diferentes. É o que ocorreu, por exemplo, com seus nove artigos que integram a sua tese intitulada *A rima e a sua ação lingüística, literária e ideológica*, distribuída por *O Instituto*, de Coimbra; *A Língua Portuguesa*, de Lisboa; *Labor*, de Aveiro; *Portucale*, de Lisboa; *Biblos*, de Coimbra; *Arquivo Pedagógico*, de Coimbra e *Seara Nova*, de Lisboa.

Mais complexo ainda é o caso dos seus artigos sobre interjeição; no capítulo quinto e final, publicado na *Revista de Philologia e História*, do Rio de Janeiro, aludia J. da Silva Correia aos quatro anteriores, dos quais só temos conhecimento dos dois saídos à luz, como indicamos no n.º 50 da relação bibliográfica a seguir.

Com a ajuda da recolha organizada por Giacinto Manupella e Serafim da Silva Neto, além de informações esparsos em livros e revistas, a nossa pesquisa chegou à presente Bibliografia que, estamos seguro, está longe de completa:

### Bibliografia

1. De pequenino se torce o pepino (in *Os ridículos*, jornal lisboeta, 1912. Referido em *Alguns paralelos*, 429-430).
2. O parasitismo português – in *Revista de Educação* – série V, n.º 1 e 2, 1916, pág. 79 e 82.
3. Migalhas etnográficas (*RL*, 19, 217-220 e 209, 1916).
4. Notas filológicas (*RL*, 20, 322, 1917).
5. Alguns espécimes de calão acadêmico (*RL*, 21, 330, 1918).
6. Casos de prolepse fonética (*RL*, 21, 338, 1918).
7. O papel das Escolas Normais superiores na reorganização da Sociedade Portuguesa (discurso pronunciado na Sessão Solene de Abertura da Universidade de Lisboa, no ano letivo de 1917-1918) – Imprensa Nacional, Lisboa, 1920 – 27 págs.

8. O doutor Adolfo Coelho e o seu labor pedagógico – Tese de exame do estado para o magistério normal primário. – Lisboa, 1920 – 48 págs.
9. O doutor Adolfo Coelho – Pedagogo – Separata da *Lusa* (Viana do Castelo). Vol. III – Tip. Minerva. Famalicão. 1920 – 84 págs.
10. A condução pedagógica da lição no ensino liceal – (Tese de exame de estado para professor dos liceus). – Lisboa. 1920 – 33 págs.
11. As janeiras (*RL*, 23, 189, 1920).
12. Três metáteses da língua popular (*RL*, 23, 185, 1920).
13. Discurso na despedida do primeiro curso de diplomados da Escola Normal Primária de Lisboa, em Benfica – Lisboa. 1922.
14. Frederico Diez e a Filologia Românica (conferência realizada em 2 de junho de 1923, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Imprensa da Universidade – Coimbra, 1923 – 33 páginas.
15. Uma carta de Cavaleiro de Oliveira riquíssima de locuções populares (*RL*, 25, 291, 1923-1925).
16. Educação do pensar imaginativo e do pensar lógico. – Separata do *O Instituto*, vol. 71, nº 6 – Imprensa da Universidade. – Coimbra, 1924 – 24 páginas.
17. Projeto de um programa de língua materna para a escola primária geral (conferência). – Separata de *O Instituto*, Coimbra, 1924.
18. *Os Lusíadas e a política colonial portuguesa* – in *Gazeta das Colônias*, pág. 10 – Lisboa 19/7/1924. (Nº 1 espécimen).
19. “Instruções sobre jogos de leitura (Portaria nº 3891)” (em colaboração com Alberto Pimentel, in *Boletim Pedagógico*, 1, 2-2, 1924)
20. O vocabulário da mulher em relação ao do homem – in *Biblos*, vol. 1. Nº 4. Abril, 1925, pág. 151
21. Livros primários de leitura (Conferência realizada na Escola Normal de Lisboa para o curso de aperfeiçoamento de professores de 1924). – Lisboa, 1925 – 39 págs. – (Anteriormente já publicada na *Revista de Educação* - Série V, nº 3 e 4 – Outubro 1917, tendo sido objeto de comunicação feita à Sociedade de Estudos Pedagógicos na Sessão de 28 de Junho de 1916).
22. A linguagem dos olhos na observação popular (Nota filológica no *Diário de Notícias*, transcrito em *Alguns*, 314).
23. A antropomorfização na linguagem (Nota filológica no DN in *Alguns*, 364).
24. Uma locução francesa estereotipada que interessa à literatura portuguesa (Nota filológica no DN, in *Alguns*, 436).
25. Tabus lingüísticos (Nota filológica no DN, in *Eufemismo*, 455).
26. Nome próprio e personalidade (Nota filológica no DN in *Eufemismo*, 458).

27. A propósito de uma acepção eufêmica do nome próprio *Palmela* (Nota filológica no DN, in *Eufemismo*, 472) [carnaval de 1927].
28. A propósito da deformação eufêmica “T’arrenecho!” (Nota filológica no DN, in *Eufemismo*, 571).
29. Um curioso caso de polinímia (Nota filológica no DN, in *Eufemismo*, 613).
30. [Artigo sem título sobre “mudanças extremas de significação”] (Nota filológica no DN in *Eufemismo*, 643).
31. Deformação disfêmica (Nota filológica no DN, in *Eufemismo*, 767).
32. [Artigo sobre denominações profissionais exercidas por mulheres] (Nota filológica no DN, citado por Mário Barreto in *Através*, 338).
33. A propósito de um vocábulo de torna-viagem (Nota filológica no DN, transcrito em *Influências do inglês*, 56-58).
34. Números redondos e indeterminados (Nota filológica no DN, citado por Rebelo Gonçalves in *Filologia*, 213 n.3).
35. O problema do simbolismo fonético – Separata de *O Instituto*, pág. 73 – Imprensa da Universidade de Coimbra, 1926 – 30 págs.
36. A difícil função do professor em Portugal (Conferência) – Lisboa, 1926 – 25 págs.
37. A interpretação verbal de sons e ruídos naturais – Coimbra, 1926 – 25 págs.
38. Nota pedagógico-lingüística. Estilísticas Escolares – Coimbra, 1926, Biblos, vol. 11, págs. 181-183.
39. A linguagem da mulher em relação à do homem – Lisboa, 1927.
40. O ensino inicial da leitura e da escrita – Lisboa, 1927 – 47 págs.
41. Considerações acerca da proposta de lei, sobre os serviços da reorganização da educação nacional, apresentada ao parlamento pelo Ministro Dr. João Camoesas – Lisboa, 1927 – 38 págs.
42. O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa – Separata do *Arquivo da Universidade de Lisboa*, Vol. XII – Lisboa, 1927 – 343 págs.
43. Alguns paralelos entre a literatura culta e a literatura popular portuguesa – Separata do *Arquivo da Universidade de Lisboa*, Vol. XII – Lisboa, 1927 – 135 págs.
44. A psicologia feminina na literatura francesa medieval – Separata do *Arquivo Pedagógico* – Coimbra, 1927 – Ano 1, n.2, pág. 114 – 123 págs.
45. A idéia da escola por medida preconizada pelo prof. Claparede, da Universidade de Genebra – in *Revista Escolar*, ano 7º, nº 5 – 1927.

46. Algumas observações acêrca da influência do inglês no português, e do maior veículo dela – o francês. Imprensa da Universidade – Coimbra, 1928 – 100 págs.
47. Metodologia da lição de leitura na escola primária – Lisboa, 1928 – 38 págs.
48. Duas palavras sobre metaforismo sinestético – Separata de *Portucale*, vol. I, nº 6 – Porto, 1928 – 11 págs.
49. A audição colorida na moderna literatura portuguesa. – Separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, 1928 – 23 págs.
50. Conseqüências psicológicas do eufemismo – In *Arquivo Pedagógico*, Vol. II, nº 2. – Coimbra, 1928 – pág. 208.
51. Tentativa de explicação semântica: a palavra “doutor” na acepção de vaso noturno (*Portucale*, 1928, citado em *Eufemismo*, 534).
52. A arte de contar contos e a sua didática escolar – Publicações da *Revista Escolar* – Lisboa, 1929.
53. *A rima e a sua ação lingüística, literária e ideológica* – Lisboa, 1930.
- I – Rima inicial e rima final – Lisboa, 1930 – 77 págs.
  - II – Ação lexical da rima – Coimbra, 1930, separata de *O Instinto*, 79, – 1º – 71 págs.
  - III – Ação gráfica e fonética da rima. – Lisboa, 1930, separata de *A Língua Portuguesa* - 24 págs.
  - IV – Ação mórfica e ação sintáctica da rima. Aveiro – Separata de *Labor* – 29 págs.
  - V – Ação semântica da rima – Porto, 1930 – separata de *Portucale*, Vol. III nº 14 – 31 págs.
  - VI – Ação estilística da rima – Coimbra, 1930 – separata da *Biblos* – Vol. Ns. 1-2; págs. 74, 91 – 24 págs.
  - VII – Ação literária da rima – Lisboa, 1930 – 59 págs.
  - VIII – Ação ideológica da rima – Coimbra, 1930 – separata do *Arquivo Pedagógico*, Vol. IV – 41 págs.
  - IX – Visão panorâmica complementar – Lisboa, 1930 – 45 págs.
54. A interjeição – *Revista de Philologia e de História*, pág. 50/51. – Tomo 1, fascículo 1, (1931) [Este é o último capítulo de cinco, dos quais o primeiro é o referido no nº 52, o segundo no nº 67; o terceiro (A interjeição nas suas relações com a lógica) e o quarto (Vida geral da interjeição) indicados no quinto capítulo, parece não foram publicados).

55. Ação lingüística da métrica (*Seara Nova*, IX, nº 210, pág. 275 – 278, Lisboa, 1930).
56. Relatório de uma missão de representações da filologia portuguesa, realizada em 1930 em Paris, por convite e à expensa do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual. – In Boletim Anual da Bibliografia da Filologia Românica. – Publicação da *Revista Escolar* – Lisboa, 1931 – 8 págs.
57. Alguns processos de expressividade fonética (Nota in *Portucale*, Vol. nº 20 – 1931).
58. Na morte de Mário Barreto (In *A Língua Portuguesa*, III, 44-49, *A Voz* de 21/10/1931).
59. Ecos lingüísticos da soletração e da silabação (*RL*, 30, 98, 1931).
60. Necessidade da criação de um conselho lingüístico nacional (comunicação apresentada ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, de 1932, em Lisboa) in *Boletim de Filologia* - Tomo I, 1932, pág. 374.
61. Alguns casos de semântica abecedária. In *Boletim de Filologia*. Tomo I, 1932, pág. 357.
62. Valor dos trocadilhos para o conhecimento da pronúncia antiga e dialetal. In *Boletim de Filologia*, Tomo I, 1932, pág. 359.
63. Etimologia do vocábulo “garavotil”. In *Boletim de Filologia*, Tomo I, 1932, pág. 361.
64. O número redondo “sete” na toponímia lisboeta – in *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais* – Ano II, nº 5, 1932, pág. 5.
65. O livro e a escola das Beiras (tese apresentada ao Congresso Beirão de 1932) – Lisboa, 1932.
66. Reflexos filológicos dos sinais gráficos e do seu aprendizado – Academia das Ciências de Lisboa, 1932 – 181 págs.
67. Ecos vocabulares e fraseológicos dos sinais abecedários (*RL*, 30 págs. 98, 1932).
68. Reparo crítico a um passo do “Cantar de mio cid”. – Separata da “Revista da Faculdade de Letras”- Tomo I. – Lisboa, 1933 – 13 págs.
69. Em defesa do direito de propriedade da marca “maizena”. – Lisboa, 1933.
70. Sobre a denominação portuguesa das filiais na Associação Internacional – “Le Noël” – Separata da *A Língua Portuguesa* – Vol. IV, fascículo 1 – Lisboa, 1934 – 56 páginas.
71. A literatura popular das beiras – seu valor e correlação com a literatura culta portuguesa. – Lisboa, 1934.

72. Os bordões da conversação (*R Fac Letras*, II, fasc. 1º, 141-144, 1934).
73. Considerações gerais sobre a denominação, as espécies, os domínios e os processos da interjeição (*RL*, XXXII, p. 234-249, 1934).
74. Uma etimologia popular que contém a crítica do parlamentarismo – in *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo II, nº 1 – Lisboa, 1934.
75. Eduardo Brazão – Capitão Correia dos Santos – Margarida Lopes de Almeida – apresentação de 3 conferencistas – in *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo II, nº 1, pág. 167, 1934.
76. O imperfeito verbal na literatura moderna – in *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo II, nº 1, pág. 140, 1934.
77. O nome da ave “poupa” – in *Etnos, Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, vol. I, p. 11-13, 1935.
78. Discurso inaugural do curso de férias de 1935 – In *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo II, nº 2 – Lisboa, 1936.
79. Discurso pronunciado em Sezimbra em 28/8/1935 – (Curso de férias) – in *Revista da Faculdade de Letras*, Tomo II, nº 2 – Lisboa, 1936.
80. Discurso de encerramento de curso de férias de 1935 – *Revista da Faculdade de Letras*. Tomo II, nº 2
81. *A linguagem da mulher* – Lições proferidas em 20, 21 e 23 de fevereiro de 1935. – Academia das Ciências de Lisboa – 1935 – 149 págs.
82. A literatura popular portuguesa em correlação com a literatura culta (conferência) – Porto, 1935 – 52 – 62 págs.
83. Os cursos de férias e o turismo (Tese apresentada ao 1º Congresso Nacional de Turismo) – in *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo IV, ns 1 e 2 – Lisboa, 1937 – (Há também separata publicada pelo Congresso, em 1936).
84. Discurso inaugural de curso de férias de 1936 – in *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo II, nº 2 – Lisboa, 1936.
85. DISCURSO de encerramento de curso de férias de 1936, na *Revista da Faculdade de Letras*. Tomo II, nº 2 – Lisboa, 1936.
86. O problema dos contos portugueses para crianças e a arte de os contar – Lições de curso de férias da Faculdade de Letras, 1936 – Imprensa Nacional de Lisboa, 1936 – 31 págs.
87. A cidade universitária (Conferência) – Separata das conferências sobre Problemas de Urbanização – Lisboa, 1936 – 26 págs.
88. A propósito da palavra “antanho”(Nota in *Revista Faculdade de Letras*, Tomo II, nº 1 – Lisboa, 1936, pág. 137.

89. Doutor Jaime de Magalhães Lima (“in memoriam” – in *Revista da Faculdade de Letras*, Tomo II, nº 1, Lisboa, 1936, págs. 359).
90. Doutor Manuel de Sousa Pinto – Idem. Idem.
91. O problema das linguagens especiais dentro da língua geral visto através do português (conferência realizada no programa do curso de férias, em Cascais, da Faculdade de Letras de Lisboa., 1936).
92. Uma alta figura da ciência portuguesa – o Doutor Leite de Vasconcelos (conferência) – idem, idem.
93. A reforma da Universidade – *Revista da Faculdade de Letras*, Tomo IV, nº 1 e 2 – Lisboa, 1937.
94. Discurso pronunciado em 18 de dezembro de 1934, ao apresentar a poetisa brasileira D. Cecília Meireles, na conferência que esta realizou na Faculdade de Letras – In *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo IV – nº 1 e 2 – Lisboa, 1937.
95. Discurso pronunciado na inauguração do curso de língua e literatura francesa contemporânea. – In *Revista da Faculdade de Letras* – Tomo IV – nº 1 e 2 – Lisboa, 1937.
96. Apresentação da escritora americana D. Alice Lardé de Venturino – Idem, idem.
97. Discurso na inauguração do curso livre de língua e literatura moderna espanhola – Idem, idem.
98. Gil Vicente – obra inacabada.

\*\*\*

## PROF. DR. JOÃO DA SILVA CORREIA

Hernani Cidade

Fulminou-o a morte aos 46 anos, quando ainda as promessas dos seus talentos, garantidas pela sua devoção pela ciência que professava, largamente excediam o muito que já nos tinha dado.

Serenada em todos, a esta distância de alguns meses, a emoção de dor, de espanto, de absurdo protesto em que nos estremeceu a alma a notícia consternadora, é já possível, de olhos nítidos e juízo lúcido, evocar em sua verídica fisionomia moral, em sua exata estatura mental, o companheiro brutalmente arrebatado à nossa obra, o querido amigo de que ficou privada a nossa convivência.

A este mais adequado ângulo de observação, mantém-se inalterável a primeira imagem do homem e do professor. Continua viva a impressão, a todos tão grata, da espontânea e delicadíssima afabilidade do seu trato, a mais de um de nós reviverá episódios da sua desassombrada e galharda lealdade, das riquezas da sua alma, sempre aberta à generosidade e forte para a dedicação.

Ninguém mais gostosamente exercia a bondade sem medida, que é a virtude dos corações perdulários dos próprios tesouros.

Poucos o igualavam no prazer da admiração e da estima. Já repararam que não publicou um único trabalho sem dedicatória encomiástica? Como se enganaria quem nisso visse mais do que o alargamento ao convívio intelectual dos hábitos da calorosa afetividade que usava nas relações sociais! Quantos não terão recebido, como reconhecimento de valores próprios, o que afinal não passava de oferta fácil da sua benevolência ilimitada – e tão otimista!

Severidades, exigência de modéstia que chegava a ser humildade, só as tinha para consigo. Todos lembram a maneira como uma vez sem hesitação se puniu em público de um erro que era um simples lapso de atenção.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O Dr. Arlindo Monteiro chama-me a atenção para o comovido artigo que, por ocasião da morte de João Correia, publicou no *Notícias de Guimarães*, de 13-VI-1937, o Sr. P. Domingos José da Costa Araújo, recordando a *Tribuna Livre – Humildade Intelectual*, que, no melhor espírito e justiça, o Sr. Alfredo Pimenta consagrou ao filólogo.

E grande como o seu coração, era a riqueza do seu espírito, como poucos maleável, penetrante, em irrequieto anseio de atividade permanente. Sem redução nas tarefas livremente assumidas pelos cuidados do estudioso, multiplicaram-se-lhe, por virtude da confiança que a sua excepcional competência a todos merecia, as de caráter oficial, a última das quais foi a vice-reitoria da Universidade. A todas se dava sem repouso e, mesmo quando delas mais parecia distraído, por elas vivia na incessante e mal adivinhada efervescência interior que lhe apressou a morte.

Quando, em 1930, preparávamos o nosso concurso para a Faculdade de Letras, onde viríamos a estreitar uma camaradagem que sempre me será inesquecível, sabendo-me em Lisboa, João Correia procurou-me para me dizer: - Alegra-me que V. venha ao concurso. V. tem-se dedicado à literatura moderna; o Rodrigues Lapa consagra-se sobretudo à literatura medieval; eu tenho a preferência dos estudos linguísticos. Uma vez todos três no desempenho das nossas funções, cada um procurará realizar a obra que seja o indispensável complemento da dos colegas, e a Faculdade ganhará com tal divisão de trabalho. Alegra-me que V, concorra!

Não precisarei de dizer da gratíssima perspectiva de afetuosa camaradagem e útil colaboração docente que logo me descerraram estas palavras. A perspectiva realizou-se – e todos sabem com que magnífica plenitude, da sua parte.

Liberto das cadeiras que menos o interessavam, abandonada mesmo a de pedagogia e didática na Escola Normal Primária, ei-lo concentrando, multiplicando-a, toda a sua atividade de investigador e crítico nos problemas linguísticos.

Naturalmente, não foi inútil à esplêndida fecundidade dos seus trabalhos filológicos a complexa preparação a que o obrigou o meio enciclopedismo do professor em Portugal. Ele inaugurou entre nós estudos linguísticos de aspectos quase desconhecidos. O sábio Dr. Leite Vasconcelos teve assim, na obra deste seu discípulo como poucos bem amado, o necessário complemento das suas valiosíssimas investigações linguísticas e folclóricas. João Correia foi simultaneamente lingüista e folclorista; e porque era ao mesmo tempo dotado de agudo espírito de observação e de fina impressionabilidade estética, sobretudo se interessou pelo que nas expressões populares ou cultas melhor pudesse revelar os jogos subtis da inteligência e da imaginação, os delicados estremecimentos da sensibilidade, suscitados por esta maravilhosa criação do espírito que é a palavra. A palavra como *criação do espírito*, a palavra como órgão da inteligência individual ou colectiva, e, ainda mais do que a *palavra*,

a frase, enquanto reveladora daquelas atividades desinteressadas por que o homem melhor se define – eis o que sobremaneira o interessava. É isto que constitui o objeto dos seus estudos, minuciosos até a exaustão. E são eles o que de melhor poderemos apresentar como contribuição portuguesa para a ciência filológica tal como a compreendem e realizam os contemporâneos Spitzer, Hatzfeld, Vossler, entre outros. Como os deles, incidiram os estudos do jovem filólogo naquela zona em que a lingüística quase se confunde com a poesia e a psicologia – e raros eram como ele simultaneamente dotados para sentir aquela e observar esta.

A morte fulminou-o quase em plena atividade. Foi na recolha de notas para a conferência acerca de Gil Vicente, por ele prometida à Academia das Ciências de Lisboa, que os seus nervos, já fatigados de tanta tarefa e responsabilidades acumuladas, romperam o equilíbrio, que não mais se refez. Quando veio o grande *Apaziguadora*, as únicas energias que encontrou vivas todas para ela convergiam num angustioso apelo. Na absorvente preocupação da morte, na certeza dramática da sua vinda breve, a trancar brutalmente um destino de magníficas promessas, viveu ele quase todo o tempo da doença. Pela primeira vez se ocupou de si próprio! Infelizmente, quando só podia dar como espetáculo à lucidez crudelissimamente aguda da sua inteligência a fatal decomposição do próprio ser.

\*\*\*

---

Transcrito da revista *Petrus Nonius*, Vol. I, Fasc.3, publicada pelo Grupo Português da História das Ciências, Lisboa, 1937.



# O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA HOJE: DESAFIOS E DILEMAS

Leonor Scliar-Cabral  
UFSC/CNPq

## 1. Desafios permanentes

O papel fundamental da escola, no ensino da língua materna, no caso, a portuguesa, é a construção do conhecimento da língua escrita, partindo do pressuposto canônico em psicolinguística de que o sistema oral é adquirido de forma natural, espontânea e compulsória, enquanto o escrito é aprendido de forma sistemática.

Sendo assim, o principal desafio, na aprendizagem do sistema escrito, reside na percepção da fala, e decorrente organização do léxico mental, como um contínuo, enquanto nos sistemas escritos, as palavras, tais como registradas pela norma, vêm separadas por espaços em branco.

Para dar um exemplo, embora isto possa parecer estranho a um indivíduo alfabetizado, é provável que antes de entrar no domínio da escrita, uma criança tenha em seu léxico mental /zo´reʎa/ (“zorelha”), /´zɔʎu/ ~ /´zɔju/ (“zolho”), ao invés de /o´reʎaS/ e /ʔɔʎuS/, uma vez que o artigo definido, por ser um vocábulo átono (clítico), não possui autonomia fonológica e se torna dependente do vocábulo seguinte: sua saliência perceptual é mínima e é percebido como integrante do vocábulo seguinte. Acresce que, por estar no plural, o segmento que o assinala (para facilidade de compreensão, vamos denominá-lo de fricativo), na língua portuguesa, diante de uma vogal, torna-se sonoro, além de constituir com ela uma nova sílaba. Sendo assim, a fronteira morfológica que separava o artigo plural do substantivo torna-se opaca (o que em linguística denomina-se uma juntura externa fechada), razão que explica o registro de /zo´reʎa/ (“zorelha”), /´zɔʎu/ ~ /´zɔju/ (“zolho”) como uma unidade lexical.

Cabe à escola, à medida que for introduzindo o alfabetizando nos princípios do sistema escrito, ensinar-lhe, de modo inteligente, o reconhecimento das partes do discurso, por exemplo, dos artigos, não para que decline definições

ou paradigmas sem entendê-los, mas para que esteja apto a refazer a percepção de certas entidades como um bloco, desmembrando-as em unidades que deverão ser separadas por espaços em branco, na escrita. São tais conhecimentos de gramática (ou seja, metalinguagem) que bloquearão a grafia de “\*nós escreve-mos” e “\*afim de que”.

Se os limites que assinalam o início e o término de unidades, marcadas por espaços em branco, conforme a norma, já constituem uma grande dificuldade para o aprendiz da escrita, maiores são estas nos sistemas alfabéticos, como é o caso da língua portuguesa escrita.

Desmembrar a sílaba, a unidade fonética mínima de maior saliência perceptual, em seus constituintes é, sem dúvida, o maior desafio com o qual se defronta o aprendiz dos sistemas alfabéticos, em virtude do fenômeno da co-articulação.

Com efeito, tanto em nível da percepção quanto da produção dos sons da fala, ocorre, no primeiro caso, a intrusão das pistas acústicas nos segmentos adjacentes e, no segundo caso, a movimentação simultânea dos músculos acionados para a produção destes mesmos segmentos. A rigor, não existem contrastes e, muito menos, delimitações a nível perceptual e articulatório na realização das unidades que denominamos de fonemas, representados, nos sistemas alfabéticos, pelos grafemas (uma ou mais letras).

Refazer, pois, a percepção da fala como um contínuo, cujas unidades fonéticas básicas deixam de ser a sílaba, para desmembrá-la em unidades menores, a realização dos fonemas, a fim de, aos poucos, capturar os princípios do sistema alfabético do português do Brasil, tanto para descodificar os grafemas no processo da leitura e, assim, reconhecer a palavra escrita, como para codificar os fonemas em grafemas e escrever as palavras no texto, é façanha que se irá estruturando *pari passu* com a apreensão destes mesmos princípios.

Como o sistema alfabético do português do Brasil é de uma quase total transparência para a leitura, com exceção de três valores do grafema “x” e dos valores atribuíveis aos grafemas “e” e “o”, todos os demais valores dos grafemas são atribuíveis por regra, sejam elas independentes do contexto fonético, dependentes do contexto fonético, ou de conhecimentos metalingüísticos, como os aplicados para descodificar o acento de intensidade. Parte dos valores atribuíveis aos grafemas “e” e “o”, contudo, podem ser resolvidos pelas regras de metafoia verbal.

O mesmo não se pode dizer da escrita: são inúmeros os contextos competitivos em que, a um mesmo fonema, em palavras pertencendo à mesma

parte do discurso, correspondem grafemas diferentes. Se o redator não possuir um léxico mental ortográfico rico, em que a grafia das palavras se defina pelo significado, não saberá como escrevê-las. Infere-se, pois, que a leitura extensiva e intensiva é o grande alimento para a ampliação de tal léxico ortográfico. Infere-se, ainda, que escrever é muito mais difícil do que ler.

Os desafios permanentes ao ensino da língua portuguesa escrita, principal função da escola, não estão adstritos à automatização dos princípios de seu sistema alfabético, pré-requisito para a leitura e escrita eficientes, mas implicam o desenvolvimento de outras capacidades, dentre as quais avulta, na escrita, a de o redator dominar os instrumentos lingüísticos que permitam a um leitor ausente espaço-temporalmente a recuperação da referência. Portanto, além dos instrumentos de coerência e coesão, deverá dominar o emprego dos dêiticos textuais, ou seja, a passagem que os latinos denominavam da *oratio recta* para a *obliqua*. Com efeito, carecem de embasamento teórico os que afirmam que se deve escrever como se fala, a pretexto de uma “modernização didática”, ou de não tolher o aluno. Sem que se castre o aluno, de forma gradativa, com o ensino inteligente da gramática, utilizando as técnicas de monitoria, devem estar claros para professores e alunos os seguintes fundamentos:

- 1.1 – a fala apresenta uma diversidade geográfica, social e individual, dentro de uma mesma língua, que não impede, contudo, seu processamento;
- 1.2 – o sistema escrito é um só em todo o território nacional;
- 1.3 – a situação canônica da comunicação oral é a interação face a face, em que os participantes partilham do mesmo espaço e tempo e, em geral, de muitos conhecimentos. O uso dos dêiticos espaço-temporais em relação à pessoa que fala e com quem se fala e a sintaxe vertical com elipses de referentes recuperáveis, a cada mudança de turno, tornam desnecessário o emprego de um léxico explícito para designá-los.
- 1.4 – a situação canônica da comunicação escrita é a ruptura espaço-temporal entre escritor e leitor, de onde decorre a necessidade de explicitação lexical das referências e sua contextualização lingüística no espaço e no tempo.
- 1.5 – tanto a comunicação oral quanto escrita visam à eficácia pragmática de atender as intenções do emissor. Para tanto, ele tem a seu dispor uma diversidade de registros adequados ao receptor (a chamada audiência), ao tópico, ao gênero, às funções, ao contexto situacional e ao suporte. É esta a margem de atuação do professor no que diz respeito

ao ensino do português oral. Conforme exposto, quando a criança vem à escola, já adquiriu, no básico, o sistema oral, mas não domina todos os registros nem como usá-los, para a adequação social.

Ensinar o aluno a planejar o discurso oral e escrito, eis uma das funções do professor de língua portuguesa.

Passaremos a examinar os desafios para o ensino do português, decorrentes da contemporaneidade.

## **2. Crescimento exponencial da população escolar**

A Síntese dos Indicadores Sociais-2000, do IBGE, divulgada em abril de 2001, revela uma redução veloz de 25% entre os mais pobres da população brasileira que não podiam freqüentar a escola: a freqüência subiu para 92,5%. Acrescido este indicador ao de que a escolaridade média dos jovens de 15 a 24 anos aumentou 1,2 anos, pode-se concluir o aumento exponencial da população escolar e a conseqüente demanda de professores em sala de aula. Não houve, contudo, tempo suficiente para prepará-los com adequação.

Examinando como se dá o recrutamento e, especificamente, o currículo de formação dos professores que deverão ensinar os alunos a ler e a escrever, verificam-se as distorções e carências responsáveis pela falta de embasamento dos docentes. Há que assinalar os baixos salários dos professores de primeiro grau, que se alinham junto com os dos países mais atrasados do mundo.

Apesar do aumento exponencial da população escolar, o analfabetismo ainda grassa no país: 65% das pessoas que trabalham nas frentes de trabalho no Nordeste são analfabetas.

São poucos os cursos de formação que incluem disciplinas absolutamente necessárias para o entendimento dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita, tais como aquisição da linguagem, lingüística e leitura e escrita. Ainda se atribui maior peso aos cursos sobre processos sensório-motores, que são periféricos, do que àqueles que tratam dos processos cognitivos centrais, responsáveis pela leitura e escrita.

Em minha peregrinação pelo estado de Santa Catarina, ministrando cursos a psicopedagogos, embora reconheça o esforço desenvolvido pelas instituições de ensino superior, no sentido de reciclar o magistério e o empenho deste em suprir lacunas, reconheço que ainda é pouco. É necessário investir muito mais recursos e tempo na formação do magistério. Os cursos de pós-graduação *lato sensu*, ministrados, em geral, em fins de semana, não têm sido

suficientes para, em primeiro lugar, ensinar o próprio magistério a ler e a escrever. O uso do computador, ao invés de benéfico, tem sido uma praga a serviço da colagem sem coerência de trechos recortados da Internet, entregues como monografias de final de curso, sem que o “autor” sequer os tenha lido, quanto mais entendido! Voltarei a este tema, ao abordar o surgimento de novos suportes.

### **3. A explosão científica e tecnológica**

O século XX assistiu a uma explosão científica e tecnológica sem precedentes na história da humanidade: a soma de conhecimentos acumulados superou a de todo percurso anterior do homem sobre a terra. Tal acontecimento teve repercussões sobre o léxico e os universos cognitivos, acarretando a especialização de disciplinas e atividades, em compartimentos quase incomunicáveis.

Para que se compreendam melhor os efeitos da explosão científica e tecnológica sobre o ensino da língua portuguesa, é preciso entender algumas premissas:

#### **3.1 O recorte da experiência**

O recorte da experiência vem acompanhado de sua denominação. A possibilidade de denominação, em qualquer língua, está baseada num princípio inerente aos sistemas lingüísticos, a produtividade. A produtividade lexical utiliza processos morfossintáticos, como a composição e derivação de palavras, de acordo com os recursos licenciados por cada língua. Assim, no português, entre outros, há vários recursos como a prefixação, a sufixação, a prefixação e sufixação, a parassíntese, a derivação regressiva, a derivação imprópria, as abreviaturas, as siglas, a reduplicação, bem como a composição por aglutinação e por justaposição, a mistura dos vários processos, além das paráfrases e dos empréstimos lingüísticos. Os empréstimos lingüísticos, que sempre existiram na evolução lingüística, a partir do século XX, passaram a um volume cada vez maior e, com a globalização, assumiram uma posição avassaladora, particularmente os empréstimos do inglês, embora muitos dos radicais e prefixos tenham origem latina ou grega, tratando-se de uma reentrada, como é o caso de “vídeo”, “televisão” e de “computador”.

A entrada avassaladora dos empréstimos coloca problemas tais como: 1) ruptura de regras grafotáticas, ou seja, violação das regras de distribuição das letras, como, por exemplo. Pump (proteína desacopladora mitocondrial de plantas: voltarei a esta definição); 2) valores ilegais atribuídos aos grafemas, como é o caso de “site”, lido como /sajt/, isto é, com valores do inglês; dicionarização, isto é, consignar no dicionários a grafia da língua originária, com valores ilegais dos grafemas. Recomendaria que, em relação ao item 3),

os dicionários consignassem num apêndice os empréstimos ainda não incorporados à grafia do português.

### 3.2 A produtividade

A produtividade lingüística, isto é, a possibilidade de denominar qualquer experiência passível de ser sentida, percebida ou conhecida pela mente humana se vale, igualmente, de recursos semânticos. A rigor, qualquer signo possui um potencial virtual, ou seja, todo o signo é polissêmico, por natureza, e está a apto a recobrir novas significações, através de processos que abrangem desde a metáfora, a metonímia, até a antropomorfização e outros. Por outro lado, qualquer ato comunicativo, tanto na fala, quanto na escrita, é um ato criativo, no sentido humboldteano de *energeia*. Os signos atualizados na enunciação adquirem sentidos individuados e passam a apontar para os referentes evocados pelos participantes do discurso, dentro de coordenadas espaço-temporais.

### 3.3 Memória cognitiva

Na memória cognitiva, nosso conhecimento de mundo e o enciclopédico estão organizados na forma de esquemas, ou roteiros, ou marcos, em íntima conexão com a memória semântica, de modo que o significado atribuído aos signos e os sentidos construídos nos textos são por aqueles delimitados. Tome-se, por exemplo, o significante /'Redi/, “rede”: dependendo do esquema cognitivo acionado, ao processar um texto oral ou escrito, o sentido será completamente diferente, conforme os esquemas: “sistema de esgotos”, “tipo de leito”, “utensílios para pesca”, “sistemas”, “utilidades para o cabelo”, “meios de comunicação” e assim por diante.

### 3.4 Sentidos novos

Em nível de processamento, temos possibilidade de atribuir sentidos novos com os quais estejamos nos defrontando pela primeira vez, desde que tenhamos o respectivo esquema do tópico em nossa memória cognitiva e desde que o volume de sentidos novos não exceda em 50% os já conhecidos.

Conforme exposto neste tópico, nosso conhecimento está organizado na forma de esquemas, roteiros ou marcos, que estão sendo continuamente reformulados e subdivididos, à medida que nossa informação se amplia. Com a explosão científica e tecnológica, porém, a subdivisão dos esquemas, com os respectivos léxicos e campos semânticos foi tal (a chamada especialização), que nossa memória cognitiva se viu impossibilitada de abarcar todos os que circulam.

As conseqüências pedagógicas de tal explosão para o ensino da língua portuguesa são inúmeras.

Em primeiro lugar, quando venho reiterando que a função da escola, em língua portuguesa, é primordialmente ensinar a ler e a escrever, estou me referindo à leitura tendo como alvo a compreensão e interpretação de textos e à escrita, como tendo por objetivo a redação de textos compreensíveis e interpretáveis por um futuro leitor. No entanto, a criação de universos do discurso especializados, com a respectiva explosão lexical e semântica, torna impenetráveis os textos exatamente porque o leitor não dispõe dos respectivos esquemas. Tomemos, como exemplo, a frase acima “Pump (proteína desacopladora mitocondrial de plantas)”, extraída de uma revista de divulgação científica, *Pesquisa* (São Paulo: FAPESP, 65, jun. 2001, p.42): pelo fato de inexistir o esquema “bioquímica”, ou de ser muito insuficiente em nossa memória cognitiva, somos incapazes de entender a frase.

Tal constatação coloca a necessidade de a disciplina de língua portuguesa jogar um papel interdisciplinar com as outras disciplinas do currículo, de modo que os professores, em conjunto, possam ajudar a ampliação e aprofundamento dos esquemas cognitivos para a compreensão dos textos escolares.

Em segundo lugar, seguindo a tradição latina e ibérica de que somos herdeiros, a formação humanística, dentro da qual o ensino da língua portuguesa desempenha papel maior, está seriamente ameaçada pelo impacto da especialização: perdeu-se de vista que a escola tem como missão o entendimento do ser humano na sua totalidade e realização plena, para condicionar a educação à formação de técnicos que sabem tanto sobre tão pouco que não sabem nada (Bertrand Russel).

#### **4. Novos suportes para a comunicação oral e escrita**

A difusão de novos suportes para a comunicação oral e escrita, particularmente o uso do computador, acarretou novos gêneros e registros ainda não de todo tipificados. Desconhecem-se, ainda, os efeitos retroativos do uso do computador sobre o processamento da cadeia da fala e da escrita, bem como sobre a representação mental do léxico e dos esquemas cognitivos.

O que é certo são as novas formas de pesquisar, utilizando o hipertexto; de redigir monografias, fazendo colagens de textos; e de dialogar nos *chats*, com um registro peculiar que abusa das abreviaturas e dos ícones.

Farei menção a alguns aspectos que se tornam mais evidentes para o ensino da língua portuguesa.

## 4.1 Novas formas de pesquisar

A Internet através de vários *sites*, ou sítios, como já batizaram os portugueses, coloca à disposição dos usuários mananciais preciosos de informação. Pode-se hoje percorrer um museu como o Louvre, ou visitar a Enciclopédia Britânica. Isso fez com que, sem sair de casa, o internauta possa ter acesso a livros e periódicos em número superior aos depositados na biblioteca universitária. Por outro lado, colocou na ordem do dia a necessidade de o usuário saber montar taxonomias para não ficar navegando à toa, em busca de uma informação. O conhecimento de lógica é absolutamente imprescindível, tanto para os que diagramam os *links* no hipertexto, quanto para os usuários.

## 4.2 Colagens

A proliferação de textos e a facilidade de copiá-los para a confecção dos trabalhos escolares deve alertar os professores sobre a forma de avaliação. Além de serem uma perda de tempo para o professor, tais expedientes não auxiliam em nada a ampliação dos conhecimentos dos alunos e ainda estimulam a apropriação indébita, o que é uma forma delicada de denominar o roubo intelectual. Recomendo que a pesquisa bibliográfica seja avaliada na forma de defesa oral dos trabalhos e/ou como fundamentação de pesquisa de campo ou experimental e/ou como comentários pessoais a publicações especificamente indicadas pelo professor e/ou em provas realizadas em sala de aula.

## 5. Conclusões

Nesta apresentação, comecei por tecer considerações sobre os problemas permanentes para o ensino da língua portuguesa. Partindo do pressuposto de que a missão primordial da disciplina é ensinar a ler e a escrever, demonstrei que a principal dificuldade com a qual se defronta o aprendiz é a percepção da fala como um contínuo, enquanto na escrita as palavras são separadas por espaços em branco, de acordo com o que estipula a norma; por outro lado, as letras também contrastam entre si. Argumentei sobre a necessidade do ensino inteligente e gradativo da gramática para que o aluno possa reconhecer as partes do discurso e, baseada nas conclusões dos pesquisadores, asseverei que o desmembramento da sílaba em seus constituintes ocorre *pari passu* com a descoberta dos princípios do sistema alfabético do português do Brasil. Considerei ainda, que, dada a transparência do sistema na decodificação, aprender a ler é mais fácil do que aprender a escrever. Pelo fato de a comunicação escrita pressupor a ruptura espaço-temporal, quem escreve deve poder colocar-se na posição do futuro leitor ausente, redigindo um texto no qual as referências possam ser recuperadas. As diferenças entre a comunicação oral e a escrita tornam impraticável a didática de escrever como se fala.

A seguir, levantei alguns problemas específicos da contemporaneidade para o ensino da língua portuguesa. Comecei por demonstrar que o crescimento vertiginoso da população escolar não foi acompanhado na mesma proporção pela capacitação docente, criando-se um impasse na qualidade do ensino. A explosão científica e tecnológica criou verdadeiros guetos lexicais e semânticos, de modo que os textos especializados se tornam incompreensíveis, mesmo quando redigidos em língua portuguesa. Por outro lado, estabeleceu-se um verdadeiro dilema à formação humanística, pois não há mais vasos comunicantes entre as disciplinas. Por fim, os novos suportes da comunicação oral e escrita, particularmente o computador, estão a exigir novas metodologias para o ensino eficiente da língua portuguesa, que possibilitem a montagem adequada de taxonomias. A forma de produção dos trabalhos impõe reformulações para sua avaliação.

\*\*\*

CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA  
*MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA*,  
DO PROF. EVANILDO BECHARA

Valter Kehdi  
USP

A *Moderna Gramática Portuguesa (MGP)*, do professor Evanildo Bechara, em sua nova edição revista e ampliada, apresenta, com relação à anterior, numerosos e importantes acréscimos e alterações, o que é um estimulante convite a uma leitura atenta e um exame minucioso.

Neste artigo, não é nossa intenção exaurir todos os aspectos da obra, mas concentrarmo-nos em alguns pontos que nos parecem fundamentais. Consideramos como eixo básico da *MGP* as partes dedicadas à Morfologia e à Sintaxe, especificadas da p. 333 à 481.

Relativamente à Morfologia, o autor estabelece, inicialmente, a diferença entre os conceitos de vocábulo, palavra gramatical e palavra léxica. Como esta última se caracteriza pelo significado lexical comum a um grupo de formas semelhantes (p.ex., *cheguei* e *chegaste* são duas flexões de uma mesma palavra léxica, o verbo *chegar*), impõe-se um cotejo entre essas diferentes formas, com o objetivo de apreender elementos comuns e diferenciais. Daí, a proposta da técnica da comutação, que, realizada com o devido rigor e minúcia, nos conduzirá à apreensão dos morfemas constitutivos dessas formas.

No contato entre os morfemas, atuam regras morfofonêmicas (elisão, crase, etc.) que podem determinar o aparecimento de variantes (ou alomorfes). Assim, a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito do indicativo dos verbos de primeira conjugação *-va-* passa a *-ve-* na segunda pessoa do plural (*amá-ve-is*) por influência do iodo. Surge, assim, o problema de estabelecer, entre os diferentes alomorfes de um mesmo morfema, a forma básica; no exemplo acima, o critério estatístico é o mais pertinente: *-va-*, por ocorrer cinco vezes, é o básico. Noutros casos, torna-se necessário apelar para uma forma teórica, deduzida do conjunto das formas relacionadas. Para explicar o plural *mares*, partimos da forma teórica *\*mare* (evidentemente, num enfoque

sincrônico); no singular, dá-se a apócope da vogal temática *-e*, enquanto, no plural, essa vogal é conservada e ao tema se acrescenta a desinência de número *-s*.<sup>1</sup>

As considerações que o autor tece, à p.349, sobre as formas supletivas (p.ex., os diferentes radicais do verbo *ser*) levam-nos a indagar sobre a necessidade de estabelecer um critério distintivo entre o supletivismo e a alomorfia. Com base no *Dicionário de lingüística e gramática*, de J. Mattoso Câmara Jr.<sup>2</sup>, só se deve falar em alomorfia quando a diferença de forma se enquadra num processo de flexão interna sistemático (p.ex., em português, os casos de alternância vocálica na flexão nominal e verbal: *avô/avó; fiz/fez*); ou quando a diferença se reduz a um único traço fonológico: sufixo /ez!:/es/, como em *duquesa/condessa*.

Para a classificação dos diversos tipos de morfemas, o professor Bechara leva em conta que estes podem ser aditivos (prefixos, sufixos, infixos e interfixos), subtrativos e modificativos (de alternância vocálica ou acentual). A noção de interfixo (termo proposto por Yakov Malkiel para designar os afixos vazios que se colocam entre a raiz e o sufixo: p.ex., *-eg-* em *pedregoso*) tem importante implicação na análise morfológica, pois podemos considerá-lo um elemento integrado ao sufixo como um todo – e, assim, passamos a ter novos alomorfes sufixais –, ou, com o objetivo de não tornar excessivamente onerosa a descrição, podemos isolá-los, o que nos conduz à depreensão de novas unidades ainda não satisfatoriamente catalogadas.

Configura-se o morfema subtrativo em pares em que um dos membros é obtido pela eliminação de um elemento do outro membro; *anã* resulta da apócope do *-o* na forma masculina *anão*. Saliente-se que não se pode falar em morfema subtrativo quando o elemento eliminado é sufixo ou desinência; no exemplo acima, baseamo-nos no fato de que, para J. Mattoso Câmara Jr., *-o* é sempre vogal temática nominal, e não desinência de gênero masculino.<sup>3</sup>

Em seguida, o autor passa a caracterizar o morfema zero ( $\emptyset$ ). Relacionando este último conceito com o de morfema subtrativo (pois, nos dois casos,

<sup>1</sup> Essa análise não exclui a possibilidade de se falar, noutra perspectiva teórica, em variantes na expressão do número.

<sup>2</sup> Cf. s.v. *heteronímia*, p.135-6.

<sup>3</sup> Ainda de acordo com o quadro mattosiano, é possível, aqui, falar também de morfema aditivo. Ao masculino *anão* se acrescentaria a desinência de gênero feminino *-a*; com a elisão do *-o* obteríamos *anã* e, pela crase das vogais finais, teríamos *anã*, resultante de um morfema aditivo (cp. espanhol *enano / enana*). Trata-se, portanto, de dupla possibilidade descritiva, caso em que é aconselhável que se escolha a mais econômica.

trata-se de uma redução), cabe estabelecer uma diferença entre os dois: o morfema subtrativo implica a eliminação de uma parte do lexema; não é o que ocorre no par *casa/casas*, em que o singular aparece despojado do -s desinencial do plural e é, portanto, caracterizado pelo morfema  $\phi$ .

Como os morfemas podem suceder-se em seqüências de extensão variável, é necessário que se examine o vocábulo como constituído de camadas binárias superpostas, em que a um núcleo sempre se anexa um elemento periférico. Para isso, é preciso estabelecer técnicas específicas e seguras, abordadas à p. 342; trata-se da análise em constituintes imediatos. É essa análise que nos permite distinguir um derivado sufixal, como *injustiça*, de um parassintético, como *esclarecer*; ao lado de *injustiça*, temos *injusto* e *justiça*, o que mostra que os afixos não se agregam simultaneamente à base. Não é o caso de *esclarecer*, pois são inexistentes as formas *\*esclaro* e *\*clarecer*, o que revela que os afixos se prendem simultaneamente ao radical.

Realizado o levantamento dos morfemas e estabelecidos os diferentes tipos de oposições entre eles, podemos defrontar-nos com os problemas de neutralização e sincretismo, muito bem caracterizados e diferenciados à p.344-6, na esteira de E.Coseriu.

Complementando o estudo dos processos de formação de palavras do ponto de vista constitucional, o autor passa a examiná-los do ponto de vista do conteúdo, também numa perspectiva coseriana<sup>4</sup> (cf. *MGP*, p.391-5); ressaltam-se, aqui, o caráter complementar desse capítulo relativamente ao do ponto de vista constitucional e a possibilidade que oferece ao leitor de confrontar as duas posições.

Desse novo ponto de vista, destacam-se três tipos fundamentais de formação: modificação, desenvolvimento e composição. Essa classificação apóia-se em dois critérios: opera-se com uma base (e temos a modificação e o desenvolvimento) ou com duas (e tem-se a composição); é preciso verificar se o resultado corresponde a uma função inatural (não semelhante a uma função oracional) ou a uma função atual. Note-se que esses traços constituem blocos binários, que refletem um interessante paralelismo que passamos a expor.

A distinção entre modificação e desenvolvimento reside em que, neste último, há mudança de classe, o que não ocorre com a primeira. No caso de *arvoredo*, o sufixo não alterou a classe gramatical da base *árvore* e constitui um exemplo de modificação; já em *beleza*, houve alteração da classe gramatical da base *belo* e estamos diante de um exemplo de desenvolvimento.

<sup>4</sup> Cf. Coseriu, E. – *Gramática, semântica, universales*, cap. VIII (p. 239-64).

A composição subdivi-de em prolexemática, quando um dos membros do composto é um prolexema, ou seja, um elemento de natureza pronominal, substantivo-pronominal genérico (como “alguém” ou “algo”): “alguém” + *ler* → *leitor*; é lexemática quando os dois membros forem lexemas, como em *manga-rosa*. Observa-se que, aqui também, podemos distinguir as funções inatural e atual; acrescente-se, ainda, que a sufixação não fica circunscrita exclusivamente à modificação/desenvolvimento, pois passa a ser examinada com apoio em sua função.

Além do paralelismo assinalado, há, no terreno dos compostos, exemplos mais complexos; é o caso de *guarda-sol*, em que, com base no significado “o que guarda (protege) do sol”, podemos ver no primeiro elemento o correspondente a *guardador*, composto prolexemático. Na combinação com o segundo elemento, o primeiro reduz-se, com a eliminação do sufixo; na nova combinação lexemática – *guarda-sol* –, temos, ainda, a supressão das preposições que se empregariam na sintaxe normal.<sup>5</sup> Observe-se que o exemplo examinado mostra que a redução (derivação regressiva/abreviação) é um fenômeno mais abrangente do que revela uma análise baseada exclusivamente no significante.

Estendemo-nos na exposição desses processos com base no ponto de vista do conteúdo, não só por não terem sido ainda consignados em nossas gramáticas, como também com o objetivo de sugerir ao leitor a exploração de novos veios de pesquisa.

Como muito bem observa Coseriu, a gramática do léxico tem uma especificidade que a distingue da gramática no sentido estrito; se, por um lado, o substantivo *chegada* implica um verbo predicativo, por outro exclui as expressões modo-temporal e número-pessoal. Aqui, é oportuno que se faça uma conexão com o que o professor Bechara expõe às p. 353-4, em que, seguindo a Benveniste,<sup>6</sup> afirma que a composição resulta de transformações sintáticas simples ou complexas; ressalte-se, contudo, que se trata de uma microssintaxe com características particulares que a diferenciam da sintaxe oracional, o que confirma e reforça o ponto de vista comseriano, com a diferença de que, para Coseriu, a gramática do léxico também se estende aos desenvolvimentos.

Relativamente à Sintaxe, discutiremos, inicialmente, as considerações referentes ao período simples.

<sup>5</sup> Assinale-se que a posição de Coseriu só é aceitável do ponto de vista sincrônico, pois, num enfoque diacrônico, o primeiro elemento (*guarda*) é realmente uma forma verbal no imperativo, como o demonstrou exaustivamente A. Darmesteter, no *Traité de la formation des mots composés*. 2.éd. Paris, E. Bouillon, 1894 (p.168-234).

<sup>6</sup> Cf. Benveniste – *Problèmes...*, “Fondements syntaxiques de la composition nominale” (p. 145-62).

O autor parte de uma classificação dos termos oracionais em nucleares/marginais (quanto à coesão), argumentais/não argumentais (em função do traço de (in)completude), opcionais/não opcionais (com base na possibilidade de omissão) e integráveis/não integráveis (quanto à possibilidade de substituição por um pronome pessoal adverbial átono, ou seja, de pronominalização). Essas oposições binárias vinculam-se a traços que se hierarquizam: os argumentais/não argumentais serão integráveis ou não – o que, inclusive, contribuirá para a identificação dos primeiros; os nucleares/marginais associam-se aos opcionais/não opcionais, pois é de esperar que termos marginais possam ser mais opcionais que os nucleares. Com esses elementos, é possível acompanhar a coerência do autor quanto à caracterização dos diferentes termos.

O sujeito pode ser identificado pela concordância com o verbo, pela anteposição com relação a este último e por responder às perguntas *quem?* (ou *quê?*) feitas antes do verbo; ressalta-se que este último critério é também um teste de pronominalização. Por sua vez, o objeto direto normalmente se pospõe ao verbo (com o qual não entra em concordância), é pronominalizável em *o/a/os/as*, responde à pergunta *quem é que?* (ou *o que é que?*) antes do grupo sujeito-verbo; as orações em que figura são, com frequência, apassiváveis.

Destaque especial merece o objeto indireto, encabeçado pela preposição *a* (mais raramente, *para*), e pronominalizável em *lhe(s)*, o que o distingue de outros complementos verbais integrantes regidos de preposição que não *a* e não pronominalizáveis em *lhe(s)* (de que falaremos adiante). Louve-se a recuperação de um termo muito bem identificado por romanistas e gramáticos ao longo do século XIX, mas que, no Brasil, após a *Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB)*, passou a ser confundido com outros sintagmas preposicionais completamente diferentes, como resultado de uma ingênua simplificação estabelecida pela referida *NGB*.<sup>7</sup>

Os demais complementos verbais preposicionados e integrantes, denominados “complementos relativos”, podem ser substituídos por preposição + pronome pessoal tônico e respondem à pergunta “preposição + *que(m)?*” antes do grupo sujeito-verbo. Cabe, aqui, uma observação de caráter terminológico. Essa designação, que ocorre pela primeira vez na *Gramática normativa* de Rocha Lima, não nos parece adequada, pois, para este último, esse complemento pode vir regido de qualquer preposição; afirma basear-se, na proposta dessa termi-

<sup>7</sup> Lembremo-nos de que C.P.Mason, em sua notável *English grammar* (de grande influência sobre muitos de nossos gramáticos de fins séc. XIX e início do séc. XX), após caracterizar o objeto indireto nos devidos termos, toma-o como ponto básico de referência para a identificação de outros termos oracionais, como, p.ex., o predicativo do objeto (*objective complement* - § 395, p. 157-8) e o “predicado indireto” (*indirect predicate* - § 397, p.159).

nologia, no terceiro volume (§ 349, p.384) da *Grammaire des langues romanes*, de M.-Lübke. Entretanto, para o ilustre romanista, complemento relativo é apenas o encabeçado pela preposição *de*, com o valor de “com relação a”, como em “ameaçar alguém *de algo*” (em oposição ao *de* de regime partitivo); portanto, em orações como “Assisti *ao filme*”, “Optei *por F.*”, não poderíamos falar em complemento relativo.<sup>8</sup> De publicação recente, a *Gramática descritiva de la lengua española* propõe a designação de “complemento preposicional de regime verbal” (v.2, §29.1.2., p.1810), que, por sua abrangência, também não é ideal, mas tem a vantagem de não retomar uma rotulação internacionalmente divulgada noutra acepção.

Prosseguindo; o complemento predicativo é identificado pela concordância e por ser substituível pelo pronome demonstrativo neutro *o*, traços que o distinguem do objeto direto e permitem ver que a lista dos verbos de ligação não constitui um grupo homogêneo.

Como exemplo particular de anexo predicativo, o professor Bechara, com base em frases como “Ouço soprar o vento” e “Vejo crescer as árvores”, demonstra, com detalhes e clareza, que o infinitivo exerce, aí, a função de predicativo do objeto. São merecedores de leitura atenta as p. 431-4. Não cremos, contudo, que o anexo predicativo esteja sempre em “frouxidão relacional com o verbo” (p. 429, item *c*): se em “Viu-*o vivo e forte*” é possível omitir o predicativo (que está, portanto, em relação de determinação com o objeto direto), não se dá o mesmo em “O professor manteve o *aluno calmo*”; aqui, *calmo* é indispensável, pois sua omissão implica outro sentido para o verbo (com o predicativo, “conservou”; sem ele, “sustentou”). Neste caso, é de solidariedade a relação entre os dois termos.

Com relação ao complemento agente (agente da passiva), as explicações do autor, ao longo das p.434-5, são suficientemente claras e persuasivas. Insistimos, porém, na observação do relacionamento entre as construções passiva e ativa e no emprego da preposição *por* (ou *de*) como critérios seguros; em “O artista foi elogiado *pela sua técnica*”, além da possibilidade de comutar a preposição com *por causa de*, é mais importante o fato de essa oração não poder corresponder a “\*A (sua) técnica elogiou o artista”.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Cf. R. Lima – *Gramática normativa...*, p.251, n. de rodapé. Embora o autor esclareça que está generalizando o conceito de “régime relatif”, cremos ser preferível a proposta de outra designação.

<sup>9</sup> Para maior esclarecimento sobre a preposição que introduz o complemento agente, consulte-se, de J.M. Câmara Jr., *História e estrutura...*, p.248.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais podem ser identificados por responderem às perguntas (*a*)*onde?*, *quando?*, *como?*, etc., ou seja, advérbios interrogativos (de base pronominal). É no terreno dos circunstantes que aflora maior complexidade, o que nos levará a uma série de reflexões e dúvidas, que expomos a seguir. Considerá-los como facultativos decorre de interpretá-los como marginais. Ora, como mostramos acima, as oposições argumentais/não argumentais e integráveis/não integráveis estão intimamente associadas. Assim sendo, na oração: “Vou *ao cinema*”, *ao cinema* é comutável por *lá/ali* (advérbio de base pronominal); o mesmo se dá em “Trabalho *no cinema*”: “Trabalho *lá/ali*”. Parece-nos que estamos diante do mesmo circunstante de lugar, com a ressalva de que ele é não opcional na primeira oração, e opcional na segunda. A possibilidade de hierarquizar as oposições apresentadas pelo autor permite-nos pôr em plano subordinado o par opcional/não opcional; dessa forma, *ao cinema* e *no cinema* só se distinguem pelo caráter obrigatório e facultativo, e não por uma razão mais profunda. Os circunstantes, portanto, não são necessariamente facultativos; cremos que o que merece discussão são os diferentes graus de coesão, com as respectivas explicações, e uma explicitação detalhada da distinção entre eles e os “complementos relativos”, mais próximos dos circunstantes do que o objeto indireto. Esclareça-se, ainda, que os circunstantes mais coesos são introduzidos por preposições de sentido mais pleno e, portanto, comutáveis por outras. Retomemos, a título de exemplo, a oração do item *j*) (p.448): “Hoje o professor falou pouco *de moral*”, onde é possível substituir a preposição *de* por *em*, *sobre*, *acerca de*, *a respeito de*; note-se que não é o que ocorre com o complemento relativo em “Precisamos *de moral*”, em que a preposição *de* é a única possível.

No quadro dos circunstantes, muito curiosos e sugestivos são os exemplos de superposição de funções: adjunto adverbial de causa e anexo predicativo em “*Por teimoso* não viajou conosco”(p.444), onde também é possível admitir a elipse do verbo *ser* após a preposição (em virtude da relação entre predicativo e aposto).

Os circunstantes de peso, preço e medida podem ser interpretados, em alguns casos, como objetos diretos: “A criança já pesa *vinte quilos*”(p. 446), o que é confirmado pela comutação de *vinte quilos* por *os* e pela possibilidade de topicalização: “*Vinte quilos*, a criança já *os* pesa”; todavia, a possibilidade de comutar o sintagma destacado pelo advérbio *muito*, indica que também é correto analisá-lo como circunstante.

Pode-se concluir que, da mesma forma que Mason caracterizou vários termos oracionais partindo do conceito de objeto indireto, cremos que um aprofundamento no estudo dos circunstantes pode conduzir-nos ao esclarecimento de outros termos.

Essas considerações não nos impedem, contudo, de ressaltar a importância das oposições acima apresentadas, como recursos operatórios eficazes no sentido de permitir a caracterização dos termos oracionais.

No que se refere ao período composto, o autor fundamenta-se nas propriedades dos estratos de estruturação gramatical, segundo E. Coseriu<sup>10</sup>: hipertaxe (ou superordenação), hipotaxe (ou subordinação), parataxe (ou coordenação) e antitaxe (ou substituição), minuciosamente explicitadas às p. 44-50. Saliente-se, aqui também, que essas quatro propriedades se organizam em oposições binárias: hipertaxe/hipotaxe e parataxe/antitaxe.

Como, no quadro coseriano, hipotaxe e parataxe não estão no mesmo nível, o professor Bechara, depois de haver explorado o período simples, parte para o subordinado (oração complexa); com efeito, as orações subordinadas assumem a função de termos oracionais, ou seja, passam a funcionar como membros de outra oração. Depois de esgotar suas considerações sobre a oração complexa, o autor examina as orações coordenadas (o período composto), sintaticamente independente. Cumpre enfatizar que a tradicional ordem de apresentação (período simples/período composto por coordenação/período composto por subordinação) é, aqui, alterada, não por razões pedagógicas, mas sobretudo em função das propriedades dos estratos e suas relações.

A marca formal de subordinação é sempre *que*, designado como *transpositor*<sup>11</sup>, isto é, o elemento que permite que determinada unidade passe a exercer função distinta da de sua categoria; por intermédio do *que* uma oração desempenha o papel de um sujeito, um objeto direto, etc.

Na classificação das orações complexas de transposição substantiva, o autor exclui as completivas nominais, propondo que sejam incluídas entre as de transposição adjetiva, em virtude de serem determinantes de um nome antecedente. Assim, em “O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores”(p.468), a oração sublinhada seria, a rigor, uma adjetiva. Cremos, entretanto, que o complemento nominal tem um caráter basicamente complementar e substantival (cp.: “desejo *de glória* (compl.nom.)/desejar *a glória* (obj.dir.)”); embora determinante (por estar subordinado), sobrepõem-se os traços “argumental” e “não opcional”, diferentemente do que se passa com as locuções adjetivas, o que nos leva a considerar as orações correspondentes como substantivas. Não há dúvida de que, sob a rubrica “completivas nominais”, gramáticas posteriores à *NGB* apresentam, indevidamente, exemplos em

<sup>10</sup> Coseriu, E. – “Principes de syntaxe fonctionnelle”, p. 27 e ss.

<sup>11</sup> Termo proposto por E.A. Llorach – *Gramática...*, § 291, p. 227.

que o antecedente da preposição não é deverbal: “O fato *de que ele não tenha protestado* é significativo”; neste caso, estaríamos diante de uma transposição substantiva apositiva restritiva (cf.: “O fato é *que ele...*”). O engano advém de se considerar como apositiva apenas a oração equivalente a um aposto intervirgulado, o que é curioso, levando-se em conta que essas mesmas obras sempre apresentam detalhadamente os diferentes tipos de aposto.

As orações interrogativas indiretas são apresentadas como justapostas (cf. *Obs. 1ª*, p. 465). Não nos parece absurdo, contudo, considerar que, em: “Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*”, o elemento introdutor *por que* tem função dupla: interna, de adjunto adverbial, e externa, de conectivo. Observe-se que, na interrogação direta correspondente, o referido elemento é permutável: “*Por que* ele saiu cedo? / Ele saiu cedo *por quê?*”, o que não sucede na interrogativa indireta, onde *por que* tem posição fixa, encabeçando a oração em que figura, o que indica também seu caráter conectivo. Ao argumento de que em fase mais antiga do idioma também se empregava o transpositor *que* “Não sei *que por que só chega tarde*” (*Obs. 2ª*, p.465) e, mais tarde, esse elemento desapareceu, pode-se responder que o *por que* seguinte se impregnou do valor conectivo. De qualquer forma, acima de todas essas considerações, está o problema da complexidade de algumas construções justapostas.

Com relação às orações complexas de transposição adverbial, assinale-se que se assemelham às substantivas – pois também são marcadas pelo transpositor *que*, ao qual se antepõe, num segundo momento, uma preposição para expressar circunstância. O fenômeno básico é correto, mas cremos ser possível aprofundar certos aspectos.

Considerando-se que as subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais também apresentam o transpositor antecedido de preposição, cumpre indagar o que as distingue das subordinadas adverbiais.

Uma primeira diferença reside em que, nas substantivas, a preposição é omissível: “Precisas (*de que te protejam*)”,<sup>12</sup> o que não se verifica nas adverbiais.

Outro aspecto diferenciador é que as adverbiais podem ser facilmente omitidas, além de serem normalmente permutáveis e antecidas de pausa<sup>13</sup>: “*Desde que assim quiseram, vão arrepender-se*”(p.493) (cf.: *Vão arrepender-se. / Vão arrepender-se, desde que...*). O autor é sensível a esses aspectos.

<sup>12</sup> Cf. M. Barreto – *Últimos estudos*, p. 413-7.

<sup>13</sup> Lembre-se que sintagmas intervirgulados guardam certa autonomia sintática, o que permite com frequência a permutação, em decorrência da qual o sintagma deslocado pode, em alguns casos, sofrer alteração de conteúdo.

Note-se, por exemplo, o curioso jogo de pausa e elipse em algumas orações consecutivas, quando *tal* figura em um adjunto adverbial da oração principal: “Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos” (p.499); quando o sentido da principal for completo, o adjunto adverbial desloca-se para a subordinada e dá-se a elipse de *tal*: “Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa colocação*” (p.499). A pausa evidencia a permuta do circunstante para a oração subordinada e este se associa mais estreitamente ao transpositor, constituindo uma locução conjuntiva (observa-se que se atenua muito o valor modal do substantivo nuclear do circunstante).<sup>14</sup>

Sem dúvida, no estudo da subordinação (hipotaxe), o quadro coseriano possibilita uma descrição simplificada e marcada por paralelismo (note-se a importância do transpositor nas substantivas e nas adverbiais), a que não faltam rigor e coerência.

Passemos a examinar a coordenação (parataxe), em que as orações são sintaticamente independentes. Seleccionamos, aqui, alguns tópicos que nos parecem de capital importância.

Embora M. Maciel já tivesse proposto, com argumentos convincentes, a exclusão das coordenadas conclusivas e explicativas, a *NGB* as conservou e, por tabela, também o fizeram as gramáticas posteriores. É louvável que o professor Bechara recupere a posição de M. Maciel, alicerçando-se com novos argumentos (cf. p.322). Dessa forma, no quadro das coordenadas devemos ater-nos somente a três tipos: aditivas, adversativas e alternativas.

No parágrafo “Justaposição ou assindetismo” (p.479), julgamos conveniente assinalar que a construção justaposta não é específica da coordenação; há, também, exemplos na subordinação. Em princípio, do ponto de vista sintático, parece não ser fácil distinguir as construções justapostas: “Levantei cedo, tomei café, saí...” e “Há dias não o vejo”. Contudo, a possibilidade de omissão de um dos segmentos (ou comutação com  $\phi$ ) permite perceber que, no primeiro exemplo, cada um deles constitui um enunciado independente aceitável: “Levantei cedo”/ “Tomei café”/ “Saí”. Trata-se, aqui, de coordenação (orações independentes). Já em: “Há dias não o vejo”, a eliminação de “Não o vejo” tem como resultado “Há dias”, enunciado inaceitável isoladamente, o que revela seu caráter de determinante e, portanto, de elemento subordinado, o que nos permite concluir que *há dias* é uma subordinada justaposta.

O parágrafo relativo às orações intercaladas (p. 480-1) apresenta um levantamento em função de aspectos semânticos: intercaladas de citação,

<sup>14</sup> Para maior aprofundamento no exame desses fatos, leiam-se atentamente as p. 449-500, onde também se discute o problema da justaposição a eles associado.

advertência, opinião, etc. Consideramos que essas orações constituem uma das grandes dificuldades da Sintaxe, pois estamos diante de dois níveis (enunciado e enunciação, esta última geralmente representada pela intercalada) e os mecanismos subjacentes a essa construção não são homogêneos. Assim, nos exemplos “Dê-me água, *me pediu o rapaz*”(citação), a intercalada é incompleta, o que possibilita analisá-la como principal; observe-se que, com a permutação, ela se torna visivelmente principal: “*O rapaz me pediu*: Dê-me água”.<sup>15</sup> Por outro lado, em “Em 1945 – isto aconteceu no dia de meu aniversário – conheci um dos meus melhores amigos”(advertência), a intercalada é completa e, deslocada para o início ou para o fim do período, praticamente adquire o caráter de oração independente. O importante a assinalar é que, neste tópico, se mesclam problemas de enunciado/enunciação, entonação, etc., que apontam para a complexidade da construção.

Não era nossa intenção esgotar todos os aspectos importantes e inovadores da *MGP*; por isso, fixamo-nos no eixo central da Morfologia e da Sintaxe, que se projeta coerentemente nas demais partes da obra. Examine-se, por exemplo, a descrição da flexão nominal de número (p.118-22), apoiada basicamente no conceito de forma teórica; não se esqueçam também, no que se refere às locuções conjuntivas subordinativas (p. 324-5), as reflexões decorrentes do que se discutiu sobre a hipotaxe.

Digna de nota é a retomada de posições lingüístico-gramaticais já solidificadas, mas, infelizmente, hoje esquecidas ou desvirtuadas: é o caso do conceito rigoroso de objeto indireto e da classificação econômica e coerente das conjunções coordenativas (de acordo com M. Marciel).

Como já assinalamos acima, relativamente aos processos de formação de palavras com base no conteúdo, são oferecidos importantes veios de pesquisa ao leitor atento e arguto: a comparação com os mesmos processos considerados do ponto de vista do significante, a interpretação das diferenças terminológicas entre os dois enfoques, a revisão do estatuto dos parassintéticos, sem nos esquecermos de que a posição de Benveniste sobre a microssintaxe dos compostos permite que se formulem regras de formação do plural desses substantivos em bases mais rigorosas e confiáveis.

Concluindo nossos comentários, não podemos deixar de destacar o fato de que o professor Bechara não dissocia um sólido embasamento de Língua (aqui, marcadamente coseriano) do aprofundamento de questões de língua

<sup>15</sup> O que não significa que considerá-la principal seja a melhor análise. Atente-se, ainda, para a mudança de ordem dos termos constitutivos, após a permuta. Esses aspectos mereceriam maior atenção e desenvolvimento num artigo específico.

portuguesa. Leiam-se, a título de ilustração, suas ponderações sobre as construções *já não* e *não mais*, às p. 441-2. A nova edição da *Moderna Gramática Portuguesa* reforça e aprofunda uma diretriz que já se fazia presente na edição anterior: a indispensável vinculação entre teoria lingüística e gramática (o que é ponto pacífico), porém com a segurança de quem conhece a fundo os fatos da língua portuguesa, e por isso, não teme expô-los e discuti-los com a devida profundidade.

## BIBLIOGRAFIA:

- ALARCOS LLORACH, Emilio – *Gramática de la lengua española*. Madrid, Espasa Calpe, 1994.
- BARRETO, Mário – *Últimos estudos*. 2.ed. Rio de Janeiro, Presença, 1986.
- BECHARA, Evanildo – *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Lucerna, 1999.
- BENVENISTE, E. – *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Gallimard, 1974 (v.2).
- BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, V. (dir.) – *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid, Espasa-Calpe, 1999 (3v.)
- CÂMARA Jr., J. Mattoso – *Dicionário de lingüística e gramática*. 17.ed., Petrópolis, Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_ – *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1975.
- COSERIU, E. – *Gramática, semântica, universales*. 2.ed. ver., Madrid, Gredos, 1987.
- \_\_\_\_\_ – “Principes de syntaxe fonctionnelle”. *Travaux de Linguistique et de Philologie* – XXVII, Strasbourg-Nancy, 1989.
- LIMA, Carlos H. da Rocha – *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992.
- MASON, C.P. – *English grammar*. 41.ed. London, George Bell, 1904.

\* \* \*

## BIOBIBLIOGRAFIA E CRÍTICA TEXTUAL

### NOTAS E COMENTÁRIOS – III <sup>1</sup>

Maximiano de Carvalho e Silva  
UFF

SUMÁRIO: 11. SOUSA DA SILVEIRA E AS SUAS EDIÇÕES CRÍTICAS E COMENTADAS DE AUTORES BRASILEIROS. / 12. FONTES PARA O ESTUDO DA VIDA E OBRA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS. / 13. PRESENÇA CAMONIANA NA LITERATURA BRASILEIRA. / 14. GUSTAVO CORÇÃO E A SUA OBRA SINGULAR: REEDIÇÃO DE *A DESCOBERTA DO OUTRO*.

#### 11

#### SOUSA DA SILVEIRA E AS SUAS EDIÇÕES CRÍTICAS E COMENTADAS DE AUTORES BRASILEIROS

*Obras de Casimiro de Abreu*. Apuração e revisão do texto, esboço biográfico, notas e índices por Sousa da Silveira. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1999. XXXVI + 472 p. [Reprodução fac-similar do texto da 2ª edição, de 1955, precedida de um estudo prévio de Maximiano de Carvalho e Silva com o título de “Esta reedição das *Obras de Casimiro de Abreu*”.]

Domingos José Gonçalves de Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades*. 5ª edição. Brasília, Editora Universidade de Brasília/ Instituto Nacional do Livro, 1986. 438 p. (Edição comemorativa dos 150 anos de publicação da obra, com prefácio de Fábio Lucas, Diretor do INL.) [6ª edição, reprodução da anterior, lançada pela editora da UnB em 1999.]

Na terceira parte do ensaio biobibliográfico a que dei o título de *Sousa da Silveira: o Homem e a Obra – Sua Contribuição à Crítica Textual no Brasil* (Rio de Janeiro, Presença, 1984), tive ocasião de tratar do pioneirismo do grande mestre das *Lições de Português* na aplicação dos princípios da Crítica

<sup>1</sup> Continuação da série de tópicos iniciada no número 19 desta revista.

Textual à preparação de edições críticas e comentadas de autores brasileiros, comprovado pela publicação no final da década de 30 das suas edições de *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães (em 1939) e das *Obras de Casimiro de Abreu* (em 1940). São duas edições modelares no que diz respeito aos critérios adotados na fixação do texto crítico, e enriquecidas de notas e comentários que as singularizam em relação ao que se fazia até então, e ainda hoje se podem ler com grande proveito.

Como se vê pelas indicações iniciais deste tópico, as duas mencionadas edições críticas foram reeditadas em 1986 e 1999, mas de forma desigual, e é sobre isto que falarei em seguida, por imperioso dever de fazer uma advertência aos possíveis interessados pelas mesmas.

### **A quarta, quinta e sexta edição dos *Suspiros Poéticos e Saudades***

A quarta edição dos *Suspiros Poéticos e Saudades*, com a data de 1939, saiu como volume II de uma projetada edição das “Obras Completas” do escritor, que não teve continuidade. Era uma das primeiras da série de publicações de textos em edições cuidadas segundo o plano idealizado pelo então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, a quem se deve a criação do Instituto Nacional do Livro, uma das peças fundamentais no processo de valorização da nossa cultura.

O filólogo, de posse das três edições da obra em vida do autor (datadas de 1836, 1859 e 1865), fez o minucioso cotejo das mesmas, concluindo que o texto definitivo era o da terceira edição, e reproduziu-o como texto de base na grafia original, nele corrigindo apenas “os evidentes erros tipográficos”, e registrou as variantes das edições anteriores em notas explicativas de rodapé, como nunca antes se fizera com tanto rigor e segurança entre nós. Concluído o trabalho, a ele se acrescentou um “prefácio literário”, elaborado pelo historiador e ensaísta Sérgio Buarque de Holanda.

A verdade é que essa edição de 1939 dos *Suspiros Poéticos e Saudades*, embora não alcançasse a merecida repercussão entre todos os estudiosos de língua portuguesa e literatura brasileira, servira desde logo, como fonte preciosa de ensinamentos, a estudiosos da vida e obra de Gonçalves de Magalhães como Alceu Amoroso Lima, Antônio Cândido, José Aderaldo Castelo, Antônio Soares Amora, Luciana Stegagno Picchio e outros. Em Portugal, o professor italiano Giacinto Manuppella, que lecionava na Universidade de Lisboa e mais tarde se transferiria para Coimbra, e se tornaria conhecido pelo valor das suas edições de textos da literatura portuguesa, percebeu a importância do registro filológico da edição, ao dizer num breve comentário: “Le annotazioni

danno larga parte allo studio comparativo della lingua di questo scrittore con quella degli scrittori contemporanei portoghesi e brasiliani”<sup>2</sup>.

Em 1986, a Editora da Universidade de Brasília se associou ao Instituto Nacional do Livro para a publicação da quinta edição do livro de Gonçalves de Magalhães, num projeto comemorativo dos 150 anos da primeira edição dessa obra que é considerada o marco da introdução do Romantismo no Brasil. Na orelha do volume está dito que se tomou por base “o texto anotado por Souza [sic] da Silveira”, mas nem aí, nem em qualquer outra parte, nada se diz sobre o filólogo e o seu trabalho pioneiro. O seu próprio nome aparece grafado de duas maneiras: *Souza* (na orelha) e *Sousa*, como deve ser (no prefácio do então Diretor do INL e na nota explicativa inicial do filólogo). O prefácio diz que a reedição se faz “segundo o texto anotado por Sousa da Silveira” em 1939, e diz mais que “a única novidade desta nova reapresentação consiste no glossário que se lhe acrescenta, de autoria da professora Maria de Jesus Evangelista”. Fica-se pois na expectativa de que a seguir virão o texto e as notas de pé de página em transcrição rigorosa do que se encontra na edição de Sousa da Silveira.

Afeito ao trabalho de revisão crítica e de crítica filológica, sei há muito tempo das barbaridades e abusos cometidos por pessoas despreparadas que se encarregam de reproduzir textos alheios sem terem no entanto a noção do direito autoral de ver conservadas as suas características de forma e de conteúdo, e por isso se julgam no direito de alterá-los à vontade, adotando as soluções que lhes parecem mais cabíveis para resolver os problemas mais diversos. Ao ver reeditada a edição de Sousa da Silveira, sob a responsabilidade da Universidade de Brasília e do INL, não podia eu imaginar todavia que alguém tivesse tomado a liberdade de introduzir modificações no trabalho preparado pelo sábio e benemérito filólogo, que formou um grande número de especialistas em Crítica Textual, dando-lhes magníficos exemplos de probidade intelectual e transmitindo-lhes o seu amor aos textos e a sua preocupação de preservá-los das abusivas alterações a que são submetidas em muitas aventuras editoriais<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> In *Os Estudos de Filologia Portuguesa de 1930 a 1949: Subsídios Bibliográficos*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1950, p. 176.

<sup>3</sup> Entre os mais conhecidos e declarados discípulos ou admiradores de Sousa da Silveira que também se destacaram como autores de obras de fundamental importância figuram os professores e escritores Glástone Chaves de Melo, Sílvio Elia, Serafim da Silva Neto, Matoso Câmara Júnior, Celso Cunha, Antônio Houaiss, Othon Moacir Garcia, Rocha Lima, Jesus Belo Galvão, Cleonice Berardinelli, Emanuel Pereira Filho, Adriano da Gama Kury e numerosos outros.

Como já foi esclarecido, na fixação do texto da sua edição adotou o filólogo o critério de tomar como texto de base o da terceira edição, de 1865, de transcrevê-lo na grafia da época ou do autor, corrigindo apenas os erros tipográficos evidentes. Portanto, o texto da edição de 1939 vem em grafia antiga, do século XIX, e assim também se transcreve no registro das variantes o que aparece de diferente nas edições de 1836 e 1859. Texto crítico e notas estão em perfeita correspondência, e isto tem de ser conservado numa nova edição que se proponha a tudo fazer “segundo o texto anotado por Sousa da Silveira”, para usar as próprias palavras de Fábio Lucas.

Com pesar verifiquei, ao examinar o texto dessa quinta edição, que uma pessoa não identificada em nenhuma parte do volume tomou a seu cargo “preparar” o texto para a nova apresentação, e perpetrou dois abusos fundamentais: fez retoques de redação no texto do filólogo (como ao substituir na introdução o título “A Presente Edição” por “Nota Explicativa”, na primeira linha “A presente edição reproduz” por “Reproduz”, a forma “registro” por “registro” etc.); e atualizou a grafia dos escritos de Gonçalves de Magalhães, conservando porém na grafia antiga os textos das variantes, de tal modo que em várias passagens, se o leitor se der ao trabalho de confrontar a nota com a passagem respectiva, não vai encontrar nenhuma correspondência, e ficará sem compreender a razão da discrepância.

Uma pergunta embaraçosa não pode deixar de ser feita: terão tido os patrocinadores da quinta edição o assentimento dos detentores dos direitos autorais de Sousa da Silveira (em 1986 - as suas três filhas, hoje uma só ainda viva) para o lançamento da mesma com as “adaptações” nela introduzidas?

Vou limitar-me a uns poucos exemplos para ilustrar as minhas afirmações, mas estou certo de que com eles, e mais as outras observações pertinentes, se poderá melhor avaliar o que estou afirmando.

No texto do prefácio de Gonçalves de Magalhães que tem o título de “Lede” encontra-se a seguinte passagem, que transcrevo como está na edição de 1865: “á que Divindade se consagra o templo”. Como Sousa da Silveira no texto crítico de 1939 repete a grafia do original, assim também está lá, e por isso a nota correspondente às linhas 2-3 adverte: “É demais a crase em *a que*”, ou seja, é demais o acento indicativo de crase nesse *a*. A quinta edição, atualizando o texto crítico, substituiu *á* por *a*, mas conservou a nota, que ficou estranha, desnecessária e incompreensível para o leitor.

No segundo verso do poema número XXXIX, “Napoleão em Waterloo”, se lê na edição de 1865, e também na de 1939: “O *Metéoro* fatal ás regias

frontes!”<sup>4</sup>. O poeta escreveu no verso 62 do poema II: “E vagando no céu como um *metéoro*”; e em nota da sua edição o filólogo, falando na dupla prosódia da palavra (*metéoro / meteoro*), aponta a ocorrência da forma *meteoro* no verso 107 do poema XXII: “Que estragador, ardente *metéoro*”. Apesar dos esclarecimentos de Sousa da Silveira, o “preparador” da quinta edição tomou atitudes desencontradas: em II, 62, conservou *metéoro*; em XXII, 107 conservou *meteoro*; mas em XXXIX, 2, converteu *metéoro* em *meteoro*, embora a nota 2 de pé de página lá tenha ficado com a advertência do filólogo de que aí a palavra é proparoxítona!

Nesse mesmo poema “Napoleão em Waterloo”, cometem-se outros erros palmares: formas e grafias preservadas por Sousa da Silveira foram alteradas, e assim *dous* foi convertida em *dois*, *zenith* (correspondente à pronúncia proparoxítona *zenite*, de que fazia questão absoluta o filólogo, como se vê nas suas *Lições de Português*<sup>5</sup>) em *zênite*, *stava* em *estava*, *tectos* em *tetos*, e assim por diante.

Outro reparo que não pode deixar de ser feito é o relativo aos descuidos de revisão tipográfica, que se percebem desde as primeiras páginas. Na página 9, por exemplo, palavras que estão em tipo normal deveriam estar em itálico, por serem exemplos citados pelo autor - “a falta de acento nas palavras *ja*, *so*, *dor*, *soa*, etc.”; em vez de “boas normas gramaticais *em vários pontos*” se lê “boas normas gramaticais *e, vários pontos*”.

Quanto ao glossário acrescentado ao volume, nota-se perfeitamente que não foi feito segundo uma técnica mais rigorosa, faltando-lhe inclusive a indicação das passagens em que ocorrem as palavras nele arroladas.

Com o que foi apresentado, tem o leitor elementos para saber que a quinta edição de *Suspiros Poéticos e Saudades* não merece fé, só podendo ser consultada com extrema cautela, tantos são os erros nela encontrados. Não é de fato a edição do poema segundo o plano estabelecido por Sousa da Silveira no ano de 1939, e que só ele teria o direito de alterar, sem dúvida alguma.

Foi por uma notícia do professor Hélder Garmes (USP), publicada no *Jornal da Tarde* de 28/11/1998, que tive informação de que a editora da Universidade de Brasília lançara a sexta edição do livro, simplesmente como nova impressão da anterior. Hélder Garmes aí faz uma boa avaliação do que repre-

<sup>4</sup> Nos exemplos citados no correr deste artigo, reproduzo em itálico as palavras ou expressões a que se referem as minhas observações.

<sup>5</sup> V. 9ª edição, Rio de Janeiro, Presença, 1983, p. 9 (no estudo prévio de Maximiano de Carvalho e Silva).

senta Gonçalves de Magalhães em nossa literatura, percebe o valor da edição crítica de Sousa da Silveira e do prefácio literário de Sérgio Buarque de Holanda, mas, partindo do pressuposto de que essa sexta, como também a quinta edição, reproduzem com absoluta fidelidade a que foi preparada pelo filólogo em 1939, não alerta o leitor para as reservas que deve ter em relação à reedição promovida pela Universidade de Brasília, mercada como já tive ensejo de comprovar por absurdas alterações do que consta da edição de 1939.

### A nova edição das *Obras de Casimiro de Abreu*

A edição crítica das *Obras de Casimiro de Abreu* de autoria de Sousa da Silveira foi publicada pela primeira vez em 1940, para a comemoração do centenário de nascimento do Poeta, ocorrido no ano anterior. No “eskorço biográfico” que para ela escreveu o filólogo, ficou dirimida uma dúvida que perdurava até então: o ano de nascimento não era o de 1837, como afirmavam muitos biógrafos, mas seguramente 1839. A comprovação de que o autor d’*As Primaveras*, morto em 1860, só tivera 21 anos de vida ainda mais ajudou a entender a sua precocidade na feitura de composições em verso, aos 17 e não aos 19 anos de idade, entre os quais os poemas “Minha Terra”, “Canção do Exílio”, “Saudades”, “Minha Mãe”, “Meus Oito Anos” e a cena dramática *Camões e o Jau*, escrita e representada em Lisboa no ano de 1856.

Tomando como base os textos de *Camões e o Jau* na edição portuguesa de 1856 e de *As Primaveras* na edição brasileira de 1859, a que se acrescentaram outros textos avulsos, reproduziu-os o filólogo na nova ortografia da língua portuguesa, mas com a máxima preocupação de conservar as formas lexicais e construções sintáticas características da obra casimiriana. O mais importante, porém, é que o filólogo recheou a edição de riquíssimos comentários filológicos. no desejo de atingir três finalidades principais explicitadas na introdução crítico-filológica da edição: “a) Restituição do texto de Casimiro (salvo no tocante à grafia, simples roupagem da palavra) à conformidade com o publicado em vida do autor, e que as múltiplas reedições têm deturpado bastante; b) Interpretação do sentido estético e rítmico da versificação, nos pontos em que o poeta se desviou da rotina; c) Demonstração de que era inteiramente injusta a nota de escritor incorreto que mareava um tanto o renome de uma das mais belas e sólidas organizações literárias que temos tido, apesar do pouco tempo que viveu”<sup>6</sup>.

Através dos seus comentários de grande conhecedor de lingüística, estilística e versificação portuguesa, em extensas notas, muitas delas compa-

---

<sup>6</sup> Cf. *Obras de Casimiro de Abreu*, 1940.

rativas, Sousa da Silveira demonstrou cabalmente que a Casimiro de Abreu não se aplicam as pechas de poeta medíocre, versejador desleixado e escritor incorreto com que absurdamente o atingiam críticos apressados e preconceituosos. Os comentários filológicos de Sousa da Silveira são de seis tipos principais: a) os referentes à fidelidade às lições textuais, buscadas nos textos fidedignos; b) os de caráter histórico-cultural, com a finalidade de propiciar o perfeito entendimento das alusões casimirianas; c) os referentes às críticas infundadas ao emprego de formas e expressões estranhas ao uso brasileiro; d) os referentes a questões gramaticais e às acusações de “escritor incorreto” de que o Poeta fora alvo; e) os referentes a problemas de métrica e rima, especialmente à versificação irregular; f) os referentes a questões de pontuação. Não há, em edições críticas e comentadas de obras de autor brasileiro, nada que seja mais rico e documentado e em muitos pontos definitivo do que tais comentários do sábio filólogo das *Lições de Português*.

Em 1955, por iniciativa da direção do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, reeditou-se a edição de Sousa da Silveira, bastante melhorada, inclusive com o acréscimo de 11 poemas colhidos numa edição de 1884, organizada por Joaquim José de Carvalho Filho, possuidor de inéditos do Poeta.

Como consequência, a crítica especializada reconheceu que outra era a verdadeira imagem do poeta de *As Primaveras*<sup>7</sup>, e assim Casimiro de Abreu firmou a posição merecida entre os autores do seu tempo, sobre a qual pairavam tantas dúvidas.

Já há muitos anos era esperada uma terceira edição das suas obras poéticas. Fui encarregado pelo Diretor da Editora Itatiaia, já há vários anos, de elaborar um plano e um estudo prévio para ela, o que fiz sem demora, sugerindo que se reproduzisse em fac-símile a segunda edição dessa edição crítica, a que fora lançada em 1955 pela Casa de Rui Barbosa, e deixando bem claro que no momento oportuno gostaria de ver as provas finais do novo livro, para inclusive fazer (se fosse o caso) alguma alteração ou atualização ao meu estudo.

<sup>7</sup> V. no registro bibliográfico do meu livro *Sousa da Silveira: o Homem e a Obra / Sua Contribuição à Crítica Textual no Brasil* (Rio de Janeiro, Presença, 1984), sobre o trabalho de revalorização casimiriana empreendido pelo filólogo, os impressionantes juízos críticos expendidos por Afrânio Peixoto, Alceu Amoroso Lima, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Alphonsus de Guimaraens Filho, Péricles Eugênio da Silva Ramos, João Alphonsus, Rubem Braga, Serafim da Silva Neto, Gládstone Chaves de Melo, Paiva Boléo, Rocha Lima, Aurélio Buarque de Holanda, Álvaro Lins, Matoso Câmara Jr., Antônio Cândido, Edgar Cavalheiro, Antônio Houaiss, Celso Cunha, Emanuel de Moraes, Celso Pedro Luft, Sílvio Elia, Jesus Belo Galvão, Antônio Soares Amora, Raimundo Magalhães Júnior, Jamil Almansur Haddad, Hermes Lima, Nogueira da Silva, Fernando Góis, Tulo Hostílio Montenegro, Waltensir Dutra, Américo Jacobina Lacombe, Barbosa Lima Sobrinho, João Pacheco, Laurita Pessoa Raja Gabaglia.

Os anos correram, e o editor não me deu mais notícias do seu projeto. Tive há poucos meses a surpresa de verificar que a Itatiaia publicara essa terceira edição, sem a indispensável autorização final, com dados do meu estudo que deveriam ter sido atualizados nas provas finais, uma capa de mau gosto estético, em que o nome do filólogo está alterado (*Souza* em vez de *Sousa*, embora esta última seja a grafia constante da nota biográfica de minha autoria). Os meus direitos de organizador do plano e do estudo prévio da edição foram ignorados, e não seria de estranhar que também o fossem os direitos dos herdeiros de Sousa da Silveira. De qualquer maneira, tenho a satisfação de verificar que a minha sugestão de reproduzir em fac-símile o texto da segunda edição de 1955 foi acatada, o que é uma garantia ao leitor de ter diante dos olhos o que foi preparado e cuidadosamente revisto pelo próprio filólogo.

No estudo prévio que intitulei “Esta reedição das *Obras de Casimiro de Abreu*”, ao apontar por um lado os grandes méritos da edição de Sousa da Silveira (como o de apresentar textos fidedignos e comentários filológicos de suma importância) e por outro as suas falhas e deficiências, segundo as pesquisas que tenho realizado e as exigências da ciência filológica nos dias atuais, procuro demonstrar que não está concluído o trabalho da Crítica Textual em relação a Casimiro de Abreu. Todavia, senti-me no dever de acentuar que, para o julgamento isento e lúcido do valor da contribuição de Sousa da Silveira aos estudos casimirianos, devem ser postos em realce principalmente as extraordinárias qualidades do que realizou em condições tão precárias e o pioneirismo da sua atuação de editor crítico de autores brasileiros.

## 12

### FONTES PARA O ESTUDO DA VIDA E OBRA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS

Alphonsus de Guimaraens Filho. *Alphonsus de Guimaraens no Seu Ambiente*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 1995. 427 p.

Alphonsus de Guimaraens. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001. 652 p. [Edição organizada por Alphonsus de Guimaraens Filho, com a colaboração de Alexei Bueno e Afonso Henriques Neto.]

O meu conhecimento inicial da vida e obra de Alphonsus de Guimaraens data dos primeiros anos da década de 40, em que fui aluno de uma das últimas turmas do curso secundário em cinco anos (ou curso ginásial, como então se

dizia)<sup>8</sup>. Naqueles distantes anos, nos programas das matérias obrigatórias de língua portuguesa e línguas estrangeiras – latim, francês e inglês – estavam incluídas noções das literaturas respectivas, o que nos permitiu concluir o curso secundário com pelo menos algumas idéias sobre a vida e obra das maiores figuras das literaturas brasileira, portuguesa, latina, francesa e inglesa. Os textos dos autores principais eram lidos nas antologias respectivas. Das aulas de francês, por exemplo, gravei na memória pelo menos três poemas do poeta simbolista Paul Verlaine, que tão grande influência exerceu em nossa literatura, e as observações críticas e comparativas que nos fez a nossa inesquecível professora Débora Lago de Toledo Fonseca, das quais me valeria pouco mais adiante, ao saber da existência dos dois maiores simbolistas brasileiros – Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens. Foi por esse tempo que de leitor atento das lições dos livros didáticos de todas as matérias passei a ser leitor por conta própria de obras literárias, com um interesse cada vez maior, graças a vários estímulos.

Um dos compêndios que li com maior encanto foi a *Pequena História da Literatura Brasileira*, de Ronald de Carvalho, cuja primeira edição tem a data de 1919. No capítulo final dessa edição, o autor trata com imprecisão e muitas deficiências do movimento simbolista, e embora reconheça o valor da poesia de Cruz e Sousa, não faz a mínima referência a Alphonsus, que então vivia no seu retiro de Mariana, onde o foi visitar Mário de Andrade, com a sua impressionante capacidade de descobrir tesouros escondidos. Na edição definitiva da obra de Ronald de Carvalho, a quinta, de 1935, com o texto revisto e aumentado, ampliaram-se as referências a uns poucos poetas simbolistas, mas Alphonsus é apenas citado, sem nenhum comentário, o que é prova de que Ronald, falecido em 1935, de fato não tomara conhecimento da sua obra poética.

O que iniciou o processo de divulgação mais ampla da obra de Alphonsus, em âmbito nacional, foi a primorosa edição das *Poesias* dirigida e revista por Manuel Bandeira, com importante notícia biográfica e notas de João Alphonsus, filho do simbolista mineiro. A revelação da existência do poeta extraordinário, cuja vida no entanto era desconhecida do grande público, despertaria daí por diante o desejo de aprofundar os estudos a ele referentes, quer os de caráter biobibliográfico, quer os de análise da sua produção literária em prosa e em verso.

Todavia, o meu primeiro encontro com a poesia de Alphonsus só se deu em 1942. No ginásio de que eu era aluno havia um grêmio literário que pro-

<sup>8</sup> Depois das turmas formadas em 1942, a reforma de ensino patrocinada pelo Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, instituiu a obrigatoriedade de ensino médio de 7 anos, dividido em duas etapas: o ginásio de quatro anos e o colégio de três anos.

movia palestras dos nossos professores. Foi um deles, professor de História e sobrinho do grande poeta Raimundo Correia, o professor Raimundo Correia Sobrinho, que nos apresentou a figura e poemas escolhidos do poeta de Mariana, e nos fez ouvir pela primeira vez, muito bem declamados, os poemas “Ismália” e “A Catedral”. Foi uma revelação surpreendente, que muito tocou a sensibilidade dos participantes daquela sessão inesquecível da nossa agremiação.

Nesse mesmo ano de 1942, o jornal *A Manhã*, que mantinha um suplemento literário intitulado *Autores & Livros*, sob a direção de Múcio Leão, dedicou dois números seguidos a Alphonsus de Guimaraens (ano II, vol. 3, números 13 e 14, de 1 e 8/11/1942), organizados por João Alphonsus e Alphonsus de Guimaraens Filho, neles incluindo muito textos inéditos do poeta. Li avidamente esses números de *Autores & Livros*, anotei-os de ponta a ponta, o que é uma prova de quanto me tocaram nos meus 16 anos de idade as produções poéticas do grande simbolista mineiro.

Já se disse que a primeira notícia biográfica mais fiel que dele se teve foi dada pelo próprio filho na edição de 1938. Com o passar dos anos, outras biografias e estudos críticos vieram a público, estando muitos deles arrolados nas bibliografias até agora conhecidas. Entre tais trabalhos mencionem-se os de Henriqueta Lisboa (*Alphonsus de Guimaraens*, 1945), de Enrique de Resende (*Retrato de Alphonsus de Guimaraens*, 1954), e o mais recente, de Alphonsus de Guimaraens Filho (*Alphonsus de Guimaraens no Seu Ambiente*, 1995), num livro realmente “indispensável para quantos desejarem contato mais próximo com o universo poético” do poeta de Mariana.

Muitos anos depois da edição de 1938, Alphonsus de Guimaraens Filho, de posse de novos elementos para um trabalho mais amplo, organizou e publicou em 1955 a segunda edição das *Poesias*, em dois volumes, pela editora Organização Simões. Aí se reproduz a notícia biográfica de João Alphonsus e as notas são em maior número. A edição está acrescida de bibliografia e apontamentos biobibliográficos relativos a Alphonsus, e de uma bibliografia organizada por Hélio Gravatá.

Em 1958, a coleção “Nossos Clássicos”, da Livraria Agir Editora, lançava o seu volume 19: *Alphonsus de Guimaraens, “Poesia”*, por Glástone Chaves de Melo, com o texto crítico estabelecido e comentários filológicos, e mais dados biográficos, apresentação, bibliografia do autor e sobre o autor, julgamento crítico e questionário. Glástone já era, desde a reedição dos textos de Alphonsus, um estudioso da sua vida e obra, e no campo da Estilística um fino analista dos recursos de expressão de que se valera o poeta em tantas composições memoráveis.

Os textos em prosa e em verso de Alphonsus foram reunidos em 1960, como volume da coleção “Biblioteca Luso-Brasileira” da editora José Aguilar: *Obra Completa*, organização e preparo do texto por Alphonsus de Guimaraens Filho, trazendo na introdução geral a mesma nota biográfica de João Alphonsus, e mais o excelente estudo a que Eduardo Portela deu o título de “O Universo Poético de Alphonsus de Guimaraens”.

Em 1972, a editora Aguilar lançou a mais completa antologia da poesia de Alphonsus, com o título *Cantos de Amor, Salmos de Prece (Poemas Escolhidos)*, também organizada pelo poeta-filólogo Alphonsus de Guimaraens Filho; sempre movido por uma ardente devoção ao seu ilustre pai e pela preocupação de cuidar da reprodução fidedigna dos seus textos.

São impressionantes os pronunciamentos de inúmeros ilustres escritores, de historiadores da literatura, de ensaístas e críticos literários sobre o altíssimo significado de Alphonsus, vários deles transcritos nas edições da sua obra acima mencionadas. Assim sendo, pela importância de que se reveste essa extraordinária figura das nossas letras, natural é que se tenha recebido com a mais pura alegria a publicação em 1995 do ensaio biográfico e crítico que Alphonsus de Guimaraens Filho lhe dedicou, a cujo lançamento promovido pela Fundação Biblioteca Nacional, sob a presidência de Affonso Romano de Sant’Anna, fiz questão de comparecer, e agora em 2001 da nova reedição da sua *Obra Poética* promovida pela editora Nova Fronteira. Dessa reedição cuidaram com carinho e competência três poetas que, como Manuel Bandeira, também compreendem o valor do trabalho filológico de procurar preservar as formas autênticas dos textos: Alphonsus de Guimaraens Filho e os seus colaboradores Alexei Bueno e Afonso Henriques Neto. Louvem-se pois tais empreendimentos editoriais, que se colocam em posição de relevo na luta pela preservação da memória literária nacional.

### 13

#### PRESENÇA CAMONIANA NA LITERATURA BRASILEIRA

Gilberto Mendonça Teles, *Camões e a Poesia Brasileira e o Mito Camoniano na Língua Portuguesa*. 4ª edição, revista e aumentada. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001. 487 p.

Ao ver reeditada essa obra de fundamental importância e significação, elaborada por um professor, pesquisador, ensaísta e poeta dos mais conceituados no Brasil, em Portugal e em outros países, não posso furtar-me ao desejo de expender algumas considerações sobre o que ela vem acrescentando ao desenvolvimento dos estudos camonianos.

Data de muitos anos - dos tempos de aluno do curso secundário - o meu interesse pela vida e obra de Luís de Camões. Se nas aulas do ginásio e com o apoio da leitura de livros da biblioteca de meu pai pude conhecer os primeiros dados da biografia do Poeta, saber da sua extraordinária importância e ler algumas das suas páginas mais conhecidas, da épica e da lírica, foi no entanto no curso de Letras da Faculdade Nacional de Filosofia, pelas lições do catedrático de Literatura Portuguesa, o saudoso Professor Thiers Martins Moreira, que a obra poética de Camões se avultou diante de mim, e compreendi a necessidade de lê-la com mais cuidado, em edições comentadas, para mais seguramente assenhorear-me do significado das suas alusões históricas, geográficas, religiosas e mitológicas. Com o Professor Sousa da Silveira, catedrático de Língua Portuguesa, aprendi a valorizar a edição de "*Os Lusíadas*" Comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias, e, alertado para as diferenças entre a primeira edição de 1910 e a segunda de 1916-1918 desse monumental trabalho de exegese do texto camoniano, consegui com dificuldade adquiri-las em sebos (antiquários) para meu uso pessoal.

Anos mais tarde, já na década de 60, sendo professor de turmas mais adiantadas do curso secundário, como as do Curso Clássico no Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, tive de cumprir programas em que o ensino da língua se fazia acompanhar de noções das literaturas brasileira e portuguesa. Tratando de autores portugueses, procurei demonstrar aos meus alunos que figuras como Gil Vicente, Camões, Vieira, Camilo, Eça de Queirós e vários outros são presenças vivas em nossa literatura, pela influência que exerceram na formação dos melhores autores brasileiros, dos mais antigos aos contemporâneos. Sempre dispensei grande atenção às mais belas passagens de *Os Lusíadas* e às peças mais conhecidas da lírica camoniana, como os seus sonetos, para pôr em evidência que em textos de autores brasileiros, desde Bento Teixeira, autor da *Prosopopéia* (1601), até poetas da fase do Modernismo brasileiro (como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima e outros), as marcas dessa presença camoniana se reconhecem sem maior dificuldade.

Na década de 70 começou a propagar-se a idéia de que para a boa formação dos estudantes brasileiros não era necessário o estudo da literatura portuguesa. Data da mesma época o sentimento de aversão aos estudos históricos, quer em relação à língua, quer em relação à literatura, que marca um triste período na vida das instituições universitárias, ainda com repercussões nos dias atuais.

Todavia, em 1972 tive a honra de ser incluído como membro da comissão encarregada pelo governo brasileiro de promover a comemoração do quarto

centenário da publicação de *Os Lusíadas*<sup>9</sup>. Nessa condição, achei que devia dar uma contribuição efetiva para o incremento dos estudos camonianos, o que me fez autor de várias propostas aprovadas e sem demora postas em execução pela comissão de que fazia parte.

Uma dessas propostas era a de se reeditarem a mencionada edição crítica de *Os Lusíadas* de autoria de Epifânio Dias, como homenagem aos grandes camonistas portugueses do passado, e os estudos de camonistas brasileiros já falecidos<sup>10</sup>. Outra proposta foi a de se instituir um concurso, em dois níveis – para pesquisadores e para estudantes universitários – sobre o tema “Camões e a Literatura Brasileira”. Dos concorrentes, foram premiados: na categoria dos pesquisadores, em 1º lugar, Gilberto Mendonça Teles, com o trabalho intitulado *Camões e a Poesia Brasileira*, e em 2º lugar, Hamilton Elia, com *Camões e a Literatura Brasileira*; e na categoria dos alunos, Jayro José Xavier, com *Camões e Manuel Bandeira*.

No ano seguinte, obtive por iniciativa pessoal substanciais recursos financeiros do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, chefiado pelo Dr. Renato Soeiro, para a realização de um Programa Especial a ser realizado na Universidade Federal Fluminense e na Fundação Casa de Rui Barbosa, o qual incluía dois congressos internacionais – o Congresso Internacional de Filologia Portuguesa e a II Reunião Internacional de Camonistas – e o lançamento de várias publicações. Estando prevista no Programa uma série de publicações, preparei e prefaciei para editoração e lançamento por ocasião da II RIC, em novembro de 1973, em entendimentos com os autores, os originais dos trabalhos premiados no concurso do ano anterior, e mais dois outros livros: *Estudos Camonianos*, de Cleonice Berardinelli, e *Crítica Filológica e Compreensão Poética*, de José G. Herculanio de Carvalho<sup>11</sup>.

Quando solicitei a Gilberto Mendonça Teles que tomasse a seu cargo a publicação do ensaio premiado sobre a extensa e profunda influência camoniana na poesia brasileira, autorizei-o a ampliá-lo de acordo com o seu desejo. Com surpresa, verifiquei que em poucos meses, e certamente como resultado de

<sup>9</sup> Constituíram a Comissão, como representantes de várias instituições, Artur César Ferreira Reis (Presidente do Conselho Federal de Cultura), Pedro Calmon, Glástone Chaves de Melo, Renato Soeiro, Max Justo Guedes, Fernando Simas Magalhães, Jannice de Mello Montemor, Antônio Rodrigues Tavares, Maria Alice Barroso, Austregésilo de Ataíde, Sílvio Elia, Américo Jacobina Lacombe, Antônio Joaquim de Figueredo e Maximiano de Carvalho e Silva.

<sup>2</sup> Foram publicados estes volumes nos anos de 1972 e 1973, respectivamente.

<sup>3</sup> Desses importantes *Estudos Camonianos* de Cleonice Berardinelli saiu há pouco uma nova edição, revista e ampliada (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000), mas inexplicavelmente com omissões e inexatidões no Prefácio ao se referir à origem do trabalho, e sem transcrever a minha “Nota Prévia” da edição anterior, que faz parte da história do livro.

novas e acuradas pesquisas, e cuidando ele próprio dos entendimentos com a Gráfica Olímpica, triplicou o trabalho, afinal editado num volume de 264 páginas. O autor explica em nota à primeira edição que só apresentara para o concurso, nos limites estabelecidos pelo edital de inscrição, uma parte da pesquisa que empreendera anteriormente com diversas finalidades.

Publicado o livro, tive a satisfação de ver que com ele se oferecia aos estudiosos da influência camoniana no Brasil a mais cabal comprovação da sua extensão e significado, tornando-se assim patente que só o conhecimento da obra camoniana habilita o leitor de numerosos autores nossos a entender as suas alusões claras ou nebulosas a passagens da épica e da lírica do grande Poeta que lhes ficaram na memória por efeito da leitura atenta das mesmas.

As três primeiras edições do livro são as seguintes: 1ª edição - Rio de Janeiro, MEC/DAC – Programa Especial UFF-FCRB, 1973, com nota prévia de Maximiano de Carvalho e Silva, Presidente da Comissão Diretora do Programa, 264 p.; 2ª edição - São Paulo, Quíron, 1976, XVIII+318 p.; 3ª edição - Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979, XVIII+340 p. De edição para edição, várias modificações e acréscimos se fizeram, graças aos esforços para ampliar as pesquisas e inclusive às espontâneas colaborações que o autor recebeu, como ele mesmo indica.

Afirma Gilberto Mendonça Teles em nota à segunda edição, reproduzida na quarta, que esperava uma divulgação mais ampla do seu trabalho, pois o volume editado pelo Programa Especial UFF-FCRB só fora remetido gratuitamente a bibliotecas e a “um número reduzido de pessoas”. Como estou ligado à história do livro, devo dizer, todavia, que essa observação é inexata: a primeira edição, de 3.000 exemplares, foi larga e gratuitamente distribuída a pesquisadores e a bibliotecas de instituições culturais, no Brasil e em Portugal. Eu mesmo, em Lisboa, de maio a julho de 1974, detentor de uma bolsa de estudos que me fora concedida pelo Instituto de Alta Cultura, enviei com o auxílio das preciosas indicações do Adido Cultural da Embaixada do Brasil, Professor Gladstone Chaves de Melo, a pesquisadores em todo o país e a várias bibliotecas, os 200 exemplares que a meu pedido a direção da Fundação Casa de Rui Barbosa fizera chegar às nossas mãos.

Aos interessados em conhecer e adquirir o livro *Camões e a Poesia Brasileira*, indispensável por muitas razões aos estudos comparativos das literaturas de língua portuguesa, devo informar que ele se compõe das seguintes partes: as notas iniciais sobre as edições anteriores; a parte nuclear em cinco longas divisões (I – Pressupostos teóricos, II – O sistema camoniano, III – O sistema lingüístico, IV – O sistema brasileiro, V – O mito camoniano); conclusão; recepção crítica da obra; bibliografia geral; índice onomástico. De

fato, prepara-nos convenientemente o autor para a leitura e entendimento do desenvolvimento que deu ao tema central, com as noções preliminares expostas em linguagem clara e segura. É impressionante o levantamento de fontes para o estudo da repercussão da obra camoniana não só no Brasil como também na tradição culta e popular portuguesa, no português africano e na Galiza. Merecem igualmente atenção especial as suas notas e explicações sobre “As marcas da censura” (p. 403-417) na edição de textos camonianos ou no ensino de língua portuguesa com o mau aproveitamento dos mesmos, responsável pela ojeriza ao Poeta por parte de escritores nossos que na idade escolar foram vítimas da obsessão de se tomar o texto de *Os Lusíadas* como objeto da então chamada “análise lógica”.

Instigado pela riqueza dos dados reunidos e estudados em *Camões e a Poesia Brasileira*, várias observações críticas poderia eu fazer com o objetivo de contribuir para o enriquecimento do livro em suas futuras edições. Por hoje, todavia, na viva satisfação de vê-lo reeditado, limito-me a este registro caloroso de quem há muitos anos acompanha a trajetória do poeta e pesquisador Gilberto Mendonça Teles, já com tantos relevantes serviços prestados à causa da valorização da cultura luso-brasileira.

## 14

### GUSTAVO CORÇÃO E A SUA OBRA SINGULAR: REEDIÇÃO DE *A DESCOBERTA DO OUTRO*

Gustavo Corção, *A Descoberta do Outro*. 10ª edição, Rio de Janeiro, Agir, 2000. 199 p.

A reedição deste livro de Gustavo Corção (Rio de Janeiro, \*1896 - †1978) põe de novo ao alcance do público uma obra publicada pela primeira vez em 1944, que o juízo crítico de grandes figuras da vida literária brasileira consagrou como das mais importantes e expressivas em nossa literatura.

A 10ª edição de *A Descoberta do Outro* traz nas orelhas um retrato e síntese biográfica do autor, pela qual o leitor é informado de que, engenheiro diplomado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Gustavo Corção só iniciou a sua trajetória de escritor muitos anos depois, já convertido em 1939 ao catolicismo; e que paralelamente à sua atuação de escritor, continuou a exercer o magistério de eletrônica aplicada às comunicações na Escola Técnica do Exército, na Escola Nacional de Engenharia, na Companhia Telefônica Brasileira. No campo de atividades técnicas, muito se destacou, sendo autor dos seguintes inventos: um órgão musical eletrônico; dispositivos especiais para

repetidores telefônicos; um sistema de telegrafia Multiplex, com frequências combinadas. A conversão religiosa despertou nele o desejo de aprofundar os seus conhecimentos filosóficos e teológicos, sob a influência de grandes nomes, como - para citar apenas dois exemplos - o escritor inglês Chesterton e o filósofo francês Jacques Maritain, sobre os quais há um belo capítulo em *A Descoberta do Outro*.

A respeito desse acontecimento literário logo se manifestou o jornalista Luiz Paulo Horta, em matéria publicada no suplemento *Prosa & Verso* do jornal *O Globo*, a 13 de janeiro de 2001, com o título “A descoberta de Corção: livro claro e límpido como uma manhã na serra – Clássico de pensador católico sobre sua conversão é reeditado pela Agir”. Assinalando que o livro reaparece “30 anos depois da edição anterior (a nona)”, sintetiza o jornalista: “O veio oculto do livro é a história de como um ser humano, através da dor, é levado a despir-se de várias ilusões, a quebrar o que os orientais chamam de ‘o casulo do ego’ e descobrir, através do Outro, a própria realidade”.

No mesmo dia 13 de janeiro, no suplemento *Idéias do Jornal do Brasil*, o jornalista Marcos de Castro tratava numa página inteira do mesmo acontecimento, com o título “Literatura Brasileira – O Outro Bruxo do Cosme Velho – Livro de estréia do polêmico Gustavo Corção é relançado 33 anos depois da última edição”, reconhecendo logo de início que Corção “é um autor brasileiro que merece figurar não apenas ao lado de Machado de Assis na estante, mas precisamente ao lado de duas obras-primas do bruxo do Cosme Velho”: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*.

De 1944 ao final dos anos 60, o livro de Corção mereceu a atenção de numerosos leitores, em Portugal inclusive, com as nove edições sob a chance-la da Agir editora. Estranhável, portanto, é que só agora a mesma editora tenha tomado a iniciativa de relaná-lo, sem nenhuma explicação no volume novo, que tem na folha de rosto a nota de “10ª edição, revista”. Como explicar o fato, sem inseri-lo numa espécie de conspiração de silêncio em que se envolveu a obra do escritor, por motivos extraliterários, como se verá mais adiante? Dessa conspiração é exemplo eloqüente a *História Concisa da Literatura Brasileira* de Alfredo Bosi, que no capítulo dedicado à literatura contemporânea não tem nem mesmo uma simples citação do nome de Gustavo Corção.

### Os livros de estréia do escritor

Tive a felicidade de, já no ano de 1947, como aluno do Curso de Letras Neolatinas da Faculdade Nacional de Filosofia, e diretor da revista *FNF*, órgão do Diretório Acadêmico, saber da existência de Gustavo Corção. Tendo solicitado a colaboração de um artigo ao professor Gládstone Chaves de Melo,

então assistente da cadeira de Língua Portuguesa, dele recebi sem demora o texto intitulado “Gustavo Corção e a Sua Obra Singular”, em que tratava dos livros de estréia desse novo escritor de raros méritos, que aos 50 anos de idade despontava como um vigoroso pensador e artista da palavra com *A Descoberta do Outro e Três Alqueires e Uma Vaca*, ensaio de interpretação do pensamento do escritor inglês Chesterton. O artigo de Gladstone Chaves de Melo se detém numa análise minuciosa do conteúdo dos dois livros, e diz a certa altura, em relação ao primeiro deles: “Neste obra marcante se casa a profundidade do pensamento, a acuidade das análises, o inédito da visão, com um estilo magnífico e personalíssimo. A língua adquire, trabalhada por Gustavo Corção, extraordinário poder plástico e se dobra e se desdobra e apresenta matizes novos e revela virtualidades desconhecidas, sempre lépida, sempre leve, sempre colorida, sempre vivaz, desenvolta e nobre”<sup>12</sup>.

Em *A Descoberta do Outro* encantou-me desde logo, como a muitos outros leitores, entre os quais professores, pensadores, ensaístas, críticos literários, a leitura do relato da conversão de Corção, de simples engenheiro e técnico em eletrônica, todo voltado para os problemas da profissão, em uma pessoa profundamente tocada pelo sentimento religioso, que por isso passara a preocupar-se fundamentalmente com o destino do homem e a situação política e social do mundo em que vivia. Escritos em linguagem que o colocava à altura dos mestres da língua, os artigos e livros de Corção eram então recebidos com interesse e entusiasmo no meio literário, e alcançaram os maiores louvores da crítica especializada. Convertido ao catolicismo, frequentador do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, e alçado ao posto de redator da revista *A Ordem*, do Centro Dom Vital sob a presidência de Alceu Amoroso Lima, Corção daí por diante enveredaria incansável e obstinadamente pela sua caminhada de difusor das grandes idéias do humanismo cristão, patentes nas páginas de livros de ensaios que publicaria mais tarde, como *As Fronteiras da Técnica* ou *O Desconcerto do Mundo*, ou nas do romance *Lições de Abismo*, logo distinguido com um dos mais importantes prêmios literários do momento. Entre os seus grandes admiradores se situavam não somente os leitores ligados ao pensamento católico, mas até mesmo agnósticos ou ateus que perceberam a densidade e profundidade do que escrevia, inclusive nos artigos de colaboração aos grandes jornais da época, a partir do *Diário de Notícias* dirigido por Orlando Dantas. Num assomo de entusiasmo, Oswald de Andrade, após a leitura de *Lições de Abismo*, chegou a dizer em crônica que depois de Machado de Assis nada de melhor havia em nossa literatura<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> V. “Gustavo Corção e Sua Obra Singular”, in *FNF*, publicação do Diretória Acadêmico da Faculdade Nacional de Filosofia, ano V, n. 9, setembro de 1947, p. 9-13.

<sup>13</sup> V. mais adiante a indicação mais precisa de onde se encontra essa referência de Oswald de Andrade.

Manuel Bandeira afirmaria que o livro *O Desconcerto do Mundo* precisava ser traduzido para várias línguas, de tal modo que os leitores estrangeiros pudessem sentir que no Brasil havia um escritor à altura de receber o Prêmio Nobel de literatura <sup>14</sup>.

Não se cingindo a temas de filosofia, da vida religiosa e do catolicismo, em vários outros campos expandiu Gustavo Corção a sua extraordinária capacidade de fazer reflexões críticas sobre a língua portuguesa e os principais autores das literaturas portuguesa e brasileira. Merecem leitura atenta as páginas que escreveu sobre a lírica de Camões, os romances e crônicas de Machado de Assis, a poesia de Fernando Pessoa e de poetas brasileiros contemporâneos como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. São também antológicas as suas reflexões sobre a linguagem humana e a língua portuguesa, como as que se lêem nos artigos “A linguagem não é uma geometria”, “O valor da palavra” e “A educação da linguagem” <sup>15</sup>. Infelizmente, tais páginas não foram reunidas em livros, estando dispersas nos jornais e revistas em que colaborou o escritor.

Por todas estas razões, como professor de língua portuguesa do ensino secundário (até 1970) e do ensino superior (até 1989), sempre recomendei aos meus alunos a leitura das melhores páginas de Gustavo Corção, e em particular a do romance *Lições de Abismo*. Tive como diretriz pedagógica que uma das melhores maneiras de aprender a utilizar os recursos da língua, e de escrever com propriedade, clareza e elegância, é ler com a devida atenção os bons autores. São eles os “clássicos” no melhor sentido da palavra, eternos modelos da boa linguagem, desde os mais antigos – por exemplo, Fernão Lopes, que pelo vigor da sua narrativa mereceu referências entusiásticas de Rubem Braga, numa das suas melhores crônicas - até os contemporâneos. Infelizmente, tanto no nosso ensino secundário como no ensino superior, não se cultiva na exata medida o hábito da leitura das obras-primas literárias, com graves prejuízos para o aprendizado da língua. *Lições de Abismo* de Gustavo Corção foi um livro que recomendei aos meus alunos do Curso Clássico do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, naqueles terríveis anos do início da década de 60 em que graves divergências ideológicas e políticas punham os intelectuais brasileiros em trincheiras opostas. Tenho provas de que vários entre esses alunos, muito politizados, e ligados ao pensamento da esquerda radical, apesar de repelirem as idéias políticas de Corção, expressas nos seus artigos de jornal, leram com o maior interesse, proveito e até mesmo

<sup>14</sup> A carta em que Manuel Bandeira diz a Gustavo Corção estas palavras faz parte do acervo do Arquivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa.

<sup>15</sup> V. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, números de 3/4/1960, 10/6 e 24/6/1962, respectivamente.

viva satisfação o “romance” *Lições de Abismo* e algumas páginas antológicas do escritor, como o capítulo de *A Descoberta do Outro* intitulado “Afonso tinha razão”. Na ocasião, procurei transmitir a esses alunos o que ouvira de Alceu Amoroso Lima nas aulas de Literatura Brasileira do Curso de Letras da FNF: convicções ideológicas, políticas e religiosas próprias não podem interferir na avaliação do valor da obra literária em si mesma.

Por essa época, Corção ainda era muito lido, mesmo pelos adversários, pois além de livros publicava os seus artigos de assuntos filosóficos, religiosos, políticos e culturais, muitos deles de tom polêmico, em revistas e jornais de larga circulação em todo o país.

### **A conspiração de silêncio que envolveu o escritor**

Falando de Corção, é imperioso rememorar os fatos históricos que explicam uma certa conspiração de silêncio que envolveu o seu nome nas últimas décadas do século XX, em vários setores da Igreja Católica, entre intelectuais e no meio universitário. Tudo teve origem na cisão que dividiu os católicos nos anos iniciais da década de 60, atingindo o Centro Dom Vital. As propostas de renovação da Igreja, bem entendidas ou mal entendidas, acabaram por deixar em situações antagônicas não só bispos, sacerdotes e religiosas como também os leigos, entre eles os líderes do laicato católico. Corção assumiu posições radicais que o afastaram cada vez mais de antigos companheiros de jornada, como Alceu Amoroso Lima. A confusão aumentou com a mudança da situação política do país em razão do contragolpe que instituiu o regime ditatorial da chamada Revolução de 31 de março de 1964. O escritor, que não perdia ocasião de manifestar profunda aversão aos regimes totalitários de qualquer natureza (Fascismo, Nazismo, Comunismo) e a expressões de nacionalismo exacerbado (como o Integralismo no Brasil), assumiu desde logo posições extremas na defesa da ditadura militar dos governos pós-64, assim procedendo na crença de cumprir um dever de consciência: julgava ele que, vencida a ameaça do nazi-fascismo, um perigo maior ainda permanecia, o da dominação comunista no mundo, e por isso, com toda a veemência e em tom polêmico e contundente, passou a fazer os seus pronunciamentos públicos, despertando por parte dos adversários das suas idéias, como é compreensível, mais do que uma simples repulsa e muitos equívocos no julgamento do que fazia. Foi desde então visto e apontado por esses adversários como um defensor dos desmandos do regime militar, um oponente aos ideais de vida democrática ou um defensor dos privilégios das classes mais favorecidas. Embora o conhecimento da sua maneira de ser e da sua vida de devotado servidor do bem comum e mais a leitura meditada do que escreveu em *A Descoberta do Outro*, *Três Alqueires e Uma Vaca*, *Lições de Abismo*, *Fronteiras da Técnica*, *O Concerto do Mundo* e em numerosos artigos não autorizem tais conclusões,

elas se infiltraram no pensamento de leitores que discordaram das manifestações mais rudes do seu radicalismo. Foi assim que o escritor humanista, católico na linha do tomismo, e o ativista político e religioso, apaixonadamente a serviço do que imaginava ser a sua missão, foram englobados num só julgamento condenatório da parte dos seus oponentes, que a ele passaram a negar um lugar ao sol. Começou aí a conspiração de silêncio que mobilizou na surdina muitos dos seus adversários, e até mesmo excluiu o seu nome de simples referências em importantes histórias da nossa vida cultural e literária.

É verdade que, após a morte de Corção, ocorrida em 6/7/1978, várias vezes se fizeram ouvir e vários pronunciamentos se registraram para acentuar o seu valor e a relevância da obra que nos legou. Dedicou-lhe uma sessão especial o Conselho Federal de Cultura, de que Corção fazia parte, onde conquistou desde logo a estima e admiração de seus pares. Nessa ocasião, todos os conselheiros presentes fizeram questão de falar – Josué Montelo, Dom Marcos Barbosa, Pedro Calmon, Geraldo Bezerra de Menezes, Francisco de Assis Barbosa, Raimundo Moniz de Aragão, Djacir Menezes, Odilo Costa Filho, Viana Moog, José Cândido de Carvalho. Foi particularmente expressivo o depoimento de Francisco de Assis Barbosa, grande admirador do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, e que por isso nunca aceitou os duros ataques de Corção ao político e ao promotor da construção de Brasília nas circunstâncias em que foi realizada: fez até mesmo questão de ressaltar “a grandeza humana de Gustavo Corção, um homem inteiriço”, com quem conseguira conviver tão bem naqueles anos do Conselho, apesar das divergências que os separavam<sup>16</sup>. Também em 1978, nas páginas de jornais e revistas, muitos artigos de alto louvor se publicaram para lamentar a morte do escritor. Num opúsculo que organizou, o monge beneditino Dom Marcos Barbosa, testemunha dos muitos episódios que dividiram os católicos a partir da década de 60, reuniu os depoimentos dele próprio e mais os de Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima), José Luís Delgado, Francisco Barbosa de Resende e Rachel de Queiroz<sup>17</sup>. O de Alceu Amoroso Lima é de especial interesse: com a nobreza de espírito que o caracterizava, apesar de ter sido atingido por duras críticas de Corção, repetiu com acréscimos tudo o que dissera antes do admirável escritor e durante muitos anos seu companheiro de jornadas no Centro Dom Vital. Falando com a autoridade de escritor, pensador e crítico literário de grande prestígio, que conheceu de perto Gustavo Corção, atuou a seu lado no Centro Dom Vital, com ele participou de embates políticos e religiosos na defesa de nobres causas, com ele entrou em divergências profundas e dele

<sup>16</sup> Cf. notícia com o título “Conselho de Cultura dedica sessão à memória de Corção e a seu espírito polêmico”, in *Jornal do Brasil* de 8/8/1978, 1º Caderno.

<sup>17</sup> Dom Marcos Barbosa (org.), *Encontro Marcado: Gustavo Corção*. Niterói, Gráfica Editora La Cava, 1978, 43 p.

sofreu duras críticas publicadas em jornais e revistas de grande circulação, Alceu Amoroso Lima, no artigo datado de 20/7/1978, com plena consciência da “perda irreparável” da morte de Gustavo Corção, a externou com estas lúcidas palavras:

“Os desencontros possíveis, embora lamentáveis, no decorrer da vida, são acidentais e corrigíveis, quando temos alguma base comum e sólida para os reencontros finais, ainda que sejam depois da morte”.

“De Corção, posso dizer, agora, que nos desencontramos no meio do caminho, sem que, ao menos de minha parte, tenha diminuído em nada a enorme admiração, o profundo respeito e a inabalável estima, que nenhuma barreira de idéias opostas conseguiu destruir ou mesmo afetar, ao longo de nossa convivência e de nosso afastamento. Ele era uma dessas personalidades excepcionais, singulares e complexas, como foi, por exemplo, Jackson de Figueiredo, que só mesmo o convívio pode revelar em todos os seus aparentes antagonismos.”

### A redescoberta de Corção

Algumas tentativas foram feitas para tirar Corção do ostracismo a que fora relegado em certos meios, onde o seu nome se tornou quase impronunciável. Uma delas foi a exposição promovida pela Fundação Biblioteca Nacional sob a presidência do escritor Affonso Romano de Sant’Anna, em abril de 1993, para comemorar os 15 anos da morte do escritor. Primorosamente organizada pelo pesquisador, bibliógrafo e bibliófilo Olímpio José Garcia Marques (\*1951 - †1995), mereceu registro a 7/4/1993 na coluna de Elizabeth Orsini do *Jornal do Brasil* e na de Isabel Cristina Mauad de *O Globo*, e artigo de Dom Marcos Barbosa no *Jornal do Brasil* de 15/4/1993. Para figurar nessa exposição emprestei dois livros com expressivas dedicatórias dos autores a Gustavo Corção: *Uma Pedra no Meio do Caminho (Antologia – Biografia de um Poema)*, 1965 – “A Gustavo Corção, com admiração antiga e afetuosa, esta pedrinha que teve a honra de figurar em seus ensaios – Carlos Drummond de Andrade”; *Tutaméia*, 1967 – “A Gustavo Corção, com viva simpatia, todo o apreço e a sincera estima do Guimarães Rosa”<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> O fato está registrado na notícia de Elizabeth Orsini, “A descoberta de um outro Gustavo Corção”, in *Jornal do Brasil* de 7/4/1993. Como o meu saudoso amigo Olímpio Matos, por grave problema de saúde, de que resultou a sua morte, teve de afastar-se do seu posto na Biblioteca Nacional, os exemplares dos dois livros a que me refiro não me foram devolvidos após o encerramento da exposição. Devo informar ainda que, sabendo-me um colecionador de livros autografados, Corção me dera de presente tais exemplares, num gesto de desprendimento muito característico de quem não cultivava vaidades literárias.

Por tudo isto, a releitura dos escritos de Corção se impõe hoje aos críticos que querem reavaliar com isenção a sua obra literária, situando-a no plano estético, e não a depreciando ou desconhecendo a sua existência pelo fato de ter o autor convicções ideológicas, políticas ou religiosas que todos têm o direito de questionar. Essa reavaliação crítica não pode deixar de levar em conta o juízo que sobre Corção emitiram muitas das maiores figuras da literatura brasileira, como Alceu Amoroso Lima, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Nelson Rodrigues, Josué Montello e outros, muitos dos quais discordaram de posições políticas e religiosas do autor de *A Descoberta do Outro*, sem deixar de reconhecer a sua absoluta sinceridade na defesa do que julgava o melhor para o nosso país e para o mundo em que vivemos. Tudo isto constitui matéria para uma reavaliação objetiva e desapaixonada que os historiadores da vida política, cultural e literária devem fazer em relação à presença de Gustavo Corção em nosso cenário cultural. Exemplo magnífico dessa verdadeira atitude crítica – que sabe separar coisas distintas – é o artigo em que o do jornalista Marcos Castro: sendo biógrafo e admirador da linha de pensamento de Dom Helder Câmara, não deixa por isso de tecer altos louvores ao escritor Gustavo Corção, e mesmo de manifestar o desejo de que a editora Agir republique os seus melhores livros.

Contribuem também para a reavaliação crítica aqui proposta a leitura dos depoimentos e análises críticas reunidos no número 38 da revista *Permanência*, de novembro de 1971, assinadas por Andrade Muricy, Ariano Suassuna, Artur César Ferreira Reis, Cassiano Ricardo, Djacir Meneses, Eugênio Gudín, Gilberto Freire, Josué Montello, Luís Delgado, Manuel Bandeira, D. Marcos Barbosa, Mem de Sá, Nelson Rodrigues, Oswald de Andrade e Rachel de Queiroz. Para esse número, organizei uma antologia de Gustavo Corção, evitando os textos mais polêmicos, com a finalidade de favorecer ao leitor comum o conhecimento de páginas de fino labor em língua portuguesa. No depoimento de Oswald de Andrade aí incluído, publicado originalmente na sua coluna “Telefonema” do *Correio da Manhã* de 5/4/1952, portanto na fase final da vida do escritor, que morreu em 1954, se lêem as seguintes palavras: “Não me lembro de em toda a minha vida ter conhecido, entre artistas e literatos, uma figura tão impressionante como a de Gustavo Corção. [...] Nas *Lições de Abismo* como também na *Descoberta do Outro* não vejo concessões / O que vejo é uma extraordinária e lúcida natureza de criador, ou melhor, de restituidor, pois que arte é restituição. Depois de Machado de Assis aparece agora um mestre do romance brasileiro”<sup>19</sup>. Igualmente é de consulta obriga-

<sup>19</sup> Por incrível que pareça, e como prova da conspiração de silêncio de que temos falado, este depoimento tão expressivo de Oswald de Andrade, um escritor tão diferente de Corção, movido por outras convicções políticas e religiosas, tem sido sonegado ao conhecimento dos leitores de edições e de ensaios interpretativos do autor de *Os Condenados*, *Memórias Sentimentais de João Miramar* e de algumas das obras mais polêmicas do Modernismo brasileiro.

tória a primorosa antologia de textos de Corção organizada por Paulo Rodrigues, um dos maiores conhecedores da vida e obra do escritor, e publicada pela Agir em 1980, com o título *Conversa em Sol Menor*<sup>20</sup>.

### Outros livros que merecem reedição

É admissível até certo ponto que os responsáveis pela 10ª edição de *A Descoberta do Outro* tenham apressado o relançamento do livro, para aproveitar o fato de numa pesquisa recente realizada em São Paulo ter sido *Lições de Abismo* apontado como uma das 100 mais importantes obras da literatura brasileira no século XX. A pressa explica uma série de falhas e deficiências na nova edição, entre as quais não estar precedida de um estudo mais amplo e profundo sobre Gustavo Corção e a sua obra singular. Nada explica, no entanto, que haja erros nos dados biográficos das orelhas do livro, como o de dar o ano de 1898 (e não 1896) como o do nascimento do autor, e que não exista uma simples nota para explicar os critérios adotados na fixação do texto nela reproduzido. Assim, não se fica sabendo qual das edições anteriores serviu de base para a reprodução do texto. Comparando o que agora se publica com o texto da 3ª edição, de 1947, encontrei várias divergências, e fico sem saber se decorrem de aprimoramento estilístico promovido pelo próprio Corção, de intervenção descabida de um copidesque ou de erros de revisão tipográfica. Aponto alguns exemplos, colhidos aleatoriamente: na página 10 – “fazer a teoria de erros” (na 3ª, “fazer teoria de erros”), “convencidas de que minha vida era um pequeno modelo de virtude” (na 3ª, “convencidas que”), na página 11 – “por causa dos pequenos acontecimentos caseiros” (na 3ª, “de pequenos”), “quadrícula do cosmo” (na 3ª, “cosmos”), “eu ia fumar” (na 3ª, “e ia fumar”), página 61 – “conhecia aquele trecho da rua da Carioca como ninguém. Enumerou as casas de negócio” (na 3ª, “conhecia aquele trecho da rua da Carioca como ninguém. Conhecia-o como a palma de sua mão. Enumerou as casas de negócio”), “caso antigo, sem jeito de conserto” (na 3ª, “caso antigo e sem jeito de conserto”), página 112 – “de uma noite” (na 3ª, “duma noite”), página 113 – “abraçado ao livro” (na 3ª, “abraçado com o livro”), página 114 – “ne nous entraîne pars” (na 3ª, “ne nous entraîne pas”), página 116 – “recomendar a leitura dosada de Chesterton” (na 3ª, “recomendar leitura dosada de Chesterton”). Por sua vez, o jornalista Marcos de Castro, confrontando os textos da 9ª e da 10ª edição, verificou que na página 93 desta última a expressão “Desse ponto de vista” substitui “Sob este ponto de vista”, e na página 106 “Pai-Nosso” tomou o lugar de “Padre-Nosso” (como se dizia até

<sup>20</sup> Gustavo Corção, *Conversa em Sol Menor – Memórias Recolhidas*, organização e apresentação de Paulo Rodrigues, capa e bicos-de-pena de Abigail Rodrigues, Rio de Janeiro, Agir /INL, 1980.

1967), modificações que só se poderiam admitir se “o autor tivesse deixado algum exemplar anotando alterações a serem feitas”, o que não parece ter acontecido.

De qualquer forma, como as falhas na reedição de *A Descoberta do Outro* não são numerosas, e não prejudicam substancialmente a leitura do grande livro, e é grande a alegria de vê-lo afinal reeditado, louve-se o esforço de quem cuidou do empreendimento editorial, sabendo-se da crise que dificulta o mercado do livro e dos graves problemas para promover a sua melhor distribuição. Faço votos de que a Agir consiga sem demora pôr ao alcance dos leitores as outras obras de Corção por ela há tanto tempo publicadas, como por exemplo *Três Alqueires e Uma Vaca*, *Fronteiras da Técnica*, *O Desconcerto do Mundo*, *Dois Amores e Duas Cidades*, que figuram sem dúvida alguma na relação do que de melhor se escreveu no Brasil do século passado.

## O DICIONÁRIO OS FEZ HOMEM E MULHER

Nelly Carvalho  
UFPE

### 1. APRESENTAÇÃO

A linguagem recria a realidade de acordo com a experiência de vida de seus falantes. Para a maioria dos estudiosos, a realidade humana é gerada pela vida social. Como todos os sistemas simbólicos atuais foram fabricados por e para os homens, (as mulheres pouco espaço tiveram para contribuir), a realidade social resultante será derivada de sua vontade e de seu ponto de vista: leis, gramática, crença, filosofia, poder político e econômico. Na gramática da Língua Portuguesa já o sabemos, o gênero-rei é o masculino que comanda os sentidos, que exige ferozmente a concordância, que impõe suas regras, da mesma forma que na sociedade.

E o vocabulário, como se comporta? Este arquivo do idioma e da cultura encontra-se entesourado nos dicionários da língua materna que registram como verbete de entrada, como forma que prevalece, o termo no gênero masculino seja substantivo, adjetivo ou pronome. O feminino, quando aparece, tem razões especiais, nunca neutras, nem positivas. Torna-se uma nova entrada, se o feminino corresponder a termo diferente do masculino – *galo/galinha* – *boi/vaca*, ou quando adquire um sentido diferente, em 99% dos casos pejorativo – *cachorra*, *macaca* e outros casos mais...

É que o dicionário não é só o celeiro do idioma, mas é o depositário da cultura. Nele estão contidas as interpretações da comunidade sobre fatos, objetos, pessoas. O dicionário é considerado um oráculo e um tira-teima, respeitado como obra imparcial que reproduz a língua real/social. Na microestrutura dos verbetes estão as acepções do termo-entrada, bem como abonações que apresentam o funcionamento do termo no discurso nos verbetes. Neles, o sujeito da enunciação é apagado, transmitindo a impressão de neutralidade. Porém a marca do pensar da comunidade, da forma como é interpretada pelo autor está presente nas definições, sobretudo aquelas que abordam questões onde os preconceitos sociais são mais arraigados. Se nos termos que contêm o sema

*sexo*, o dicionário já distila ideologia, nos verbetes básicos – *homem/mulher* – a ideologia pode ser observada com maior facilidade.

E não se trata apenas da língua portuguesa, como também nas demais línguas cujas culturas arquivam, nas expressões e no tratamento no dicionário, a perspectiva da dominação da mulher pelo homem.

Para observar a prática significativa da comunidade de língua portuguesa, especificamente no Brasil, resolvemos estudar o *confronto homem / mulher* (no dicionário!) utilizando como corpus os dicionários mais usados no Brasil, recentes e de grande porte, junto com um único dicionário português europeu, também recente, porém básico.

## 2. EMBASAMENTO TEÓRICO

Uma língua não é um todo homogêneo e monolítico. Ela se expressa através de variedades sociais e regionais, registros, níveis, dialetos, gírias, jargões que fazem parte da comunicação. Esta variação já foi tida inclusive como marginal. Porém, desde que Labov (1973) afirmou ser a variabilidade inerente à toda língua, esta passou a ser reconhecida como um fato central, pois a língua é um sistema simbólico nas relações sociais. Por isso ela não é neutra, e não comunica apenas; permite a censura, a mentira, o desprezo, a opressão, o lazer, a alegria, o jogo.

O ligação do indivíduo com a língua passa por sua ligação com a sociedade. Assim, entre os muitos parâmetros da variação, existe a diferenciação sexual, semente da discriminação. A discriminação sexual é assimilada junto com a discriminação social pela convivência conjunta de homens e mulheres. A língua é, por sua estrutura de conotações e metáforas, um espelho cultural que fixa representações simbólicas, que repete preconceitos e estereótipos, ao mesmo tempo que os alimenta.

A que imagem de mulher nos remete a língua? Em que medida ela reflete o papel social de mulher?

As diferenças entre o falar de homens e mulheres têm sido observadas desde a Antiguidade. Heródoto fala sobre isso, citando as Amazonas.

Os indigenistas registram esse aspecto nas tribos brasileiras. O nosso Serafim da Silva Neto lembra o fato de ter a fala da mulher o traço de conservadorismo, que foi importante na Península Ibérica, nas mudanças do latim para o português, e no Brasil, no processo de transplantação da língua.

Nos Estados Unidos, foi adotada corrente que julga como determinante lingüístico a condição feminina e não o sexo, isto é, adota ponto de vista social e não psicobiológico. Raoul Smith, observando a fala feminina na língua inglesa, dizia ser caracterizada por usos lexicais diferentes, onde os campos semânticos (cores, p.ex) eram bem especificados, e como também havia o uso freqüente de intensificadores e apoio constante em interrogações da adesão ou confirmação. (*tag questions*) Seria uma fala pouco convincente e insegura.

Alguns admitem a existência de um código feminino e um masculino distintos. A língua dominante é sempre dos homens, e a das mulheres é percebida como derivada.

- No caso da mulher, o cultural triunfa sobre o biológico. Os elementos socio-culturais tentam naturalizar a sujeição, mas ser diferente não é ser desigual, nem inferior. Apesar disso, as diferenças ecoam como desigualdades e as desigualdades como inferioridades.
- A mulher se percebe no mundo como o outro mediatizado pelo homem, sem a menor autonomia do ser. Não tem autonomia nem tem assegurada sua identidade.
- As representações do mundo se fazem por via masculina, síntese de um *eu* poderoso.
- Os símbolos culturais traçam o arcabouço de um feminino distanciado das potencialidades da existência. Nenhuma *persona* alcança a individualidade sem antes construir os símbolos da existência.
- É preciso admitir que a língua comum, a língua dominante, é antes de tudo, a dos homens, o que explica que a língua das mulheres seja vista como desviante. Esta língua essencialmente masculina exprime o desprezo pelas mulheres.
- Os qualificativos injuriosos para a mulher, reduzida à escolha entre a *Santa* e a *Prostituta*, a gíria sexual e sexista, revelam ser os dicionários, criações ideológicas cujas definições refletem a mentalidade conservadora do usuário da língua.

O estudo do gênero (gramatical ou natural) e seus valores simbólicos são índices da prevalência do espírito conservador e machista no funcionamento da língua, com a absorção do masculino pelo feminino, nas dissimetrias morfológicas, na linguagem pejorativa. Enfim, nos dicionários, o tratamento dos verbetes incorpora a ideologia que subjaz à sua concepção.

Na vida social, a forma como é referida a identidade da mulher, definida por seu pai ou marido, é um índice lingüístico/social dessa prevalência masculina.

Se a língua é sexista, os dicionários, repositórios da cultura por ela veiculada, também o são. Este será o nosso estudo.

### 3. METODOLOGIA

As idéias acima expostas encontram origem e guarida em muitos estudos que abordaram o assunto, em lingüistas como S. Benhamou, Marina Yaguello, Raoul Smith, Graça Krieger, em sociólogos como Rose Marie Muraro e em antropólogos como Fátima Quintas.

Tomando as reflexões dos autores acima como bússola, lemos atentamente os verbetes/entradas Homem e Mulher nos seguintes dicionários:

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *AURÉLIO: O Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. SÉCULO XXI. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1999. (Incluímos alguns exemplos da edição anterior do AURÉLIOs-1986)

KOOGAN, Houaiss. *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*. Edições Delta. Rio de Janeiro. 1997.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Melhoramentos. São Paulo. 1998.

VILELA, Mário. *Dicionário do Português Básico*. Edições ASA. Porto. 1991.

A seguir, a análise levou em consideração os seguintes itens:

Entrada Homem/ Entrada Mulher

Entrada principal

Características específicas/ Sentidos particulares

Discurso sobre Homem e Mulher

Uso como adjetivo

Presença do homem no verbe **mulher**

Presença da mulher no verbe **homem**

Tipos masculinos/ Tipos femininos

Iniciamos a análise pelo dicionário de Aurélio/ SÉCULO XXI/ (sem perder de vista a edição anterior, como já citamos) e a ele dedicamos a maior parte das observações, pelo fato de ser, entre as obras estudadas, a mais recente (*naquele momento: primeiro semestre de 2001*), com as definições mais extensas e representativas, relevantes para o que queríamos observar. O dicionário de Michaelis, embora extenso, ofereceu menos material, sobretudo no referente ao termo Mulher. Koogan–Houaiss é um dicionário enciclopédico e

não apenas lingüístico, tendo portanto um espaço menor para estudos da linguagem, e o de Mário Vilela, o único de Portugal a ser analisado, é básico; na prática, um dicionário escolar.

Transcrevemos os verbetes no final do trabalho para facilitar as consultas e confrontações.

## 4. DESCRIÇÃO DO CORPUS

### 4.1 As entradas – Homem/ Mulher

A distorção dos conteúdos de *mulher e homem* observada no exame dos verbetes dos dois vocábulos num *corpus* de dicionários da língua contemporânea se impõe para estabelecer aproximação entre o tratamento das duas unidades lexicais e constatar a apreciação dos significados respectivos.

Esta análise visa constatar os preconceitos contidos nos verbetes dos dicionários examinados. Os autores dos dicionários aplicam nas entradas o tratamento polissêmico ou o tratamento homonímico. Este último possibilita mais precisão, mas não evita a confusão. As entradas são constituídas por enunciados apresentados como exemplos da língua comum introduzidos por uma numeração ou por signos tipográficos com valor metalingüístico.

### 4.2 Entrada principal

Na maior parte do dicionário, os artigos *homem e mulher* têm entradas bem distintas:

	Sentido geral e especificado
<b>Mulher</b>	Sentido particular: esposa Sentido particular – doméstica
<b>Homem</b>	Ser humano em geral Indivíduo do sexo masculino

De um modo geral, também em outras línguas, a maioria dos dicionários tradicionais e alguns mais modernos utilizam organizações semelhantes. Os que foram examinados não revelaram usos diferenciados dos acima apontados, no tratamento dos dois vocábulos.

### 4.3 A estrutura do verbete no dicionário de Aurélio

Descreveremos, neste tópico, os verbetes do dicionário de Aurélio, que podem ser conferidos nos Anexos.

No verbete Homem, até a terceira entrada é concernente a toda humanidade, mas sobretudo o último exemplo refere-se apenas ao sexo masculino; como se vê na abonação: *Errei, fui homem!* (Fagundes Varella).

A partir da entrada quatro, refere-se especificamente ao sexo masculino sendo que a quinta é a idade adulta e a sexta, a idade viril.

Apenas a entrada oito traz referência à mulher. As demais referem-se ao homem dentro da sua especificidade. O adjetivo *humana* parece conferir ao homem a exclusividade e a posse da humanidade (ver humanismo)

Os verbetes têm a dupla função semasiológica e onomasiológica.

A metalíngua, isto é, o conjunto de elementos descrevendo o funcionamento da língua, permite observar as definições dicionárias como indicação prioritária, específicas e nominais (sinonímicas), segundo a observação das noções regulamentadas pela tradição; as definições iniciais (primeiras entradas) são as mais gerais.

No exame das entradas, desde o primeiro momento, a importância dada à reprodução humana no verbete mulher, é indicação prioritária. O papel de genitor (gerador), função de reprodução masculina não aparece para homem.

Nas definições, há uma certa confusão entre maturidade psíquica, física, sexual e moral.

#### 4.3.1 Características específicas

Apesar das indicações definitórias de caráter geral nas primeiras entradas, ressalta que as qualidades ditas femininas são ligadas a aspectos e comportamento femininos na relação com o homem e a família, como também os defeitos.

As qualidades masculinas revelam a moral e a ética dos homens.

#### 4.3.2 Sentidos particulares

Há uma grande diferença entre o tratamento do dicionário para os sentidos particulares de *homem e mulher*.

**Mulher**, sendo elemento de lexia complexa, isto é, de expansão da unidade, tem um lugar especial no tratamento homonímico e um lugar importante no tratamento polissêmico, onde se revelam sempre os sentidos depreciativos do termo (remete a um único referencial : prostituta).

**Homem**, seja executivo, soldado, operário, parece não precisar de tratamento especial, pois o sentido de base permanece.

Conclui-se que o traço diferencial, considerado como essencial, revela-se arbitrário, sem neutralidade. A indicação definitória se revela como uma fórmula única e as demais definições transmitem conteúdos tradicionais (ultrapassados em muitos casos) dos dois vocábulos .

#### 4.4 A estrutura dos verbetes no dicionário Michaelis

As entrada principais definem o homem como equivalente a ser humano ( primeira e segunda). Na terceira equivale a ser humano do sexo masculino e na quarta refere-se à humanidade. A quinta traz a sua relação implícita com a mulher ( marido ou amante) e a sexta e a sétima são definições apreciativas: *quem procede com madureza ou possui um alto grau distintivo de hombridade*. Seguem-se as lexias complexas a partir de homem, cujos traços negativos estão em *homem de duas caras, de maus bofes*. Os demais são expressões positivas que incluem *homem marginal* (!) como *aquele que vive entre duas culturas*, concluindo com a expressão **seja homem**: isto é, *suporte com coragem um mal*.

A entrada um de *Mulher* é como feminino de homem (não é ser, nem pessoa). Na entrada dois está a relação implícita com homem iniciada na um (esposa). A partir da entrada seis, as lexias remetem a *prostituta*, excetuando *mulher de casa* (doméstica), *mulher de governo* (que não é mulher de estado), mas equivalente a governante), *mulher de virtude* (significa bruxa e adivinha), *mulher durázia* – (de certa idade). Algumas remetem ao lesbianismo: *mulher-macho* – *mulher-homem*. *Mulher-objeto* é a definição que mais contraria o conceito de pessoa, pois esta passa a ser apenas tida como *fonte de prazer*:

#### 4.5 A estrutura dos verbetes no dicionário Koogan /Houaiss

O verbete *Homem* remete, na entrada um, à condição psicológica do ser humano. Na entrada dois, à humanidade e a sua evolução social. Na entrada três, ao ser humano do ponto de vista moral. Na entrada quatro, remete ao sentido de ser humano masculino (há portanto um tratamento homonímico) na idade viril. A entrada cinco é valorativa: *pessoa que possui qualidades atribuí-*

das ao sexo masculino, assim como a entrada seis. A sete coloca o homem com indivíduo quando ele equivale ao indefinido *alguém*.

As lexias complexas a seguir remetem ao poder, às qualidades e às grandezas do sexo masculino. Somente *homem do povo, pobre homem e homem de palha* não contêm semas de exaltação.

*Meu homem*, é a única expressão que traz implícita a relação com a mulher: *marido ou amante*.

O verbete *Mulher* é bem reduzido, com poucas entradas. A primeira é *ser humano do sexo feminino*; na segunda, a que atingiu a puberdade, e na terceira está registrada sua relação com o homem, legal ou não: *esposa, amásia, concubina*.

A seguir, inúmeras lexias remetem à meretriz: *mulher à toa, mulher de rua, mulher pública, mulher solteira*. Não é referido o papel de mãe, caso raro; na relação com homem, *esposa* está no mesmo patamar de *concubina e amásia*, como sinônimos. A *prostituta* é que ocupa o maior espaço na descrição de mulher.

#### 4.6 A estrutura dos verbetes no dicionário do português europeu de Mário Vilela

Escolhemos o Dicionário de **Mário Vilela** por representar a língua portuguesa na sua terra de origem, uma cultura em muitos aspectos diferenciada da brasileira.

A organização dos verbetes é diferente. O verbete Homem inicia-se pela representação fonética e categorização morfológica, para colocar seis contextos frasais. As lexias complexas (de significação positiva) são um número de cinco com duas frases feitas ou clichês, *de homem para homem/ ser homem*. Na entrada (G) enumera o feminino do termo, o aumentativo e o diminutivo. Na entrada (S) descreve os significados de Homem: *ser humano, a humanidade, a espécie humana*. A seguir, refere-se ao ser humano masculino e à idade adulta. A abonação cinco (5) traz a relação implícita com a mulher: *marido, companheiro, amante*; e na seis equivale a *qualquer um (indefinido)*.

Construção semelhante tem o verbete *Mulher*. Na entrada um (1) adverte o autor que o nome deve ser precedido de um possessivo ou determinativo no caso de equivaler à *esposa, companheira*.

A abonação 11 confirma o termo como pessoa do sexo feminino oposto à homem. Bastante cuidadoso e formal, adverte também que *senhora* deve substituir *mulher* quando significa *mulher casada ou idosa; menina*, quando for *solteira* e *rapariga* quando for *jovem*.

*Estar uma mulher* não é atingir a puberdade, mas estar crescida, (não explica se há conotação de amadurecimento sexual).

*Mulher de + nome indica* uma profissão que em geral não é de prestígio, pois o exemplo é *mulher de limpeza*. O nome precedido da preposição *de* pode indicar também o caráter (*mulher de fibra*). Na entrada S 2 com tratamento de homonímia, o verbete afirma ser a *mulher* aquela que está ligada a um homem pelo casamento, tendo como sinônimo *esposa*. Não há nenhuma referência ao papel social de *prostituta, amante, concubina*. *Mulher de limpeza* é a única lexia complexa.

## 5 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

### 5.1 O discurso sobre o homem e sobre a mulher

Após descrever os verbetes nos quatro dicionários escolhidos, seguiremos, interpretando os dados já descritos no item 4, utilizando para tal apenas o dicionário de **Aurélio**, por conter maior número de entradas e de abonações.

Prolongando as definições, o discurso nas abonações mostra as unidades em função explicitando-as e ilustrando-as. Constituído de exemplos de empregos produzidos e reproduzidos ou observados e de citações, permite observar o campo sintagmático dos dois vocábulos. As citações têm intenções ambíguas, porque fora do contexto sofrem desvio. Geralmente são citações de texto ultrapassados, não em relação a seu valor literário mas em relação à realidade atual, dificilmente testemunhando a validade dos conceitos.

Apesar disso, estas citações têm influência sobre os consulentes – imaturos ou não – e, a despeito das mudanças vertiginosas do século XX, conservam a postura de referências comportamentais.

### 5.2 Adjetivação homem x mulher

**5.2.1** O termo **Mulher**, usado como adjetivo, tem vários significados que não são sequer ambíguos; têm dependência maior do contexto, forte conotação sexual ou/e são pejorativos. *Ser mulher, tornar-se mulher*, indicam o início da fertilidade ou a perda da virgindade – (*mulher, não! Respeite*)

Os diversos modelos revelam o caráter feminino, podendo ser percebido, segundo o dicionário, os traços específicos da mulher: submissão, indecisão, falta de firmeza, ou papel de auxiliar: *como mulher sabe apóia-lo, na medida certa.*

### 5.2.2 Homem

Contrariamente ao termo *mulher*, o termo *homem* não contém sema de função biológica. Sempre apreciativo/ valorativo, ele ora é associado ao caráter viril, ora à maturidade ou às qualidades específicas, quando tem valor adjetival.

### 5.3 Traços dominantes dos caracteres particulares

No verbete *mulher*, fica evidente a importância:

- a) Do aspecto biológico da mulher.
- b) Do aspecto da relação sexual, legítima ou não.
- c) Do papel social, com sentimentos e qualidades associadas *apenas* à função de mãe de família.
- d) De sua honradez, tomando por base a presença masculina duradoura a seu lado.
- e) Da marca de vivência independente e desregrada, para as que não seguem os modelos aceitos.

De acordo com o dicionário, calcado na mentalidade geral, são traços femininos característicos o instinto maternal, o devotamento, o pudor, como também a leviandade, a inconstância, o capricho, a irracionalidade.

Já as qualidades reveladas pelo homem (e para o homem) nas formações sintagmáticas são exclusivamente positivas.: maturidade, liderança, inteligência, integridade, poder de decisão, vitalidade, coragem, lealdade.

A frase “*é um homem*”, é um elogio. (Vide o poema IF (Se) de Rudyard Kipling. A seguir, compare-o com *Amélia, a mulher de verdade* de Ataulfo Alves.)

A expressão *de homem para homem* – dá conta da lealdade e da franqueza nos homens.

#### 5.4 A presença formal ou oculta do *homem* no verbete *mulher*.

A definição *de mulher*:

- 1) envolve a presença masculina para a mostrar a diferença;
- 2) mostra a relação desviada ou correta que se pode ver nas abonações: *O rapaz deixava-se envolver por mulheres. Como mulher sabe apóia-los nos momentos certos. Papai ficava na igreja vigiando se entrava uma mulher à-toa, corria com ela.*
- 3) mostra-se a repartição dos papéis: a mulher exemplar é a mãe; nos verbetes; as definições sempre remetem às funções reprodutoras.
- 4) aceita como papeis femininos o de filha, mãe, companheira, esposa, irmã, sendo exigidas as qualidades de fidelidade, discrição (ficar em 2º plano) submissão e honestidade.
- 5) faz o homem de vítima, quando no papel de impura (como se vê nas abonações acima), sendo acusada de nociva à sociedade.
- 6) refere-se à *mulher* como *objeto* (não pessoa), quando considerada apenas fonte de prazer, tornando-se *coisa* no processo de *reifificação*.

A infidelidade feminina está presente nas “*predicações*” fútil e interesseira, no sentido de *amante* e nos inúmeros sentidos de *prostituta*. A parte positiva está contida no acepção 9, o único papel social aceito para ser desempenhado pela mulher: *esposa*.

#### 5.5 A presença da mulher no verbete *Homem*

No verbete *Homem*, em nenhuma acepção ou exemplo, há alusões à infidelidade, ou traços depreciativos, sendo vários os papeis sociais designados (homem de negócios, homem público etc.).

O item 7, do verbete homem, confrontado com o item 5 do verbete mulher, ambos definidores das pretensas qualidades masculinas e femininas, demonstra esta *superioridade*, de acordo com o dicionário. Enquanto as qualidades femininas são dedicação, carinho, compreensão, as masculinas são coragem, força, vigor.

Através do discurso dicionarizado sobre as relações homem x mulher, são próprias do homem a ação, a criação, a ciência, a coragem, a força física e moral, enquanto a mulher se equilibra na dualidade esposa x prostituta, a primeira, fiel, apagada, obediente e submissa, com ênfase no papel biológico, e a segunda fútil, perdida, volúvel, parceira sexual de todos (mulher pública) iniciadora nos mistérios do sexo para garotos (mulher-professora), a única liberta

da submissão, porém sedutora para o mal, como mostram as abonações já vistas. Seu nome é legião, pois várias denominações remetem a esse tipo de mulher.

No verbete ( em Aurélio) a única promoção feminina, excetuando *esposa*, é *mulher de negócios*, que não corresponde em frequência de uso aos empregos do termo.

*Mulher-objeto* implica alguém rebaixado ao estatuto de coisa. Difere do homem como agente e único actante

*Mulher-macho*, pelo contrário, é aquela que abdica de sua condição feminina e assume uma masculinidade que não lhe é própria, seja apenas nas atitudes ou, indo mais longe, na opção sexual.

## 5.6 Tipos masculinos/ femininos

Se *homem do povo*, *homem marginal* e *homem de rua* são hipônimos de **homem** que revelam condição humilde de quase vítima social, salvo *efeminado* ( um gol contra!), os demais hipônimos revelam o respeito e a reverência como o homem é visto e em nenhum momento atingem sua virilidade ou diminuem seu papel social. A culpabilidade feminina aparece nos conteúdos eufêmicos, *mulher do mundo*, *da vida*, *da zona* (*debochada*, *dissoluta*, *degradada*) e a série enorme de termos chulos que denominam este tipo de mulher (ver *prostituta*) *Fêmea* tem conotação negativa, diferente de *macho*.

A representação social e os papéis econômicos se configuram numa série de termos substitutos. Mostram eles a importância do homem na vida pública e os limites do domínio privado para a mulher. Ainda hoje é difícil formar o feminino nos nomes de profissão (árbitro, professor-adjunto, presidente e muitos outros), ela que é dona-de-casa, esposa, mãe. No máximo para ela, é ser *mulher de César*, mulher de reputação intocável. *Mulher-de-letras* não consta nas definições enquanto *homem de letras* está presente, junto com *homem de Estado*, *homem de bem*, *homem de ação*, *homem do mundo* (*posição*.) A lista de profissões masculinas de prestígio é particularmente abundante desde as eclesiásticas que não existem para mulheres, *papa*, *bispo*, *arcebispo*, até *poeta* que não satisfaz com o feminino *poetisa* considerado inferior e quase igual a *poetastro*.

As profissões femininas de prestígio são ambíguas, ligadas à beleza (*modelo*) à graça (*miss*), ao palco e à cena (*atriz*, *artista*, *dançarina*, *estrela*, *vedete*). Doméstica é hiperônimo muito frequente nas referências à mulher e suas atividades.

O saber e a ciência não fazem parte das profissões de prestígio femininas, como também acontece em francês. Parece continuar valendo o ditado: *Mula que faz him e mulher que sabe latim nunca têm bom fim.*

## 6- CONCLUSÃO

O tratamento polissêmico dado aos itens não evita confusões. Em *homem*, confunde-se o ser viril com o ser humano.

Analisando o discurso dicionarizado sobre *homem/ mulher*, depreende-se pelas relações sintagmáticas dos dois vocábulos, que a *mulher* é nomeada como inconseqüente, medíocre e submissa por natureza e por comportamento e que o *homem* nasce corajoso, viril e forte, representando os verdadeiros valores morais da sociedade. Os elementos paradigmáticos de *homem e mulher* são signos em situação pertencendo à língua, porque já receberam a sanção social da comunidade, enfocando a confirmação dos estereótipos tradicionais.

As distorções podem ser observadas, usando alguns pares como exemplo:

Mulher pública	-	Homem público
Mulher do mundo	-	Homem do mundo
Mulher honesta	-	Homem honesto
Mulher da vida	-	Homem da vida
Mulher aventureira	-	Homem aventureiro

Encontramos um desequilíbrio depreciativo para a mulher, em relação aos equivalentes masculinos.

A ideologia conservadora e o peso das tradições são dominantes e evidentes.

Os autores de dicionários, impregnados de subjetividade, mas também rendendo-se à visão de mundo circundante, ajudam a perpetuar modelos culturais.

O verbete de dicionário visto pela comunidade como *locus* acreditado de informações lingüísticas e extralingüísticas, como fonte fidedigna da língua e da cultura, produz sem neutralidade as definições do termo. A discriminação da mulher e a valorização do homem surgem de corpo inteiro, incontesteis.

## 7.1 BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- HOLANDA FERREIRA, Aurélio de Holanda. *Dicionário de Língua Portuguesa*. 1986
- HOLANDA FERREIRA, Aurélio de Holanda. *Dicionário de Língua Portuguesa* Século XXI. Nova Fronteira.– Rio de Janeiro. 1999/
- KOOGAN, Houaiss. *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*. Edições Delta. Rio de Janeiro. 1997.
- MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Melhoramentos. São Paulo. 1998.
- VILELA, Mário. *Dicionário do Português Básico*. Edições ASA. Porto. 1991.

## 7.2 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BENHAMOU, S. “Analyse dictionnaire de femme et de homme”. Cahiers de Lexicologie publiés par Bernard Quéhada. Didier N° 48. 1996.
- FROMILHAGE, Catherine. *Sancier. Une Introduction à l'Analyse Stylistique*. Ed. Dunod. Paris. 1991.
- KRIEGER, Maria da Graça. “Da Prática Significante Lexicográfica”. Revista Organon 23. O Texto em perspectiva. Porto Alegre. Vol. III, 23. 1995
- MURARO, Rose Marie. *A Mulher na Construção do Mundo Futuro*. Vozes. Petrópolis. 1975
- QUINTAS, Fátima. *A Mulher e a Família no Final do Século XX*. Editora Massangana. Fundação Joaquim Nabuco. Recife. 2000.
- YAGUELLO, Marina. *Les Mots et les Femmes*. Petite Bibliothèque Payot. Doc. 75. Paris. 1992.

## 8 ANEXOS

### 8.1 DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA DE AURELIO BUARQUE DE HOLANDA

#### VERBETE – HOMEM

S.M. (HOMINE)

- 1) Características específicas
- 2) Espécie humana
- 3) Ser humano do ponto de vista moral
- 4) Ser humano do sexo masculino
- 5) Ser humano em idade adulta
- 6) Ser que atingiu a virilidade
- 7) Ser dotado de qualidades ditas masculinas (coragem, força, vigor) macho
- 8) Marido ou amante

- 9) Pessoa adequada para o cargo
- 10) Pessoa qualquer (francês *l'on*)
- 11) Soldado
- 12) Biologia – Espécie/Gênero
- 13) Uso pronominal: *alguém*

Homem da lei	Homem de sociedade
Homem da rua	Homem do leme
Homem da ação	Homem do mar
Homem e bem	Homem do mundo
Homem de Deus	Homem do povo
Homem de empresa	Homem marginal
Homem de espírito	Homem público
Homem de estradas	Homem de 7 instrumentos
Homem de letras	
Homem de negócio	
Homem de prol	Frases feitas
Homem de punho	Como um só homem
Homem – bom	De homem para homem
Homem – chave	Os homens
Homem – da – rua	
Homem – de – palha	
Homem – feito	
Homem – hora	
Homem – mosca	
Homem – pássaro	
Homem – rã	
Homem – sanduíche	

Novos verbetes formados por composição por justaposição a partir do hiperônimo homem dão origem a substantivos compostos ligados por hífen – como hiperônimos da base.

### VERBETE – MULHER

S.F.(Muliere)

- 1) Ser humano do sexo feminino dif.do homem (# incluir ou diferenciar)
- 2) Parcela da humanidade
- 3) Que atingiu a idade adulta
- 4) Que atingiu a puberdade
- 5) Ser dotado das qualidades femininas (carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição)
- 6) Parceria sexual

- 7) Depreciativo: Ser frágil, dependente, fútil, superficial, interesseiro.
- 8) Esposa
- 9) Amante
- 10) Que apresenta qualidades p.tarefas mulher-dona-de-casa; mulher-de-negócios
- 11) Qualquer uma

Concluída as diferenças da lexia simples, são listadas as lexias complexas:

Mulher-à-toa	Mulher do piolho +
Mulher da comédia	Mulher errada
Mulher da rotule	Mulher fatal
Mulher da vida	Mulher perdida
Mulher da zona	Mulher pública
Mulher da rótula	Mulher vadia
Mulher de amor	
Mulher de César +	
Mulher de má nota	
Mulher do fado	
Mulher de ponta de rua	
Mulher do fandango	
Mulher do mundo	
Mulher do pala aberto	

Com novas entradas, novos verbetes, onde são agregados novos sentidos temos formações sufixais e composições por justaposição em substantivo composto ligado por hífen, onde *mulher* é hiperônimo em numerosos hipônimos.

- Mulheraça
- Mulheração
- Mulherada
- Mulherama
- Mulherio
- Mulherão
- Mulher – dama
- Mulher – de gamela
- Mulherengo – s. m.
- Mulher–macho
- Mulherico
- Mulherigo
- Mulherzinha/mulezinha
- Mulher–homem
- Mulherona

- Mulher–objeto
- Mulher–solteira

O que se pode observar, à primeira vista, é que o traço prioritário da mulher é genitora (geradora) ponto de vista biológico, e que a identidade feminina é secundária. O que avulta é seu papel de reprodutora e do ponto de vista social/moral, ela é vista através da dicotomia esposa/mãe/meretriz, sendo esta mais freqüente e marcante nos usos dicionarizados da língua.

## 8.2 DICIONÁRIO MICHAELIS/MELHORAMENTOS

### Verbetes- Homem

Sm (lat. homine)

- 1 Ser humano em geral: o homem é um mamífero bípede, dotado de inteligência e linguagem articulada.
- 2 indivíduo da espécie humana.
- 3 ser humano do sexo masculino.
- 4 a humanidade.
- 5 pop. marido ou amante.
- 6 aquele que procede com madureza, que tem experiência do mundo.
- 7 aquele que possui em alto grau os distintivos da hombridade : Só ele era homem para enfrentar tal perigo.
- 8 pop. Espécie de jogo de rapazes.
- 9 Pessoa de quem se trata.

Abominável h. das neves : animal supostamente existente nas alturas do Himalaia e comumente tido como um urso.

H. às direitas : homem honesto, virtuoso.

H.-base. Mil : sargento, cabo ou soldado, pelo qual uma tropa regula a marcha ou alimento.

H. da capa preta : pessoa difícil de distinguir entre os demais; desconhecida; indeterminada.

H. da lei: magistrado, advogado.

H. da rua : homem comum

H. das Arábias : excêntrico ou ratão; que não se pode tomar a sério.

H. das botas : o mesmo de homem de botas.

H. de ação : homem ativo, enérgico, empreendedor. H. de antes quebrar que torcer: intransigente em pontos de dignidade; de caráter firme ou íntegro.

H. de baixa extração : homem de baixa esfera ou nascimento.

H. de bem : homem de reto proceder, honesto, bondoso.

- H. de botas : homem cuja chegada se anuncia,mas nunca aparece.
- H. de conta, peso e medida: excessivamente honesto e meticuloso em suas ações e negócios.
- H. de cor : indivíduo negro ou mulato.
- H. de Deus : piedoso, santo. Exclamativamente significa enfado.
- H. de duas caras : de atitudes ambíguas, falso, dúplice, sem palavras.
- H. de estado: estadista.
- H. de fibra : homem que corajosamente enfrenta adversidade e perigos. H. de leis : jurisconsulto, legista.
- H. de letras: que se dedica ao estudo da Literatura e das ciências.
- H. de letras gordas: que ler e escreve muito mal, sem ilustração, sem educação.
- H. de maus bofes : homem de maus fígados H. de maus fígados : perverso.
- H. de Neandertal : tipo ou raça de homem do Paleolítico médio (*Homo neanderthalensis* ), reconstituído de restos de esqueletos, encontrados primeiro no vale de Neandertal, na Alemanha Ocidental, depois em muitos lugares da Europa, Norte da África e Ásia Ocidental. Distinguiu-se por uma estatura atarracada, musculosa, antebraços e parte inferior das pernas curtos crânio extremamente dolicocefálico, projecção extraordinária da região occipital, enormes arcadas superciliares, testa baixa e retrocedente e mento subdesenvolvido.
- H. de negócios: amante de ganho; negociante.
- H de palavra: o que compre o que diz ou promete; que não mente.
- H de palha: indivíduo assalariado que ocupa posição de responsabilidade, apenas na aparência, para encobrir o verdadeiro dirigente; testa-de-ferro.
- H. de poucas palavras: homem reservado, que fala pouco; desconfiado.
- H. de pulso: homem robusto, de grande força física; homem enérgico, que sabe se impor.
- H. -Deus: Jesus Cristo.
- H. do mundo: freqüentador da alta sociedade, da qual tira os hábitos e maneiras. H. do povo: homem pertencente as classes populares.
- H. dos sete instrumentos: a) o que se ocupa com vários trabalhos ao mesmo tempo, b) músico de rua que toca vários instrumentos ao mesmo tempo.
- H. elástico: pelotiqueiro que tem habilidades de tomar posição e atitudes anormais.
- H. feito: homem adulto, chegado ao uso da razão.
- H. fera, Sociol: animal humano que, devido ao isolamento, não adquiriu personalidade e cultura, ou o fez de modo rudimentar.

**Verbetes - Mulher***sf (lat. muliere)*

- 1 Feminino de *homem*.
- 2 Esposa.
- 3 Pessoa adulta do sexo feminino (opõe-se a *menina* ou *rapariga*).
- 4 Mulher da plebe ou das classes inferiores ( por oposição a *senhora* ou *dama*).
- 5 Homem efeminado, mulherengo.
- 6 Certo jogo popular.

*M. à-toa*: prostituta. *M. bará*: a que se entrega facilmente.*M. -dama*: o mesmo que *meretriz*.*M. da rótula*: marafona. *M. da rua*: meretriz.*M. das onze letras, pop*: alcoviteira (porque a palavra alcoviteira tem onze letras).*M. da vida*: meretriz. *M. de armas*: o mesmo que virago.*M. de casa*: a que administra bem uma casa e cuida com economia e previdência da vida e educação da sua família.*M. de cores, Folc*: fantasma que, segundo a credence popular de Minas Gerais e Norte de São Paulo, atravessa as estradas e caminhos em dias claros. A sua bicoloração varia segundo o informante.*M. de ferreiro, gír*: cadela.*M. de governo*: o mesmo que *governante*; mulher de casa.*M. de má nota*: prostituta. *M. de soldado*: mulher que serve outrem por dinheiro.*M. de virtude*: adivinha, bruxa, feiticeira; mezinheira.*M. do fado*: meretriz.*M. do fandango*: meretriz. *M. do piolho, Folc*: personagem de conto popular que representa a mulher contenciosa e teimosa.*M. durázia*: mulher que já tem certa idade sem ser velha.*M. errada*: a desonesta, mal comportada, transviada.*M. fatal*: o mesmo que *vamp*.*M. -homem*: lésbica. *Pl*: *mulheres-homens e mulheres-homem*.*M. logrativa*: mulher galanteadora; a que procura ser agradável.*M. macho*: a) mulher que apresenta qualidade e coragem de homem; b) lésbica. *Pl*: *mulheres-machos*.*M. -objeto*: mulher considerada como mera fonte de prazer. *Pl*: *mulheres-objetos e mulheres-objeto*.*M. perdida*: prostituta.*M. pobre, Bot*; planta bignoniácea (*jacaranda cuspidifolia*).

Aum: mulheraça, mulherão, mulherona.

### 8.3 Dicionário Enciclopédico Koogan/Houaiss

**Homem** s.m. Indivíduo dotado de inteligência

/ Espécie humana, humanidade: *a evolução social do homem.* /

A criatura humana sob o ponto de vista moral: *todo homem é passível de aperfeiçoamento.* /

Pessoa do sexo masculino, macho *e desde sempre existe um homem e uma mulher.* / O que chegou a idade viril, que é adulto: *já não é um adolescente, é um homem.* /

O que possui qualidade que se atribuem a pessoa do sexo masculino: *a energia de um homem.* /

O que é forte, corajoso: *o homem que é homem nada teme.*

/ Indivíduo.

// *Grande homem*, o que se notabiliza por qualidade morais ou de inteligência; ilustre.

// *Homem de negócios*, o que exerce atividade profissional relacionada com o comércio e as finanças.

// *Homem de dinheiro*, rico, interesseiro. // *Homem de armas*, combatente, guerreiro. // *Homem de bem*, honesto, honrado.

// *Homem de Deus*, piedoso, santo.

// *Homem de Estado*, estadista.

// *Homem público*, o que exerce funções de grande repercussão social.

// *Homem de letras*, escritor, literato.

// *Homem da lei*, magistrado, oficial de justiça, advogado.

// *homem do mar*, marinheiro, marujo, embarcado.

// *Homem do povo*, o que pertence à classe popular.

// *Homem de sociedade*, o que freqüenta a alta sociedade e conhece seus costumes.

// *Homem de palha*, o que se faz passar como responsável em lugar de outro; testa-de-ferro.

// *Homem para tudo*, o que executa trabalhos variados, sem qualificação profissional. // *Homem da rua*, qualquer um, desconhecido.

// *Pobre homem*, sem expressão, inofensivo.

// *Homem de pulso*, forte, firme, enérgico.

// *O primeiro homem*, Adão.

// *Meu homem*, marido, amante.

// *Ter homem pela frente*, encontrar quem resista. –

Informações enciclopédicas: *Os vestígios do homem fóssil estão demonstrados pela presença de ossadas em certas camadas geológicas e pela evidente feitura de objetos. A primeira descoberta importante é a da calota craniana de Neandertal, em 1856; suas dimensões, a inclinação da frente e as enormes*

*arcadas orbitárias levaram à conclusão de que era essa a forma primitiva do homem, e isso na época em que apareciam as teorias evolucionistas. Na gruta de Cro-Magnon, em 1868, foram descobertos alguns esqueletos humanos que, dada a semelhança com os dos homens da era atual, não foram desde logo reconhecidos com muito antigos.*

Os restos do pitecantropo, encontrados em Java no ano de 1891, foram considerados como prova incontestável da existência de intermediários morfológico entre o crânio dos macacos antropomorfos e o dos homens.

Outros elementos de prova desse intermediário são o sinantropo, de que foram descobertos muitos crânios perto de Pequim, o africanthropo, da África oriental, o atlantropo, descoberto próximo a Mascara (Argélia), e o zinjantropo da África meridional. – O corpo do homem divide-se em: cabeça e tronco, compreendendo este o tórax e o abdome. Os membros são partes do tronco, subdividindo-se em: membros torácicos ou superiores e membros abdominais ou inferiores. A estatura média do homem – maior que a da mulher e variável segundo as raças – é de 1, 40 a 1, 70 m.

### Verbetes Mulher

s.f. Ser humano do sexo feminino.

/ aquela que atingiu a puberdade.

/ Esposa. / Amásia, concubina.

// *Mulher à-toa, mulher da vida, mulher pública, meretriz.*

**Mulherada** s.f. V. Mulherio.

**Mulherame** s.f. V. Mulherio.

**Mulher-dama** s.f. Bras. (NE) *Pop.* O mesmo que *meretriz*

Mulher solteira. S.f. Bras. (NE) *Pop.* O mesmo que *meretriz*

### 8.4 Dicionário do Português Básico/ Mário Vilela

### Verbetes- Homem

- (1) A Terra já existia muitos milhões de anos antes do homem aparecer.
- (2) Errar é próprio do homem l
- (3) Estatisticamente, há, nesta empresa, mais homens do que mulheres.
- (4) \_ Já és um homem, tens de ganhar a tua vida!
- (5) A senhora Maria dá-se muito bem com o homem dela.
- (6) \_ Veio cá um homem procurar-te.
- **homem de Deus** : (7) \_ Ó homem de Deus ! E que quer que lhe faça ?
- **homem de letras**: (8) Era um dos mais importantes homens de letras do nosso país. **homem de negócios** : (9) Desde que trabalha com o pai, está um perfeito homem de negócios.
- **homem de palavra** : (10) O patrão cumpre o que diz. É um homem de palavra.

- **de homem para homem** : (11) Falou com o filho de homem para homem
  - **homem-rã** : (12) Os homens-rã procuraram o corpo em vão.
  - **ser homem para** : (13) Achas que ele é homem para lhe bater?
  - g.** O feminino de homem é MULHER, o aumentativo HOMENZARRÃO e os diminutivos HOMINHO ( pouco usado ) e HOMENZINHO.
  - s.** Homem quer dizer SER HUMANO, a HUMANIDADE, a ESPÉCIE HUMANA. É o animal mais complicado do ponto de vista evolutivo, dotado de razão e linguagem articulada (frase 1).
- Na frase 2, indica o SER HIMANO, conjunto de corpo e espírito, com as respectivas características.
- Na frase 3, significa SER HUMANO DO SEXO MASCULINO, em idade adulta. Se for mais novo é RAPAZ, JOVEM.
- Na frase 5, é sin. De MARIDO, COMPANHEIRO, AMANTE.
- Na frase 6, quer dizer UM INDIVÍDUO QUALQUER, UM SUJEITO, UM TIPO ( ling. familiar).
- Homem de Deus (frase7) usa-se como vocativo, e revela ENFADO, IRO-NIA, IMPACIÊNCIA.
  - Homem de letras (frase 8) é sin. De LITERATO, INTELECTUAL.
  - Homem de negócios (frase9) significa HOMEM COM RELAÇÕES NO COMÉRCIO É DEDICADO A ESSA ACTIVIDADE.
  - Homem de palavra (frase 10) quer dizer HOMEM QUE CUMPRE O PROMETIDO.
  - De homem para homem (frase11) significa COM FRANQUEZA, LEALDADE, SINCERIDADE.
  - Homem-rã (frase 12) é sin. De Mergulhador.
  - Ser homem para ( frase 13) quer dizer SER CAPAZ DE ( do ponto de vista físico ou psíquico ).

### **Verbete: mulher**

- I.** (1) Uma mulher veio procurar-te hoje, dizendo que precisa te falar.
  - (2) – É uma mulher que dirige esta empresa? • (3) Há países onde as mulheres ainda não têm direito de voto.
- II.** • **ser/estar uma mulher** : (4) A Joana está crescida! Ainda ontem era uma adolescente e já está uma mulher!
- III.** • **mulher de + n.:** (5) O patrão pôs um anúncio a pedir uma mulher de limpeza. • (6) A Rute é uma mulher de coragem.
  - (1) Depois da morte da mulher, o Eduardo nunca mais sorriu
  - (2) Vem tomar um café conosco e traz tua mulher! • (3) Tu é que é a mulher de Manuel?
- g.** No sentido II, *mulher* é um nome que é precedido, a maior parte das vezes, de um determinante possessivo (frase 1,2) ou seguido dum complemento determinativo (frase3).

s. 1. Mulher é uma pessoa DO SEXO FEMININO e opõe-se a HOMEM.

No sentido I, tem por correspondente masculino HOMEM.

SENHORA designa uma *mulher casada, uma mulher de idade; MENINA, uma mulher solteira, uma rapariga, uma jovem.*

- Estar uma mulher (frase4) é ESTAR CRESCIDA, é TER PASSADO DA FASE DE ADOLESCENTE À FASE DE ADULTO.
- **mulher de** + n. indica A SUA PROFISSÃO (frase5) ou o SEU CARÁCTER (frase 6).

s. 2. No sentido II, **mulher** é AQUELA QUE ESTÁ UNIDA A UM HOMEM POR MEIO DO CASAMENTO, em relação ao marido ou esposo.

*Mulher* tem por sin. ESPOSA.

\*\*\*

## COMO EXPLICAR VARIANTES DE USO NO PORTUGUÊS? UM DESAFIO DESCRITIVO-PRESCRITIVO

Francisco Gomes de Matos  
UFPE

### **Introdução: a variação, as variedades e os usuários**

Dentre as propriedades distintivas das línguas, a variação ocupa lugar primacial. Com efeito, toda língua varia no tempo (“mudança” é o termo adequado, neste caso) e no espaço (geográfico e social). Essa enorme variabilidade ocorre graças às opções feitas pelos usuários em seus diversos papéis nos contextos em que (inter)agem. Assim, a variação é primordialmente estilística (parafraçando o magistral pensamento de Evanildo Bechara: todo usuário deveria ser um poliglota em sua própria língua), embora seja caracteristicamente identificada através de designações para variedades coletivas: supranacionais (a língua portuguesa), nacionais (Português do Brasil, Português de Portugal, etc), regionais (Português nordestino), locais (português carioca). Poder-se-ia acrescentar também variedades profissionais, mas, rigorosamente, neste caso trata-se de terminologias das especialidades. Somos usuários com enorme potencial expressivo-comunicativo, mas nem sempre nos damos conta dessa flexibilidade e como nossas opções de uso podem estar relacionadas às nossas intenções comunicativas, às situações em que nos encontramos, à modalidade de língua usada (Português falado, escrito), às nossas condições psicológicas nos atos de fala, etc.

Há 2 anos, publicamos um breve artigo no qual exemplificamos “50 pares de enunciados cujo uso no português falado do Brasil está sujeito a interpretações divergentes” (Gomes de Matos, 1976). Naquele texto, recorremos a uma escala tripartida de graus de formalidade: uso informal, uso neutro(geral) e uso formal. Um ano mais tarde, em nosso Posfácio a um dicionário de lingüística do saudoso Pai da Lingüística no Brasil (Mattoso Camara Jr., 1977), incluímos três verbetes sobre os referidos usos e um verbe sobre “Gramática do Usuário”. Ao caracterizarmos o “uso neutro”, afirmamos que a descrição

dos usos do português oral e escrito constitui um desafio aos lingüistas e aos gramáticos escolares. Fôssemos atualizar aquela afirmação, acrescentaríamos: e também aos professores autores e material didático e lexicógrafos. No caso de professores de Português, o desafio é particularmente estratégico, pois tem a ver com Programas de Formação Docente. Assim, caberia perguntar-se: Até que ponto os futuros professores de língua portuguesa (como língua materna, segunda ou estrangeira) estarão sendo preparados para dar explicações adequadas, precisas, produtivas, realistas aos alunos, sobre os usos do português falado e escrito? O que estará sendo feito, nas universidades para ajudar as novas gerações a construir um saber-explicar que contribua para uma aprendizagem eficaz?

Nossa competência explicativa, geralmente fruto de experiência em sala de aula e enriquecida pelos ensinamentos e insights de gramáticos inovadores, pressupõe, além de um bom conhecimento sobre a organização e os usos de variedades do Português (e das principais variantes lexicais, morfosintáticas, pragmáticas, de pronúncia, de grafia), um saber conceitual-terminológico abrangente e atualizado. Assim, quando nossos alunos perguntam: “Posso dizer / escrever (isso)?”, ativamos nosso repertório de “rótulos descritivos-normativos”, grande parte dos quais oriundos de obras de referência, particularmente gramáticas descritivas, normativas (como, promissoramente está ocorrendo, entre nós, gramáticas ecléticas) e dicionários e manuais de estilo. Com que rótulos de uso trabalhamos em aula? Quais deles selecionamos, por quê, com base em que princípios? Ao fazermos julgamentos sobre a (in)aceitabilidade ou (in)adequação de variantes de uso, optamos por que rótulos? Eis uma listagem desses rótulos, compilada a partir de consulta a gramáticas e dicionários brasileiros e do exterior:

USO falado, escrito: regional; informal, formal; geral; técnico; vulgar; depreciativo; humorístico; literário; corrente; arcaico; gíria; empréstimo; neologismo; (in)aceitável; (in)adequado; (in)correto; padrão; não padrão. Essa enumeração evidentemente incompleta, deve ser complementada pelos colegas. Além da listagem, conviria sistematizar os itens em categorias, segundo os critérios organizacionais subjacentes: descritivos ou normativos. Poder-se-ia, também, destacar os rótulos controversos como “uso padrão” e “não padrão” (e, lembraríamos, a designação “uso popular”, às vezes equivocadamente oposta a “uso culto”).

### **Diretrizes para explicador**

Em seminários de Linguística Aplicada ao Ensino de Português, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE (Recife), costumamos desafiar os mestrandos/doutorandos a formularem princípios que possam ser traduzidos em diretrizes, presumivelmente orientadoras das difíceis decisões a serem tomadas por professores quando solicitados a explicarem /julgarem variantes de uso. Eis uma lista, resultante dessa interação com pós-graduandos, muitos dos quais já atuantes no magistério de língua portuguesa em estabelecimentos de ensino:

1. Explícite, em benefício dos alunos, em que conceitos-chave você irá fundamentar suas descrições/prescrições. Alunos acostumados a receber explicações com base na dicotomia “certo” ou “errado” poderão estranhar sua maneira de trabalhar a variação. No caso, uma discussão prévia sobre Variação, variedades (termo cada vez mais usado em lugar do tradicional “dialetos”), variantes, usos (observe-se que na maioria das gramáticas escolares usa-se “emprego” em vez de “uso”), usuários (direitos e responsabilidades comunicativas), funções das gramáticas, dicionários e outras obras de referência, etc.
2. Forneça aos alunos uma lista dos rótulos de uso a serem usados, principalmente na avaliação de redações. Desafie os alunos a descobrirem, em gramáticas e manuais redacionais, que designações são usadas para os usos e se as atitudes dos autores são flexíveis ou rígidas e por quê.
3. Explícite sua percepção/caracterização de “usuário(a) eficaz” da língua portuguesa e de “usuário(a) linguisticamente esclarecido(a) e responsável”.
4. Explícite sua atitude face ao autoritarismo/prescritivismo lingüístico rígido, inflexível. Esclareça que nenhuma variedade lingüística é inerentemente mais importante do que outra e que os usuários de cada variedade devem ser tratados com respeito, à luz dos direitos humanos lingüísticos.
5. Esclareça que não se pode ignorar atitudes normativas: estas desempenham um papel importante na educação lingüística formal (escolar), mas que se deve questionar toda prescrição não embasada em amostras de uso autêntico da língua seja falada ou escrita. Em suma, explique que o prescrever pressupõe o descrever com objetividade.
6. Proponha, aos alunos, uma percepção coletiva da variação dos usos centrada no conceito de adequação relativa (em lugar da perspectiva restritiva que enfatiza a correção absoluta).

7. Faça de seu trabalho, como explicador(a), uma missão também humanizadora dos seus alunos como usuários da língua portuguesa. Lembre-se de que o ensinar a usar bem o Português é usar esse idioma para o bem, individual, interpessoal, comunitário, nacional e transnacional.

Aos interessados na aplicação de uma pedagogia humanizadora ao ensino de português, consulte-se nosso *Pedagogia da Positividade. Comunicação construtiva em Português*. Recife, Editora da UFPE, 1996.

Que as reflexões deste breve artigo suscitem um aprofundamento da problemática e que, do ponto de vista prático, resultem instrumentos mais frutíferos para a formação de professores como explicadores. Aos colegas desejosos de conhecerem como um inspirador lingüista contemporâneo trabalha o ideário sobre atitudes prescritivas de maneira sensata, recomenda-se a consulta à seção *Prescriptive attitudes*, em enciclopédia de autoria de David Crystal (1995), também conhecido por seu trabalho notável como enciclopedista e lexicógrafo.

Dicionários e gramáticas dos usos do Português do Brasil – centrados no conceito de língua como sistema de opções e possíveis efeitos de tais alternativas – estão sendo aguardados. Que os resultados dessas importantes e inovadoras investigações contribuam para que nossos professores saibam verdadeiramente honrar a língua portuguesa e transmitir esse amor a seus alunos.

### Referências bibliográficas

- CRYSTAL, David (1995). *The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. CUP, pp. 366-367.
- GOMES DE MATOS, F. (1976). *Usos no Português Oral do Brasil: uma Lista para Referência*, LITTERA, número 16, julho-dezembro, pp. 27-32
- MATTOSO CAMARA JR., J. (1977). *Dicionário de Lingüística e Gramática. Referente à Língua Portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1977. Cf. Posfácio (24 verbetes), de F. Gomes de Matos.

\*\*\*

## OS IMPASSES DO NACIONALISMO EM EDIÇÃO CRÍTICA

### ***Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, na “Coleção Archivos”<sup>1</sup>**

Berthold Zilly  
Univ. Berlim

Afonso Henriques de Lima Barreto era um marginalizado. Embora apreciado pelos melhores críticos da época, o seu engajamento com os de baixo assim como a sua sátira polêmica e amarga, junto com seu vestuário negligenciado e seu pendor à bebida, feriam o gosto das elites na *Belle Époque* para as quais, no dizer de Afrânio Peixoto, a literatura era “o sorriso da sociedade”. Hoje em dia, no entanto, esse amanuense boêmio está muito mais vivo do que os “mortais” que o julgaram indigno de entrar na Academia Brasileira de Letras. Esse mulato autodidata, que combinava simpatias pelo anarquismo e pelo comunismo com nostalgias monárquicas, se tornou não apenas um dos maiores cronistas do Rio e de seus subúrbios mas pertence, faz tempo, ao cânone da literatura brasileira e latinoamericana. Já nos anos 70, o *Policarpo Quaresma* tinha integrado, junto com *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, uma exímia coletânea de obras-primas latinoamericanas, a Biblioteca Ayacucho, publicada na Venezuela e na Espanha. Não surpreende que o melhor romance de Lima Barreto tenha ganho recentemente mais uma importante e merecida consagração: foi editado na “Coleção Archivos”, o mais prestigioso programa editorial das literaturas ibéricas, constituindo o seu 30º tomo.

Esta coleção, patrocinada pela UNESCO e por agências culturais nacionais, como o CNPq no caso do Brasil, há uma década vem oferecendo a leigos e especialistas obras-chave das literaturas latinoamericanas, espanhola e portuguesa, incluindo as caribenhas, em edições confiáveis e completas, fiéis às intenções do autor, porém ortograficamente atualizadas, acompanhadas de documentos e estudos. Entre os volumes que já saíram figuram por exemplo *Rayuela* do argentino Julio Cortázar, a obra poética do peruano César Vallejo, *Hombres de Maíz* do guatemalteco Asturias, *Paradiso* do cubano Lezama Lima, a obra toda do mexicano Juan Rulfo, *Macunaima* de Mário de

---

<sup>1</sup> Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica. Antonio Houaiss, Carmem Lúcia Negreiros (Coordenadores), Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX / Scipione Cultural, 1997.

Andrade, *A Paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector, *Mensagem* de Fernando Pessoa. É um programa de fôlego que fomenta o diálogo entre as literaturas ibéricas e, uma vez que nele participam agências acadêmicas da França e da Itália, também entre as culturas neolatinas, aprofundando a consciência de tradições e tendências comuns, inserindo-as na literatura universal, já que a Coleção tem colaboradores e leitores no mundo inteiro.

Há muito tempo, os admiradores de Lima Barreto vinham esperando por uma edição solidamente estabelecida, pois suas obras completas em 17 volumes, publicadas nos anos 50 pela Brasiliense, empreendimento pioneiro e meritório, não tiveram a devida revisão. Desta vez, no caso do *Policarpo Quaresma*, temos um texto correto, enriquecido de úteis informações e instigantes interpretações. O acabamento técnico e estético deste *Policarpo Quaresma*, como de todos os volumes da série, é para fazer inveja a qualquer escritor, um livro quase de luxo, cuidadosamente confeccionado para ser lido e relido, estudado e reestudado durante anos, o oposto do freqüente *fastfood* intelectual.

Se o volume em seu conjunto é altamente satisfatório, por outro lado nem sempre cumpre as elevadas expectativas a que nos autoriza uma edição crítica. Tem-se a impressão de que faltou um controle final que teria permitido suprimir uma série de erros ortográficos e outros defeitos, aceitáveis talvez num livro “normal”, mas não na Coleção Archivos. O leitor já tropeça no *lay-out*, prejudicado em muitas linhas por caracteres subitamente espaçados, sem qualquer função estética ou comunicativa, obviamente um deslize de composição.

Na nota filológica, o responsável pelo estabelecimento do texto crítico, Francisco Venceslau dos Santos, explicita a sua estratégia, sobretudo a decisão pertinente de tomar como base a primeira edição do romance em livro, de 1915, que ele coteja principalmente com o manuscrito e com a edição em folhetim, de 1911, permitindo-nos acompanhar a gênese do texto em suas três etapas documentadas e apreciar a grande e geralmente bem sucedida preocupação do escritor com a clareza, com a correção e com a poeticidade, contrariando a sua fama de desleixado. Na atribuição de siglas às versões examinadas (p. XXIV), o editor crítico se esquece da principal, de 1915, que só na página XXVIII é identificada como a versão B. Se isso é simplesmente um erro de revisão, pode-se questionar um procedimento metódico: o caráter tácito e implícito das emendas do editor, que, por mais plausíveis que sejam, deveriam ser alistadas no aparato das lições e variantes, onde nesta edição somente aparecem as emendas e os acréscimos do próprio autor. Pois até os erros fazem parte da história de um texto, e além disso as correções de qualquer editor estão sujeitas a uma certa subjetividade que precisaria ser contrabalançada, na medida do possível, pela transparência e pela verificabilidade de todas as suas emendas.

Alguns poucos erros, sejam de Lima Barreto ou dos primeiros tipógrafos, deixaram de ser corrigidos, concernindo por exemplo o nome de um etnólogo alemão que corretamente rezaria “von den Steinen” (p. 26), ou da cidade argentina cuja grafia certa seria “Córdoba” (p. 83). Se a versão B, de 1915, de um modo geral é a melhor, em certos detalhes as duas versões anteriores merecem preferência. Assim não há como entender por que se manteve a frase “Não vá ficares doente...”, no mínimo estranha, em vez da lição bem mais correta e corriqueira da versão A, do folhetim de 1911: “Não vá ficar doente”(p. 102). O jogo de cartas do senador Pacheco se escreve em inglês “poker” (p. XXVII), e o editor da 3ª edição, de 1943, se chamava Elói Pontes (p. XXIX). Duvido que a citação “Lui est content n’a rien à dire” (p. XXV) seja correta, é pelo menos elíptica e mereceria um esclarecimento.

A vacilação entre “dois” e “dous” assim como entre “coisa” e “cousa” não é uma mera questão de “grafia da época” (p. XXXV), já que, nos dois casos, se trata de duas variantes fonética e estilisticamente bem distintas, sendo, já na época, as com o ditongo *ou* mais tradicionais e cultas do que as com *oi*. Quanto à colocação do pronome oblíquo (p. XXVII), é fenômeno gramatical e estilístico que mereceria comentário um pouco mais diferenciado, pois mostra a hesitação do autor entre a próclise, ou seja a posição antes do verbo, mais popular e mais brasileira, e a ênclise, ou seja depois do verbo, mais erudita e lusitanizante. Lima Barreto foi um dos primeiros a introduzir com certa naturalidade, sem condescendência, a língua falada do Brasil na literatura, sobretudo no discurso dos personagens, antecipando uma preocupação dos modernistas, fazendo porém questão de mostrar que dominava também os registros cultos e tradicionais, principalmente no discurso do narrador. Usava com frequência um meio-termo entre o discurso direto e o relato do narrador, ou seja o discurso indireto livre, impropriamente chamado aqui de “monólogo indireto” (p. XXXIII).

Se o texto do próprio Lima Barreto de um modo geral foi estabelecido satisfatoriamente, também os textos de apoio merecem confiança, porém com algumas pequenas reservas, a começar pela ficha de catalogação da Biblioteca Nacional da Espanha, onde o livro foi impresso, que indica erroneamente 1919 como ano da morte do escritor, ainda que um rápido olhar na cronologia, estabelecida por seu falecido biógrafo Francisco de Assis Barbosa, teria indicado o ano correto: 1922. Na “liminar” de um dos editores (p. XVII), lemos a expressão “não *com* certa esperança”, o que no contexto não dá sentido nenhum, sendo obviamente intencionado: “não *sem* certa esperança”. O *Jornal do Commercio*, que publicou, no seu folhetim, a primeira versão impressa do *Policarpo Quaresma*, em 1911, é repetidamente citado em duas grafias diferentes, ambas erradas.

É uma pena que, contrariamente ao esquema geral da Coleção Archivos, não haja algo parecido com as “Notas aclaratorias”, nem o “Glosario: índice onomástico y toponímico” adotado na edição de *Viajes*, de Sarmiento. Falta em parte a ferramenta filológica e histórica que permitiria ao leitor hodierno reconstituir os conhecimentos que o leitor da época tinha e que são imprescindíveis para entender adequadamente esse romance histórico, escrito há mais de 80 anos e cujo enredo é situado numa conjuntura política de mais de 100 anos atrás. A cronologia, em vez de tirar dúvidas, as provoca por vezes, por exemplo na enigmática expressão “primavera de sangue” (p. 270), explicada sim na cronologia da Biblioteca Ayacucho.<sup>2</sup> Falta a ponte entre o próprio texto do romance por um lado e por outro lado as suas interpretações eruditas, sofisticadas ou até especulativas no bom sentido, pois um certo grau de ousadia faz parte da boa crítica literária. Mas elas não substituem informações básicas, por exemplo sobre a Revolta da Armada, de 1893/94, pano de fundo histórico do enredo e prefiguração implícita de eventos que ocorreram durante a redação do romance: a Revolta da Chibata e a Campanha Civilista, de 1909/10.

Os estudos e ensaios sobre a história do texto e seus possíveis significados, seguidos de um volumoso dossiê sobre a história da recepção, evidenciam a crescente importância do livro pelo mundo afora, assinalada também pela extensa e cuidadosa bibliografia, que registra, embora não sem lacunas, artigos e traduções nas mais diversas línguas. As numerosas análises, publicadas neste volume, dos editores e de outros especialistas como por exemplo Dirce Riedel, Nicolau Sevcenko, Antonio Candido, Silviano Santiago, abrangem os mais diversos aspectos e métodos, elucidando a historicidade como a atualidade do livro. Este dá uma convincente forma estética a questões cruciais da história brasileira e universal, as preocupações com a “grandeza e a emancipação da pátria”, nas palavras do protagonista, ou seja, a superação do atraso (do subdesenvolvimento, como se diria mais tarde) e da injustiça, a construção da nacionalidade e da cidadania, o caráter e a função da cultura popular, a relação entre inteligência e poder, os direitos humanos. O herói ufanista, esse ridículo e perigoso, mas também simpático e admirável Dom Quixote brasileiro, experimenta uma série de decepções com o patriotismo, pagando com a morte a solidariedade com o próximo que acaba sendo o cerne de sua personalidade. A sua trajetória nos revela que a busca purista de uma essência da nação assim como a aplicação dogmática de abstratos preceitos políticos, por mais progressistas que sejam, são atitudes tão perigosas quanto o oportunismo, a corrupção e o autoritarismo. Em *Policarpo Quaresma*, Lima Barreto se revelou como grande humanista, crítico de todos os fanatismos.

<sup>2</sup> Ver também a antologia: Lima Barreto, Um longo sonho do futuro: Diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Introdução, seleção e notas de Bernardo Mendonça, Rio de Janeiro, Graphia,<sup>2</sup>1998, p. 1.

# TRANSCRIÇÃO

## TERMINOLOGIA LINGÜÍSTICA PARA OS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO EM PORTUGAL

### Introdução

O Ministério da Educação Nacional de Portugal aprovou, em 28 de abril de 1967, a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, depois que saiu, em 28 de janeiro de 1959, a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Passados tantos anos de adoção e experiência nas atividades de ensino, e levados pelo progresso por que se têm beneficiado os estudos das ciências da linguagem nos dois países, desde há muito sentiram os especialistas e os professores de ambas as bandas do Atlântico a necessidade de uma revisão dos projetos em vigor. Neste sentido o Ministério da Educação, de Portugal, pelos seus Departamento de Ensino Secundário e Departamento da Educação Básica, tomou a iniciativa de aprovar, no ano passado, proposta da Associação de Professores de Português relativa à *Terminologia Lingüística para os Ensinos Básico e Secundário*.

Em homenagem aos Colegas portugueses responsáveis por esse esforço de aperfeiçoamento e enriquecimento do texto oficial anterior, *Confluência* transcreve, para conhecimento de seus leitores, a nova proposta na ortografia do original. Por outro lado, tem a certeza de que a iniciativa da Associação de Professores de Português constituirá precioso subsídio a uma iniciativa de revisão da Nomenclatura Gramatical Brasileira, com a participação de especialistas e de professores de todos os níveis de ensino. É um exemplo a ser imitado, sem pressa e com prudência.

Evanildo Bechara

## TERMINOLOGIA LINGÜÍSTICA PARA OS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

### Equipa de Trabalho

A esta iniciativa, que partiu do Departamento do Ensino Secundário, juntou-se o Departamento da Educação Básica, através de protocolo, tendo sido co-responsável pela realização desta tarefa a Associação de Professores de Português. Na primeira fase, foram envolvidos 15.000 professores dos ensinos básico e secundário.

As sessões de trabalho de reelaboração do documento final foram moderadas por representantes da APP e desenvolveram-se a partir dos documentos apresentados pelos autores:

Alina Villalva  
Ana Cristina Macário Lopes  
Ana Maria Martins  
Carlos Assunção  
Clara Nunes Correia  
Fernanda Irene Fonseca  
Graça Vicente  
Henriqueta Costa Campos  
Inês Duarte  
José Esteves Rei  
Manuel Célio Conceição  
Maria Antónia Mota  
Maria Helena Mira Mateus  
Maria João Freitas  
Rui Vieira de Castro  
Rute Costa

### Índice

#### Objectivos e Princípios de Constituição da Terminologia Linguística

#### A – Língua, comunidade linguística, variação e mudança

1. LÍNGUA E COMUNIDADE LINGÜÍSTICA
2. LÍNGUA E FALANTE
3. VARIAÇÃO E NORMALIZAÇÃO LINGÜÍSTICA
4. TIPOLOGIA LINGÜÍSTICA
5. CONTACTO ENTRE LÍNGUAS
6. MUDANÇA LINGÜÍSTICA

#### B – Linguística descritiva

1. **Fonética e Fonologia**
  - 1.1. FONÉTICA
  - 1.2. FONOLOGIA
2. **Morfologia**
  - 2.1. CONSTITUINTES MORFOLÓGICOS
  - 2.2. ESTRUTURAS MORFOLÓGICAS
  - 2.3. AFIXAÇÃO
  - 2.4. COMPOSIÇÃO
3. **Classes de palavras**
  - 3.1. CLASSES DE PALAVRAS VARIÁVEIS
  - 3.2. CLASSES DE PALAVRAS INVARIÁVEIS
4. **Sintaxe**
  - 4.1. COMBINAÇÕES DE PALAVRAS: FIXAS E LIVRES
  - 4.2. ESTRUTURA DAS COMBINAÇÕES LIVRES DE PALAVRAS
  - 4.3. FUNÇÕES SINTÁCTICAS
  - 4.4. ORDEM DE PALAVRAS
  - 4.5. FIGURAS DE SINTAXE
5. **Semântica Lexical**
  - 5.1. LÉXICO

- 5.2. SIGNIFICAÇÃO LEXICAL
- 5.3. RELAÇÕES ENTRE PALAVRAS
- 5.4. ESTRUTURAS LEXICAIS
- 5.5. NEOLOGIA
- 6. Semântica Frásica**
- 6.1. REFERÊNCIA E PRDICAÇÃO
- 6.2. VALOR SEMÂNTICO DA ESTRUTURA FRÁSICA
- 6.3. EXPRESSÕES NOMINAIS
- 6.4. EXPRESSÕES PREDICATIVAS
- 6.5. REFERÊNCIA DEÍCTICA
- 7. Pragmática e Linguística textual**
- 7.1. COMUNICAÇÃO VERBAL
- 7.2. ENUNCIACÃO
- 7.3. INTERACÇÃO DISCURSIVA
- 7.4. ADEQUAÇÃO DISCURSIVA
- 7.5. REPRODUÇÃO DO DISCURSO NO DISCURSO
- 7.6. PROCESSOS INTERPRETATIVOS INFERENCIAIS
- 7.7. TEXTO
- 7.8. TIPOLOGIA TEXTUAL
- 7.9. PARATEXTOS

#### **C– Lexicografia**

- 1. DICIONÁRIO
- 2. GLOSSÁRIO
- 3. ENCICLOPÉDIA
- 4. TERMINOLOGIA
- 5. THESAURUS

#### **D – Representação gráfica da linguagem oral**

- 1. GRAFIA
- 2. PONTUAÇÃO
- 3. SINAIS AUXILIARES DA ESCRITA
- 4. CONFIGURAÇÃO GRÁFICA
- 5. FORMAS DE DESTAQUE
- 6. TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

### **Objectivos e Princípios de Constituição da Terminologia Linguística**

A Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário que agora se apresenta visa contribuir para dar resposta a um conjunto vasto de problemas, de natureza científica e pedagógica, que tem vindo a ser identificado no campo do ensino do português.

Entendeu-se que a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, que data de 1967, tinha deixado já de constituir uma referência produtiva na resolução de alguns daqueles problemas. Por isso, Departamento da Educação Básica e o Departamento do Ensino Secundário do Ministério da Educação, em colaboração com a Associação de Professores de Português, desencadearam, a partir de 1997, um conjunto de acções amplamente participadas com vista à elaboração de uma Nomenclatura Gramatical para os Ensinos Básico e Secundário. Dessas acções, que tomaram como referência quer documentos oficiais, quer propostas já disponíveis, designadamente, a *Proposta de Nomenclatura Gramatical. Versão actualizada*, de Inês Duarte; Maria Raquel Delgado Martins; Armada Costa; Ana Isabel Mata; Dília Ramos Pereira; Luís Prista (1991), resultaram alguns documentos, com destaque para a *Proposta de Nomenclatura Gramatical para os Ensinos Básico e Secundário*, elaborada por um grupo de trabalho, coordenado por Carlos Assunção e José Esteves Rei, no âmbito do *Projecto Falar*. Estes documentos foram objecto de discussão pública, designadamente entre os professores dos ensinos básico, secundário e superior, e motivaram diversas tomadas de posição, entre as quais a da Direcção da Associação Portuguesa de Linguística através do documento *Proposta de*

*Nomenclatura Gramatical para os Ensinos Básico e Secundário. Uma posição.* Posteriormente, foi constituído, no âmbito do Ministério da Educação, um Grupo de Trabalho composto por professores dos ensinos básico, secundário e superior que, na consideração de toda a documentação entretanto produzida, elaborou a presente *Terminologia Lingüística para os Ensinos Básico e Secundário*. Esta Terminologia articula-se com outros documentos, nomeadamente, um Glossário e uma Base de Dados, devendo o seu sentido e potencialidades ser equacionados no quadro deste conjunto mais vasto de materiais.

1. São grandes as vantagens decorrentes da existência de uma Terminologia Lingüística para os Ensinos Básico e Secundário (TL); vantagens relativas quer a aspectos do trabalho pedagógico, quer à definição dos saberes escolares quer, ainda, à natureza das relações entre o campo pedagógico e o campo científico. Nomeadamente, uma TL é factor de constituição de uma linguagem especializada, de instrumentos de trabalho reconhecíveis por professores e alunos, não apenas no domínio da Língua Portuguesa/Português, mas também no das Línguas Estrangeiras; uma TL serve a delimitação do conhecimento pedagogicamente válido numa área que reconhecidamente se apresenta como fortemente desestruturada; uma TL serve também para clarificar as bases da relação entre os saberes escolares e os saberes científicos.

No entanto, a realização destes objectivos fica em larga medida comprometida se não forem acautelados aspectos relativos à disseminação da TL: as relações de disjunção entre os sujeitos e os saberes, frequentemente anotadas na literatura, podem ser acentuadas por um texto desta natureza caso a sua difusão apareça desligada de uma estraté-

gia mais global de redefinição de saberes e metodologias.

2. Uma TL pode contribuir para a definição do que a disciplina de Língua Portuguesa/ Português é (ou pode ser) devendo, no seu estatuto e nas suas funções, ser pensada no contexto de uma discussão acerca dos objectivos, e sobretudo dos objectivos de conhecimento, atribuídos ou atribuíveis ao ensino do português (ela deve ajudar a delimitar aquilo que, sob a forma de conhecimento explícito, se deve saber sobre a língua portuguesa e, mais genericamente, sobre a linguagem verbal). Uma TL constitui, por isso:

- i) um lugar de delimitação e estruturação de instrumentos conceptuais capazes de constituir uma linguagem especializada para instituir e descrever os factos lingüísticos; ii) um lugar de circunscrição de conhecimentos sobre a linguagem verbal e sobre a língua portuguesa articuláveis com os objectivos da disciplina de Língua Portuguesa; valorizando certos conteúdos em detrimento de outros, a TL cria hierarquias, estabelecendo distintos graus de relevância no interior dos saberes.

3. Uma questão que importa considerar a propósito da TL diz respeito aos princípios a que deve obedecer a sua constituição. O que supõe, previamente, a referência às características que a definem:

- i) Uma TL é um texto pedagógico, no sentido em que se constitui prioritariamente como objecto no campo pedagógico, sendo a sua natureza radicalmente definida pelos contextos em que tem existência e pelos modos de apropriação a que é sujeita;

- ii) Tal não significa que uma TL não possa ser um texto cientificamente informado; é esta base científica, aliás, a única

que lhe pode conferir as necessárias qualidades de coesão e coerência que lhe permitirão apresentar-se como instrumento consistente e não como um mero repositório de conceitos e factos, mais ou menos avulsos;

iii) Uma TL é um texto científica e pedagogicamente *sensível*, capaz de incorporar as mudanças que vão ocorrendo no campo científico e as alterações que vão tendo lugar no campo pedagógico. Deve, pois, ser um texto capaz de afirmar algumas rupturas com o senso comum, de forma a superar as deficiências que têm sido evidenciadas, não podendo limitar-se a reflectir as concepções e/ou as práticas dos professores ou dos textos que mais imediatamente as configuram; naturalmente, as aquisições dos estudos lingüísticos não podem ser ignoradas, sobretudo aquelas que são hoje consensuais, sob risco de se estar a veicular uma visão redutora e enviesada dos factos lingüísticos. Por outro lado, uma TL não pode representar uma ruptura muito violenta com as concepções ou as práticas dos professores e dos textos que as regulam, sob risco de ela própria criar condições para a sua rejeição, por não reconhecimento. Donde a necessidade de se considerarem complementarmente: i) as concepções que hoje circulam no campo pedagógico; ii) os saberes nucleares que os estudos lingüísticos têm produzido e que são pedagogicamente relevantes.

4. A assunção dos princípios gerais antes mencionados conduziu à definição do seguinte conjunto de princípios estruturadores da TL:

i) *economia* – a TL integra em cada um dos seus níveis de organização o conjunto dos termos nucleares considerados necessários a um trabalho de reflexão formal básica sobre a língua;

ii) *hierarquização* – a TL organiza-se de uma forma estruturada evidenciando as relações entre os termos e permitindo modos diferenciados de apropriação, por exemplo, consoante o nível de escolaridade;

iii) *abertura* – a TL, ao evidenciar os seus princípios de organização, deixa em aberto a possibilidade de futuras alterações consistentes;

iv) *flexibilidade* – a TL não define, e muito menos impõe, um percurso pedagógico específico, antes supõe uma sua utilização flexível, determinada pelas características de cada contexto pedagógico específico;

v) *neutralidade paradigmática* – a TL não reivindica nenhum paradigma teórico, estruturando-se sobre conceitos operatórios que se entende traduzirem zonas significativas de consenso;

vi) *complementaridade* – a TL integra um conjunto mais amplo de instrumentos, designadamente, um glossário de termos e uma base de dados; é à luz deste conjunto mais vasto de elementos que a TL ganha todo o seu sentido.

## A. Língua, comunidade lingüística, variação e mudança

### 1. Língua e Comunidade Lingüística

- 1.1. Língua nacional
- 1.2. Língua minoritária
- 1.3. Língua oficial
- 1.4. Língua materna
- 1.5. Língua segunda
- 1.6. Língua estrangeira
- 1.7. Língua viva vs língua morta

## 2. Língua e Falante

- 2.1. Competência linguística
- 2.2. Competência comunicativa
- 2.3. Competência textual
- 2.4. Competência metalinguística

## 3. Variação e Normalização Linguística

- 3.1. Variedades geográficas
- 3.2. Variedades sociais
- 3.3. Variedades situacionais
- 3.4. Variação histórica
  - 3.4.1. Português antigo
  - 3.4.2. Português clássico
  - 3.4.3. Português moderno
- 3.5. Normalização linguística e língua padrão
- 3.6. Variedades do Português
  - 3.6.1. Variedade europeia
  - 3.6.2. Variedade brasileira
  - 3.6.3. Variedades africanas

## 4. Tipologia Linguística

- 4.1. Línguas sintéticas
- 4.2. Línguas analíticas
- 4.3. Línguas polissintéticas

## 5. Contacto entre Línguas

- 5.1. Bilinguismo
- 5.2. Multilinguismo
- 5.3. Língua franca
- 5.4. Crioulo
  - 5.4.1. Crioulos de base lexical portuguesa

## 6. Mudança Linguística

- 6.1. Tipos de mudança
  - 6.1.1. Mudança regular
  - 6.1.2. Mudança irregular (esporádica)
  - 6.1.3. Mudança analógica
  - 6.1.4. Gramaticalização
- 6.2. Factores de mudança

### 6.2.1 Factores internos

- 6.2.1.1 simplificação
- 6.2.1.2 complexificação
- 6.2.1.3 deriva

### 6.2.2. Factores externos

- 6.2.2.1. socioculturais
- 6.2.2.2. geográficos
- 6.2.2.3. políticos
- 6.2.2.4. psicolinguísticos
- 6.2.2.4. contacto de línguas
  - substrato
  - superstrato
  - adstrato

### 6.3. Genealogia linguística

- 6.3.1. Filiação genética
  - 6.3.1.1. língua mãe
- 6.3.2. Parentesco
- 6.3.3. Famílias de línguas
  - 6.3.3.1. Línguas indo-europeias
    - línguas românicas
    - línguas germânicas
    - línguas eslavas
    - línguas celtas

## B. Linguística descritiva

### 1. Fonética e Fonologia

#### 1.1. FONÉTICA

- 1.1.1. Fonética articulatória
  - 1.1.1.1. Aparelho fonador
    - Trato vocal
    - Cavidade nasal
    - Cavidade bucal
      - lábios
      - dentes
      - alvéolos
      - palato
      - véu palatino
      - úvula
    - Cordas vocais
    - Pulmões
- 1.1.2. Fonética acústica

- 1.1.2.1. Som
  - Fonte de energia
  - Fonte sonora
  - Caixa de ressonância
- 1.1.2.2. Onda sonora
  - Frequência fundamental
  - Energia
  - Duração
- 1.1.3. Fonética perceptiva
  - 1.1.3.1. Aparelho auditivo
  - 1.1.3.2. Percepção de fala
- 1.2. FONOLOGIA
  - 1.2.1. Nível Segmental
    - 1.2.1.1. Classificação dos sons
      - Vogal
      - Semivogal
      - Consoante
    - 1.2.1.2. Propriedades dos sons
      - Vogais
        - oral
        - nasal
        - alto
        - médio
        - baixo
        - arredondado
        - adiantado
        - recuado
      - Semivogais
        - oral
        - nasal
        - arredondado
        - adiantado
        - recuado
      - Consoantes
        - surdo
        - sonoro
        - Modo de articulação
          - oclusivo
          - fricativo
          - nasal
          - oral
          - lateral
          - vibrante
  - 1.2.2. Nível Prosódico
    - 1.2.2.1. Propriedades prosódicas
      - Altura
      - Duração
      - Intensidade
    - 1.2.2.2. Constituintes prosódicos
      - Sílaba
        - Classificação
          - aberta
          - fechada
          - tónica
          - átona
        - Estrutura
          - ataque
          - rima
          - núcleo
      - Palavra fonológica
        - Extensão silábica
          - monossílabo
          - dissílabo
          - polissílabo
        - Posição do acento
          - aguda
          - grave
          - esdrúxula
      - Frase fonológica
        - Entoação
          - declarativa
          - interrogativa
          - imperativa
          - exclamativa
          - persuasiva

- Pausa
  - silenciosa
  - preenchida
- 1.2.3. Processos Fonológicos
  - 1.2.3.1. Inserção de segmentos
  - 1.2.3.2. Supressão de segmentos
  - 1.2.3.3. Alteração de segmentos
    - Assimilação
    - Dissimilação
    - Nasalização
    - Ditongação
    - Redução

## 2. Morfologia

### 2.1. CONSTITUINTES MORFOLÓGICOS

- 2.1.1. Categoria morfológica
  - 2.1.1.1. Palavra
    - Adjectivo
    - Advérbio
    - Nome
    - Verbo
  - 2.1.1.2. Tema
    - Adjectival
    - Adverbial
    - Nominal
    - Verbal
  - 2.1.1.3. Radical
    - Adjectival
    - Adverbial
    - Nominal
    - Verbal
  - 2.1.1.4. Afixo
    - Prefixo
      - derivacional
      - modificador
    - Sufixo
      - Derivacional
      - Modificador
      - Flexional
      - Constituinte temático
        - índice temático
        - Vogal temática
        - Vogal de ligação

### 2.1.2. Sub-categoria morfológica

- 2.1.2.1. Classes adjectivais
- 2.1.2.2. Classes nominais
- 2.1.2.3. Classes verbais
  - Conjugação
    - primeira
    - segunda
    - terceira
  - Flexão
    - regular vs. irregular
    - pronominal
    - reflexa
    - defectiva
    - supletiva
    - forte

### 2.2. ESTRUTURAS MORFOLÓGICAS

- 2.2.1. Palavras simples
- 2.2.2. Palavras complexas
  - 2.2.2.1. Lexicalizadas
  - 2.2.2.2. Composicionais
    - Afixação
      - prefixação
      - sufixação
      - parassíntese
    - Composição
    - Conversão

### 2.3 AFIXAÇÃO

- 2.3.1. Flexão
  - 2.3.1.1. Flexão adjectival e nominal
    - Número
  - 2.3.1.2. Flexão verbal
    - Tempo-modo-aspecto
    - Pessoa-número
    - Amálgama de tempo-modo-aspecto e pessoa-número
- 2.3.2. Derivação
  - 2.3.2.1. Formas de base
    - Adjectival
    - Nominal
    - Verbal

- 2.3.2.2. Sufixos
  - Adjectivalização
    - Adjectivos de relação
    - Adjectivos de proveniência
  - Nominalização
    - Nomes-agentivos
    - Nomes de acção
    - Nomes de qualidade
  - Verbalização
    - Verbos causativos
    - Verbos incoativos
- 2.3.3. Modificação
  - 2.3.3.1. Formas de base
  - 2.3.3.2. Formas modificadas
    - Gradação
    - Relações temporais
    - Negação
    - Oposição
    - Repetição
- 2.4. COMPOSIÇÃO
  - 2.4.1. Composição morfológica
    - 2.4.1.1. Formas de base
    - 2.4.1.2. Compostos
      - Subordinação
      - Coordenação
  - 2.4.2. Composição morfo-sintáctica
    - 2.4.2.1. Formas de base
    - 2.4.2.2. Compostos
      - Subordinação
      - Coordenação
- 3. Classes de palavras**
  - 3.1. CLASSES DE PALAVRAS VARIÁVEIS
    - 3.1.1. Nome
      - 3.1.1.2. Nomes variáveis
        - Género
          - masculino
          - feminino
        - Número
          - singular
          - plural
    - Grau
      - normal
      - aumentativo
      - diminutivo
    - 3.1.1.1. Nomes invariáveis
    - 3.1.2. Subclasses de nomes
      - 3.1.2.1. Nome próprio vs nome comum
        - Nome comum
          - concreto vs abstracto
          - contável vs não contável
          - colectivo
      - 3.1.2.2. Nome
        - Animado vs Não animado
        - Humano vs Não humano
    - 3.1.3. Pronome
      - 3.1.3.1. Pronomes variáveis
        - Género
          - masculino
          - feminino
        - Número
          - singular
          - plural
        - Pessoa-número
          - 1ª singular
          - 2ª singular informal
          - 2ª singular formal
          - 3ª singular
          - 1ª plural
          - 2ª plural informal
          - 2ª plural formal
          - 3ª plural
        - Caso
          - nominativo
          - acusativo
          - dativo
          - oblíquo
      - 3.1.3.2. Pronomes invariáveis

- 3.1.4. Subclasses de pronomes
    - 3.1.4.1. Pronome pessoal
      - Tónico vs Átono
      - Reflexo
      - Recíproco
      - *se* impessoal
      - *se* passivo
      - *se* inerente
    - 3.1.4.2. Pronome demonstrativo
    - 3.1.4.3. Pronome possessivo
    - 3.1.4.4. Pronome indefinido
    - 3.1.4.5. Pronome relativo
    - 3.1.4.6. Pronome interrogativo
  - 3.1.5. Determinante
    - 3.1.5.1. Determinantes variáveis
      - Género
        - masculino
        - feminino
      - Número
        - singular
        - plural
      - Pessoa-número
        - 1ª singular
        - 2ª singular informal
        - 2ª singular formal
        - 3ª singular
        - 1ª plural
        - 2ª plural informal
        - 2ª plural formal
        - 3ª plural
    - 3.1.5.2. Determinantes invariáveis
  - 3.1.6. Subclasses de determinantes
    - 3.1.6.1. Artigo
      - Definido vs Indefinido
    - 3.1.6.2. Determinante demonstrativo
    - 3.1.6.3. Determinante possessivo
    - 3.1.6.4. Determinante nulo
  - 3.1.7. Quantificador
    - 3.1.7.1. Quantificadores variáveis
      - Género
        - masculino
        - feminino
    - Número
      - singular
      - plural
  - 3.1.7.2. Quantificadores invariáveis
- 3.1.8. Subclasses de quantificadores
  - 3.1.8.1. Quantificador universal
  - 3.1.8.2. Quantificador indefinido
  - 3.1.8.3. Numeral
  - 3.1.8.4. Quantificador relativo
  - 3.1.8.5. Quantificador interrogativo
- 3.1.9. Adjectivo
  - 3.1.9.1. Adjectivos variáveis
    - Grau
      - normal
      - comparativo
      - superlativo
        - absoluto
        - sintético
        - analítico
      - relativo
    - Género
      - masculino
      - feminino
    - Número
      - singular
      - plural
  - 3.1.9.2. Adjectivos invariáveis
- 3.1.10. Subclasses de adjectivos
  - 3.1.10.1. Adjectivo qualificativo
  - 3.1.10.2. Adjectivo numeral
- 3.1.11. Verbo
  - 3.1.11.1. Variação verbal
    - Tempo-modo-aspecto
      - Tempos simples
        - Formas do indicativo
        - presente
        - pretérito perfeito
        - pretérito imperfeito
        - pretérito m.q. perfeito
        - futuro
        - futuro do pretérito

- Formas do conjuntivo
  - presente
  - pretérito imperfeito
  - futuro
- Imperativo
- Infinitivo
  - flexionado
  - não flexionado
- Gerúndio
- Particípio passado
- Tempos compostos
  - Formas do indicativo
    - pretérito perf. comp.
    - pretérito mais que perfeito composto
    - futuro composto
    - futuro do pretérito composto
  - Formas do conjuntivo
    - pretérito perfeito composto
    - pretérito mais-que-perfeito composto
    - futuro composto
  - Infinitivo composto
  - Gerúndio composto
- Pessoa-número
  - 1ª singular
  - 2ª singular informal
  - 2ª singular formal
  - 3ª singular
  - 1ª plural
  - 2ª plural informal
  - 2ª plural formal
  - 3ª plural
- 3.1.12. Subclasses de verbos
  - 3.1.12.1. Verbo principal
    - impessoal
    - intransitivo
    - transitivo directo
    - transitivo indirecto
    - transitivo directo e indirecto
  - 3.1.12.2. Copulativo
  - 3.1.12.3. Auxiliar
    - dos tempos compostos
    - da passiva
    - temporal
    - aspectual
    - modal
- 3.2. CLASSES DE PALAVRAS INVARIÁVEIS
  - 3.2.1. Preposição
    - 3.2.1.1. Locução prepositiva
  - 3.2.2. Advérbio
    - 3.2.2.1. Locução adverbial
  - 3.2.3. Subclasses de advérbios
    - 3.2.3.1. Advérbio de negação
    - 3.2.3.2. Advérbio adjunto
      - de tempo
      - de lugar
      - de modo
    - 3.2.3.3. Disjunto
    - 3.2.3.4. Conectivo
  - 3.2.4. Conjunção
    - 3.2.4.1. Locução Conjuntiva
  - 3.2.5. Subclasses de conjunções
    - 3.2.5.1. Conjunção coordenativa
      - Copulativa
      - Adversativa
      - Disjuntiva
      - Conclusiva
      - Explicativa
    - 3.2.5.2. Conjunção subordinativa
      - Completiva
      - Causal
      - Final
      - Temporal
      - Concessiva
      - Condicional
      - Comparativa
      - Consecutiva
  - 3.2.6. Interjeição

## 4. Sintaxe

### 4.1. COMBINAÇÕES DE PALAVRAS: FIXAS E LIVRES

### 4.2. ESTRUTURADAS COMBINAÇÕES LIVRES DE PALAVRAS

#### 4.2.1. Grupo nominal

##### 4.2.1.1. Núcleo nominal

- Concordância
  - nome - determinante/  
quantificador
  - nome - adjetivo

#### 4.2.2. Grupo adjectival

##### 4.2.2.1. Núcleo adjectival

- Formas sintácticas de  
expressão do grau:
  - comparativo
  - superlativo

#### 4.2.3. Grupo verbal

##### 4.2.3.1. Núcleo verbal

- Complexo verbal
  - construções com  
auxiliares

#### 4.2.4. Grupo preposicional

##### 4.2.4.1. Núcleo preposicional

#### 4.2.5. Grupo adverbial

##### 4.2.5.1. Núcleo adverbial

- Formas sintácticas de  
expressão do grau
  - comparativo
  - superlativo

#### 4.2.6. Frase

##### 4.2.6.1. Frase simples vs frase complexa

##### 4.2.6.2. Classificação da frase complexa quanto ao tipo de articulação

- Coordenada
- Subordinante
- Subordinada
  - Substantiva
    - completiva
    - relativa sem  
antecedente

##### – Adjectiva

- relativa com  
antecedente
- restritiva
- explicativa

##### – Adverbial

- causal
- final
- temporal
- concessiva
- condicional
- comparativa
- consecutiva

##### 4.2.6.3. Classificação das frases complexas quanto à presença/ ausência de conjunção

- Sindética
- Assindética

##### 4.2.6.4. Frase e flexão verbal

- Finita
- Não finita
  - infinitiva
  - gerundiva
  - participial

##### 4.2.6.5. Tipo de frase

- Declarativa
  - afirmativa vs negativa
  - activa vs passiva
  - marcada vs  
não marcada
- Interrogativa
  - afirmativa vs negativa
  - activa vs passiva
  - directa vs indirecta
  - total vs parcial
    - parcial de eco
- Exclamativa
  - afirmativa vs negativa
  - activa vs passiva
  - total vs parcial
- Imperativa
  - afirmativa vs negativa
  - activa

**4.3. FUNÇÕES SINTÁCTICAS****4.3.1. Sujeito****4.3.1.1. Sujeito simples vs  
sujeito composto****4.3.1.2. Sujeito nulo**

- Subentendido
- Indeterminado
- Expletivo

**4.3.1.3. Concordância**

- Sujeito - verbo
- Sujeito - predicativo do  
sujeito

**4.3.2. Predicado****4.3.3. Complemento**

- Directo
- Indirecto
- Preposicional
- Agente da passiva
- Adverbial

**4.3.3.1. Concordância**

- Complemento directo -  
predicativo do  
complemento directo

**4.3.4. Modificador do predicado vs  
modificador da frase****4.3.4.1. Modificador preposicional****4.3.4.2. Modificador adverbial****4.3.4.3. Modificador frásico****4.3.5. Predicativo****4.3.5.1. do sujeito****4.3.5.2. do complemento directo****4.3.6. Vocativo****4.3.7. Funções sintácticas internas  
a expressões nominais****4.3.7.1. Complemento do nome**

- preposicional
- frásico

**4.3.7.2. Modificador do nome**

- Restritivo
  - adjectival
  - preposicional
  - frásico
- Apositivo

– nominal

– adjectival

– preposicional

– frásico

**4.4. ORDEM DE PALAVRAS****4.4.1. Ordem directa: Sujeito -  
Verbo - Objecto (SVO)****4.4.2. Ordens inversas:****4.4.2.1. VSO****4.4.2.2. VOS****4.4.2.3. OSV****4.4.2.4. OVS****4.4.3. Ordem de palavras interna  
aos grupos nominais****4.4.3.1. Ordem não marcada:  
Nome - Adjectivo (NA)****4.4.3.2. Ordem marcada (AN)****4.5. FIGURAS DE SINTAXE****4.5.1. Repetição****4.5.2. Elipse****4.5.3. Alteração da ordem directa****4.5.4. Paralelismo de construção****5. Semântica lexical****5.1. LÉXICO****5.1.1. Léxico geral****5.1.2. Léxico de especialidade****5.1.3. Unidade lexical****5.1.3.1. Palavra****5.1.3.2. Termo****5.1.3.3. Expressão lexicalizada****5.1.4. Vocabulário****5.1.4.1. Vocábulo****5.2. SIGNIFICAÇÃO LEXICAL****5.2.1. Significado****5.2.1.1. Denotação****5.2.1.2. Conotação**

— Traço semântico

**5.2.2. Monossemia****5.2.3. Polissemia**

**5.3. RELAÇÕES ENTRE PALAVRAS****5.3.1. Relações semânticas****5.3.1.1. Relações de hierarquia**

— Hiperonímia

— Hiponímia

**5.3.1.2. Relações de inclusão**

— Holonímia

— Meronímia

**5.3.1.3. Relações de equivalência**

— Sinonímia

– total

– parcial

**5.3.1.4. Relações de oposição**

— Antonímia

– contraditória

– contrária

– conversa

**5.3.2. Relações fonéticas e gráficas****5.3.2.1. Homonímia****5.3.2.2. Homofonia****5.3.2.3. Homografia****5.3.2.4. Paronímia****5.4. ESTRUTURAS LEXICAIS****5.4.1. Campo lexical****5.4.2. Campo semântico****5.5. NEOLOGIA****5.5.1 Extensão semântica****5.5.2 Empréstimo****5.5.3 Amálgama****5.5.4 Sigla****5.5.5 Acronímia****5.5.6 Onomatopeia****6. Semântica frásica****6.1. REFERÊNCIA E PREDICAÇÃO****6.2. VALOR SEMÂNTICO DA  
ESTRUTURA FRÁSICA****6.2.1. Conteúdo proposicional básico****6.2.1.1. Predicador (expressão  
predicativa)****6.2.1.2. Argumentos****6.2.2. Valor de Tempo****6.2.3. Valor de Aspecto****6.2.4. Valor de Modalidade****6.2.5. Valor de Polaridade****6.2.5.1. Afirmativo****6.2.5.2. Negativo****6.3. EXPRESSÕES NOMINAIS****6.3.1. Propriedades semânticas****6.3.1.1. Contáveis****6.3.1.2. Não contáveis****6.3.2. Valor dos adjetivos****6.3.2.1. Restritivo****6.3.2.2. Não restritivo****6.3.3. Valor das orações relativas****6.3.3.1. Restritivo****6.3.3.2. Explicativo****6.3.4. Valores referenciais****6.3.4.1. Expressões definidas**

— específico

— genérico

**6.3.4.2. Expressões indefinidas**

— específico

— não específico

— genérico

**6.4. EXPRESSÕES PREDICATIVAS  
(predicador)****6.4.1. Tempo e aspecto****6.4.1.1. Ponto de referência****6.4.1.2. Valores temporais**

— simultaneidade

— anterioridade

— posterioridade

**6.4.1.3. valores aspectuais**

— Aspecto lexical

– eventos

– actividades

– estados

— Aspecto gramatical

perfectivo

imperfectivo

- genérico
  - habitual
  - iterativo
  - pontual
  - durativo
- 6.4.2. Modalidade
  - 6.4.2.1. Valores epistémicos
    - certeza
    - probabilidade
    - possibilidade
  - 6.4.2.2. Valores deonticos
    - obrigação
    - permissão
  - 6.4.2.3. Valores apreciativos
- 6.5. REFERÊNCIA DEÍCTICA
  - 6.5.1. Deixis
    - 6.5.1.1. Pessoal
    - 6.5.1.2. Temporal
    - 6.5.1.3. Espacial
  - 6.5.2. Anáfora
    - 6.5.2.1. Antecedente
    - 6.5.2.2. Termo anafórico
  - 6.5.3. Anáfora e co-referência
- 7. Pragmática e Linguística Textual**
- 7.1. COMUNICAÇÃO VERBAL
  - 7.1.1. Participantes
    - 7.1.1.1. Locutor
    - 7.1.1.2. Interlocutor
  - 7.1.2. Co-participantes
    - 7.1.2.1. Ouvinte(s)
  - 7.1.3. Universo(s) de referência
  - 7.1.4. Contexto espacio-temporal
  - 7.1.5. Contexto verbal
  - 7.1.6. Saber compartilhado
  - 7.1.7. Meio
    - 7.1.7.1. Oral
    - 7.1.7.2. Escrito
- 7.2. ENUNCIACÃO
  - 7.2.1. Coordenadas enunciativas
    - 7.2.1.1. Ancoragem situacional
      - Deixis
- 7.2.1.2. Transposição fictiva das coordenadas enunciativas
  - Deixis transposta
- 7.3. INTERACÇÃO DISCURSIVA
  - 7.3.1. Discurso
  - 7.3.2. Força ilocutória
    - 7.3.2.1. Tipologia de actos ilocutórios
      - Assertivos
      - Directivos
      - Compromissivos
      - Expressivos
      - Declarações
        - assertivas
    - 7.3.2.2. Actos ilocutórios directos e indirectos
  - 7.3.3. Princípios reguladores da interacção discursiva
    - 7.3.3.1. Princípio de cooperação
    - 7.3.3.2. Princípio de cortesia
- 7.4. ADEQUAÇÃO DISCURSIVA
  - 7.4.1. Oral e escrito
  - 7.4.2. Registos
    - formal
    - informal
  - 7.4.3. Formas de tratamento
- 7.5. REPRODUÇÃO DO DISCURSO NO DISCURSO
  - 7.5.1. Modos de relato de discurso
    - 7.5.1.1. Citação
    - 7.5.1.2. Discurso directo
    - 7.5.1.3. Discurso indirecto
    - 7.5.1.4. Discurso indirecto livre
  - 7.5.2. Verbos introdutores de relato de discurso
- 7.6. PROCESSOS INTERPRETATIVOS INFERENCIAIS
  - 7.6.1. Pressuposição
  - 7.6.2. Implicação conversacional

- 7.6.3. Figuras
    - 7.6.3.1. Antítese
    - 7.6.3.2. Hipérbole
    - 7.6.3.3. Ironia
    - 7.6.3.4. Metáfora
    - 7.6.3.5. Metonímia
    - 7.6.3.6. Sinédoque
  - 7.7. TEXTO
    - 7.7.1. Continuidade
    - 7.7.2. Progressão
    - 7.7.3. Coesão
      - 7.7.3.1. Cadeias de referência
        - Anáfora
        - Catáfora
        - Elipse
        - Co-referência não anafórica
      - 7.7.3.2. Coesão lexical
        - Por repetição
        - Por substituição
          - hierárquica
          - não hierárquica
      - 7.7.3.3. Coesão interfrásica
        - Conectores conjuncionais
        - Conectores não conjuncionais
      - 7.7.3.4. Coesão temporo-aspectual
        - Compatibilidades
        - Tempos verbais
        - Adjuntos adverbiais temporais
        - Funções textuais dos tempos verbais
    - 7.7.4. Coerência
      - 7.7.4.1. Conectividade lógico-conceptual
        - Não contradição
        - Não tautologia
        - Relevância
      - 7.7.4.2. Coerência pragmático-funcional
  - 7.8. TIPOLOGIA TEXTUAL
    - 7.8.1. Sequencialidade
    - 7.8.2. Configuração
    - 7.8.3. Protótipos textuais
      - 7.8.3.1. Narrativo
      - 7.8.3.2. Descritivo
      - 7.8.3.3. Argumentativo
      - 7.8.3.4. Expositivo-explicativo
      - 7.8.3.5. Injuntivo-instrucional
      - 7.8.3.6. Dialogal-conversacional
  - 7.9. PARATEXTOS
    - 7.9.1. Título
    - 7.9.2. Índice
    - 7.9.3. Prefácio
    - 7.9.4. Posfácio
    - 7.9.5. Nota de rodapé
    - 7.9.6. Bibliografia
- D. LEXICOGRAFIA**
- 1. Dicionário**
    - 1.1. Tipos de dicionário
      - 1.1.1. Monolíngue
      - 1.1.2. Bilingue
      - 1.1.3. Plurilingue
      - 1.1.4. De verbos conjugados
      - 1.1.5. De sinónimos
      - 1.1.6. De antónimos
      - 1.1.7. Etimológico
      - 1.1.8. Onomástico
      - 1.1.9. Toponímico
      - 1.1.10. Electrónico
      - 1.1.11. Informatizado
      - 1.1.12. De regências
      - 1.1.13. Inverso
      - 1.1.14. De aprendizagem
      - 1.1.15. Autodicionário
    - 1.2. Estrutura dos dicionários
      - 1.2.1. Macro-estrutura
        - 1.2.1.1. Dicionário alfabético
        - 1.2.1.2. Dicionário analógico
      - 1.2.2. Micro-estrutura
        - 1.2.2.1. Artigo
        - 1.2.2.2. Entrada lexical

- 1.2.2.3. Acepção
  - 1.2.2.4. Definição
  - 1.2.2.5. Equivalente
  - 1.2.2.6. Remissão
2. **Glossário**
  3. **Enciclopédia**
  4. **Terminologia**
  5. **Thesaurus**
- 5.1 DESCRITOR
- E. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA LINGUAGEM ORAL**
1. **Grafia**
    - 1.1. Sistemas de escrita
      - 1.1.1 Pictográfica
      - 1.1.2 Ideográfica
      - 1.1.3 Silábica
      - 1.1.4 Alfabética
    - 1.2. Letra
      - 1.2.1. Alfabeto (conjunto de letras)
        - á, bê, cê, dê, é, efe, guê, agá, i, jota, capa, ele, éme, éne, o, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, duplo vê, xis, i grego, zê.
      - 1.2.2. Dígrafos
        - ch, lh, nh, rr, ss, gue(i), que
    - 1.2.3. Acento gráfico
      - 1.2.3.1. Agudo
      - 1.2.3.2. Grave
      - 1.2.3.3. Circunflexo
    - 1.2.4. Notações léxicas
      - 1.2.4.1. Til
      - 1.2.4.2. Trema
      - 1.2.4.3. Cedilha
    - 1.2.5. Sinais de ligação
      - 1.2.5.1. Hífen
      - 1.2.5.2. Apóstrofo
    - 1.2.6. Tipos de letra
      - 1.2.6.1. Letra de imprensa
        - maiúscula
        - minúscula
- 1.2.6.2. Letra manuscrita:
  - maiúscula
  - minúscula
- 1.3. Ortografia
    - 1.3.1. Regras Ortográficas
      - 1.3.1.1. Regras de Acentuação Gráfica
      - 1.3.1.2. Regras de Translineação
2. **Pontuação**
    - 2.1. Ponto
    - 2.2. Ponto de interrogação
    - 2.3. Ponto de exclamação
    - 2.4. Dois pontos
    - 2.5. Ponto e vírgula
    - 2.6. Vírgula
    - 2.7. Reticências
    - 2.8. Travessão
  3. **Sinais Auxiliares da Escrita**
    - 3.1. Parênteses
      - 3.1.1. Rectos (ou Colchetes)
      - 3.1.2. Curvos
    - 3.2. Aspas
    - 3.3. Aspas altas
    - 3.4. Asterisco
    - 3.5. Chaveta
  4. **Configuração Gráfica**
    - 4.1. Alínea
    - 4.2. Parágrafo
    - 4.3. Espaço
    - 4.4. Margem
  5. **Formas de Destaque (ou Sinais Textuais)**
    - 5.1. Itálico ( cursivo ou grifo)
    - 5.2. Negrito
    - 5.3. Sublinhado
    - 5.4. Subscrito
    - 5.5. Sobrescrito
  6. **Transcrição Fonética**

## NOTAS E COMENTÁRIOS

### UM INÉDITO DO PROF. ISMAEL DE LIMA COUTINHO: ESTREMUNHADO

Rosalvo do Valle  
UFF

No artigo publicado em *Confluência* nº 20, relatei todos os textos inéditos do prof. Ismael de Lima Coutinho referentes a estudos lingüístico-filológicos. Entre os datados há um, de outubro de 1964, sobre a etimologia de “estremunhado”, cuja publicação nos parece muito oportuna pela contribuição valiosa que traz à lexicografia da língua portuguesa.

Os dicionários posteriores a 1965, ano de falecimento do pranteado mestre, registram “estremunhar” (e o particípio passado “estremunhado”) como de origem ou etimologia obscura. Assim está no *Dicionário Etimológico* de A. G. Cunha (Nova Fronteira) e no recém-publicado *Dicionário Houaiss*. O *Novo Dicionário Aurélio* não faz referência à etimologia.

Seria conveniente rastrear em revistas especializadas ou em índices etimológicos de certas obras o discutido étimo, para avaliar a proposta de Ismael Coutinho. O texto que agora publicamos parece ter sido redigido para alguma revista ou miscelânea. O leitor que nos deu a honra de ler o artigo anterior poderá avaliar a segurança doutrinária e a clareza da exposição – frutos da leitura atenta e criteriosa das fontes consultadas.

Por fim, não posso conter um ligeiro comentário àquela referência no terceiro parágrafo: “Caldas Aulete, ou melhor, Santos Valente...” A nosso ver, essa discreta retificação é uma homenagem ao Dr. Antônio Lopes dos Santos Valente, “latinista, helenista, poeta, filólogo, profundo no conhecimento do idioma pátrio – um ‘Humanista’, na verdadeira acepção do termo” – como disse Silva Bastos no prefácio da 2ª edição do *Dicionário Contemporâneo da*

*Língua Portuguesa* de Caldas Aulete, reproduzido na 3ª edição atualizada (Parceria Antônio Maria Pereira, Lisboa, 1948).

A quem consulte o dicionário, talvez não lhe ocorra o nome de Santos Valente, o exímio diretor da equipe que nos legou essa grande obra que, para Gladstone Chaves de Melo, merece lugar de destaque “entre os dicionários portugueses, não só porque ele preenche inteiramente a sua finalidade, como principalmente, porque traça novos rumos à lexicografia portuguesa, criando o tipo do dicionário moderno” (*Dicionários Portugueses*, Ministério da Educação e Saúde, 1947, p. 40). O professor Ismael Coutinho conhecia o prefácio de Silva Bastos. Relendo-o, os que conviveram com o ilustre mestre fluminense, também “humanista, na verdadeira acepção do termo”, perceberão, sem dificuldade, o sentido da justíssima homenagem a Santos Valente, contida naquela discreta retificação.

NOTA: No sexto parágrafo transcrevemos em caracteres latinos o adjetivo *oinobarés*, escrito em grego no original.

\*

## ESTREMUNHADO

Ismael de Lima Coutinho

Várias etimologias têm sido propostas para *estremunhado*. Vamos aqui passá-las rapidamente em revista, sem as discutirmos, mesmo porque já se encarregou um mestre lusitano de mostrar a sem-razão da maior parte delas. No fim, então, apresentaremos a nossa sugestão sobre a provável origem da palavra.

Adolfo Coelho diz que *estremunhado* vem de *estremunhar*, mas silencia sobre a procedência deste verbo.<sup>1</sup>

Caldas Aulete, ou melhor, Santos Valente tira *estremunhado* de *estremunhar*, que vincula a *estrame*, esteirão de palha, cama de palha.<sup>2</sup>

Cândido de Figueiredo registra *estremunhar*, mas omite *estremunhado*. E, com dúvida, pergunta: “Relaciona-se com *tremar*?”<sup>3</sup>

<sup>1</sup> *Dic. Man. Etim. da Líng. Port.*, Lisboa, s.d.

<sup>2</sup> *Dic. Cont. da Líng. Port.*, 2 vols., Lisboa, 1881.

<sup>3</sup> *Nov. Dic. da Lín. Port.*, 2 vols., 4. ed., Lisboa, 1925 - 1926.

Júlio Moreira deriva *estremunhado* de *estrovinhado*. E assim procura justificar a sua opinião: “E que será *estrovinhado*? perguntará o leitor. Creio que é uma pronúncia popular de *tresvinhado*, vocábulo composto com o substantivo *vinho*, como *tresloucado*, de *louco*, *tresnoitado*, de *noite*, etc. A transformação de *tres*, resultante de *trans*, em *estre* explica-se como, por exemplo, nas expressões populares “*estrepassar*”, por “*trespassar*”, “*estrenoitado*”(empregado também por Camilo) em vez de “*tresnoitado*”.

Teríamos, portanto, em primeiro lugar, *tresvinhado*, que significaria primitivamente “estonteado pelo efeito do vinho”, “que sente a cabeça pesada pela ação do vinho”, quase o mesmo que significava o adjetivo grego *oinobarés*, da *Iliada*. Depois a mesma palavra passaria a designar um estado semelhante, provocado pelo sono. *Tresvinhado* facilmente se transformaria na boca do povo em *estrevinhado*, cujo segundo *e*, por influência do *v*, veio a pronunciar-se como *u*, representado na escrita por *o*: *estro [vinhado]...*”<sup>4</sup>

Todas estas etimologias estão consignadas no *Dicionário Etimológico* do mestre Nascentes, que, certamente por não concordar com nenhuma delas, lembra, no fim do verbete, *tremonha*.<sup>5</sup>

Mas não pára aqui a ciranda das hipóteses.

Rodrigo de Sá Nogueira, depois de examiná-las e discuti-las, confessa que elas não o seduzem. Por isso propõe à consideração dos estudiosos outro étimo. Partindo de *estremunhado* remonta, através das formas intermediárias, ao elemento que ele dá como base da palavra, ou seja, *tras+manhã*: *estremunhado* < *tresmunhado* < *trasmunhado* < *tras+manhã*.<sup>6</sup> No pós-escrito ao artigo em que trata do assunto, entretanto, já se mostra hesitante sobre a etimologia proposta por se lhe haver deparado, na leitura do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende<sup>7</sup>, a forma *estrovinhado*, sugerida por Júlio Moreira.

Tal hesitação estimula Leo Spitzer a tentar uma nova explicação para o caso, a qual ele supõe muito simples, mas que não nos parece levar as lampas às outras. Deduz *estremunhado* de *\*ex-turbini-atus*, que prende a *\*turbinio*, derivado de *turbo*, vertigem.<sup>8</sup>

<sup>4</sup> *Est. da Líng. Port.*, vol. II, Lisboa, 1913, pp. 280-281.<sup>5</sup> Rio, 1932.

<sup>6</sup> *Bol. de Filol. Port.*, t.V, fascs. 3-4, ps. 351-354, Lisboa, 1938.

<sup>7</sup> Ed. de Gonç. Guimarães, vol. II, ps. 113-114.

<sup>8</sup> *Bol. de Filol. Port.*, t. VI, fascs. I - II, p.204, Lisboa, 1939.

Diante de tantas e tão desencontradas opiniões, não admira que José Pedro Machado declare, ao registrar *estremunhado*: “Etimologia obscura, pois nenhuma das explicações até agora aparecidas satisfaz”.<sup>9</sup>

Estamos de pleno acordo com o etimologista luso. Confessamos igualmente que elas não nos satisfazem. Nem vai nisto nenhuma desconsideração aos seus autores, que sempre tivemos e continuamos a ter na melhor conta. É que *amicus Plato...*

Como estamos no domínio das hipóteses, não virá nenhum mal a o mundo que se proponha mais uma. *Quod abundat...* Para ela pedimos a atenção do leitor benévolo. Se não a julgar digna de consideração, resta-nos ao menos o consolo de haver posto novamente em debate um problema até agora insolúvel, na esperança de que alguém mais afortunado o resolva.

Existe entre nós uma planta denominada *estramônio*. Dão os etimologistas este nome como derivado do latim medieval botânico *stramonium*, tido até bem pouco como de origem incerta. Corominas, entretanto, afirma “que probablemente procede del ant. *estremonía* ‘astrologia, magia’ – deformación de *astronomía* – a causa de los efectos del *estramonio*”<sup>10</sup>

Segundo ele, o primeiro documento em que aparece *stramonia* é de 1555 (Laguna). Albert Dauzat cita um exemplo de *stramonium* do ano de 1664.<sup>11</sup> Com isso se comprova que a palavra não é recente.

Trata-se do nome de uma planta herbácea, pertencente à família das solanáceas, de talos ramosos, folhas grandes, brancas e dentadas. Dá um fruto espinhoso, semelhante a uma noz, em cujo interior se encontram umas sementes negras. Exala um cheiro forte quando se machucam as suas folhas. É altamente tóxica. Utiliza-a a medicina no tratamento de doenças nervosas. Tem efeito calmante nos acessos de tosse. Conhece-a o povo por “figueira do inferno”.

Frei Domingos Vieira, no verbete dedicado a *estramônio*, diz textualmente: “É um veneno enérgico cujos efeitos se denunciam por uma sonolência letárgica, que se combate especialmente com o vinagre e outros ácidos”<sup>12</sup>.

Não poderá estar aí a chave do enigma?

<sup>9</sup> *Dic. Etim. da Líng. Port.*, em fascs., Lisboa, 1952-1959.

<sup>10</sup> *Dic. Crít. Etim. de la Leng. Cast.*, Ed. Gredos, 4 vols, Madrid, 1954-1957.

<sup>11</sup> *Dict. Etym. de la Lang. Franç.*, Larousse, Paris, 1938.

<sup>12</sup> *Grande Dic. Port. ou Tes. da Líng. Port.*, 5 vols., Porto, 1871-1874.

Que é, com efeito, *estremunhado*? Define-o o *Dicionário Contemporâneo*: “que acordou ou foi acordado repentinamente e ainda está estonteado com o sono.// (Fam.) *Estonteado*.”

Semanticamente nada há que opor. *Estremunhado* deveria, pois, ter significado, a princípio, o estado de estonteamento em que ficava a pessoa, ao ser acordada repentinamente por qualquer provocação externa, a que não seriam estranhos os estimulantes empregados para neutralizar os efeitos letárgicos do *estramônio*. Este sentido se teria generalizado depois, passando a palavra a designar qualquer despertar repentino em que a pessoa não tenha o controle imediato de suas faculdades, esteja como que aturdida ou estonteada.

Também foneticamente o étimo proposto não oferece dificuldade. De *stramonium* se derivaria \**stramoniare*, que teria dado primeiro *estramunhar* e posteriormente *estremunhar*. De *estramunhar* há um exemplo de Filinto Elísio, citado por José Pedro Machado<sup>13</sup>. A passagem de *a* pretônico a *e* não é coisa insólita em português: *trasnoitado* > *tresnoitado*, *traslucado* > *treslucado*. Evolução semelhante a *-moniare* > *-munhar* se nos depara em *testimoniare* > *testemunhar*.

Nem se diga que a forma *testimoniare* não existiu em latim. No clássico, admitimos. Pelo menos, não a consignam os melhores dicionários da língua de Cícero. No latim vulgar, todavia, a sua existência não pode ser contestada. Provam-na as línguas românicas: ant. fr. *testemonier* e mod. *témoigner*, it. *testimoniare* e esp. *testimoniar*. Não importa que não figure no REW<sup>14</sup>. Ela ocorre no Du Cange<sup>15</sup>. Albert Blaise cita do verbo *testimoniare* o particípio passado *testimoniatus*, que colheu na leitura da *Genealogia Patrum*, c. 324<sup>16</sup>.

Em conclusão, de *estremunhar* teria provindo o particípio *estremunhado*, depois tornado adjetivo.

Aqui fica a nossa sugestão. Semântica e foneticamente se nos afigura a que mais fortes razões de probabilidade encerra. Com a palavra, agora, os entendidos.

\*\*\*

<sup>13</sup> *Opus laudat*.

<sup>14</sup> 3. ed., Heidelberg, 1935.

<sup>15</sup> *Gloss. Med. et Inf. Latin.*, 7 vols., Firmin Didot, Paris, 1840-1850.

<sup>16</sup> *Diction. Lat.-Franç. Des Aut. Chrét.*, Strasbourg, 1954.

## REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

FERNANDES, José Alves. *Dicionário de formas e construções opcionais da língua portuguesa*. Fortaleza, UFC – COMPED – INEP, 2000, 395 páginas.

De há muito vinha o competente e erudito titular da Universidade Federal do Ceará reunindo formas e construções opcionais, que ostentavam muitas vezes tripla maneira de uso, coletadas em obras literárias e não literárias, em revistas e jornais de grande circulação no país. Neste *Dicionário*, que continua aberto a novos acréscimos, José Alves as reúne, em importante contribuição e registro da potencialidade lexical e gramatical do nosso idioma, sempre disposto ao rejuvenescimento.

A escolha não tem a pretensão de pôr no banco dos réus certas formas e construções novas que concorrem, sem as desbancar, com outras consideradas normais, eruditas ou canônicas. A opção pode ocorrer no domínio da grafia e fonética (*abdome / abdômen, a bala / à bala; colméia / colmeia*); de aspectos lexicais (*loto / lótus*) e tantos outros.

Além do valor intrínseco de mais esta contribuição do Prof. José Alves, a obra deve estar à cabeceira de certos professores que organizam provas de concurso e que condenam, sem estudo prévio, muitas das formas e construções opcionais arrolados pelo douto mestre cearense.

E.B.

\*

RODRIGUES, José Luís (Org.) *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Tomo I: *A obra de Ricardo Carvalho Calero. Lingüística*. Tomo II: *Literatura. Miscelânea*. Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia e Universidade de Santiago de Compostela, 2000. 1007 + 1044 páginas.

Graças à competência e à dedicação do Prof. José Luis Rodrigues, com a ajuda de sua equipe de colaboradores e apoio financeiro das autoridades oficiais e universitárias da Galiza, levanta-se esta monumental e justa homenagem ao intelectual completo, lingüísta e escritor Ricardo Carvalho Calero,

mestre incomparável de variados domínios da Galeguidade. Inicia-se o volume I com o substancial estudo do Organizador sobre a vida, a obra e a bibliografia de e sobre o homenageado. As colaborações vieram de quase todas os pontos do mundo, com mais de cem autores a escreverem sobre temas do maior interesse não só para a literatura, lingüística e filologia galeza, mas ainda de assuntos correlatos. Dadas as íntimas relações históricas e culturais entre o Português e o Galego, vale acentuar que a publicação desta homenagem a Ricardo Carvalho Calero constitui importante contribuição que não deve faltar nas bibliotecas universitárias que cultivam a Romanística. Mais estreitamente ligados ao interesse dos leitores de *Confluência* são as seguintes colaborações integrantes do vol. 1: *A concepção da linguagem técnica e científica em Carvalho Calero* (Carlos Garrido); *O Professor Carvalho Calero, humanista e lingüista* (Maria do Carmo Henriquez Salido); *Planificação lingüística do galego: Vicente Viqueira, mestre de Dom Ricardo* (Domingos Prieto Alonso); *Léxico não registrado nos dicionários galegos* (Isaac Alonso Estraviz); *Achegas para o estudo da onomástica pessoal da Galiza na Baixa Idade Média* (Júlio Diéguez González); *Alguns vocábulos não vernáculos do português arcaico* (Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca); *Língua portuguesa e Acordo ortográfico* (José Luis Fontenla); *Quem está a deturpar o idioma galego?* (Luís González Blasco); *A etimologia de saudade* (Brian Franklin Head); *A língua portuguesa no século XXI: algumas problemáticas* (Benjamim Moreira); *Alguns usos conflitivos da preposição a nos complexos verbais* (Bernardo Penabade Rei).

Das contribuições do volume II, não se enquadrando a rigor nos temas de língua, e sim de questões de literatura portuguesa e brasileira, merecem referência, entre outros, os estudos de Larissa Semënova sobre *O papel da professora Elena Wolf no desenvolvimento dos Estudos Portugueses na Rússia*; de Leodegário A. de Azevedo Filho sobre *Camões, a utopia e o desconcerto do mundo*; de Fernando Cristóvão: *Vieira e os Sermões contra a escravatura*; de Xosé Manuel Dasilva: *Os sonetos de Camões em galego são camonianos ou galegos? Estado hodierno da questão*; de Francisco Nodar Manso: *O sistema paralelístico galego-português: sintaxe lóxica e harmónica, rima e selección léxico-semántica*; de Vítor Aguiar e Silva: *A poética do mito clássico n'Os Lusíadas*; de Telmo Verdelho: *Uma polémica sobre "la lengua lusitana, ò gallega", no século XVIII*; de Yara Frateschi Viera: *A soidade / suidade na lírica galego-portuguesa*.

E.B.

\*

SCHÄFER – PRIESS, Barbara. Die portugiesische Gramatikschiebung von 1540 bis 1822. Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 2000, 337 páginas.

A distinta Autora pertence à jovem geração de competentes lusitanistas alemães que se debruça sobre o desenvolvimento da gramaticografia de língua portuguesa e suas fontes inspiradoras.

Como promete o título, a A. se circunscreve ao período que vai de 1540 até 1822, isto é, desde a *Gramática* de João de Barros à 1ª edição da *Gramática filosófica* de Jerônimo Soares Barbosa, publicada seis anos depois da morte do autor, por ordem da Academia das Ciências. A organização especial da obra gramatical de Fernão de Oliveira levou a A. a não enquadrá-la rigorosamente como gramática igual às estudadas.

A obra representa a redação refundida de tese de habilitação que, em 1994, a A. apresentara a Neuphilologischen Fakultät da Universidade de Tübingen. E na página de agradecimentos, além de outros, refere-se com carinho particular à Prof. Brigitte Schlieben-Lange, tão cedo roubada à Romanística e ao convívio de seus muitos amigos, e ainda, com especial atenção aos Professores de Tübingen Eugenio Coseriu e Francisco Oroz Arizcuren, além de Telmo Verdelho (Aveiro), Gustav Ineichem (Göttingen) e Adelina Angélica Aragão Pinto Coxito (Coimbra), também já falecida, bem como aos Profs. Pfister e Holtus pelo acolhimento do trabalho para ser publicado nos *Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie*.

No capítulo introdutório, dá-nos conta do objeto e do plano operacional para a execução do tema, pondo de lado o trabalho dos ortógrafos e dos textos em louvor da língua, assim como os destinados ao ensino de estrangeiros, já que todos eles extrapolam o rigoroso projeto do que vem a ser uma gramática, apesar do seu valor específico.

No capítulo primeiro relaciona cronologicamente as 23 obras gramaticais compreendidas no espaço de tempo delimitado, acompanhando-as de breve notícia das edições saídas, da bibliografia secundária sobre o autor e obra, suas prováveis fontes, e ainda sua recepção. São elas:

1. João de Barros: *Gramática da língua portuguesa* (1540)
2. Amaro de Roboredo: *Método gramatical para todas as línguas* (1619)
3. Bento Pereira: *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda* (1672)
4. Jerônimo Contador de Argote: *Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina* (1721)
5. Antônio José dos Reis Lobato: *Arte da gramática da língua portuguesa* (1770)
6. Bernardo de Lima e Melo Bacelar (Bernardo de Jesus Maria): *Gramática filosófica, e ortografia racional da língua portuguesa* (1783)<sup>1</sup>
7. Anônimo – por uma religiosa do Mosteiro da Visitação de Lisboa: *Breve compêndio da gramática portuguesa* (1786)
8. João Joaquim Casimiro: *Método gramatical resumido da língua portuguesa* (1792)
9. Pedro José de Figueiredo: *Arte da gramática portuguesa* (1799)
10. Pedro José da Fonseca: *Rudimentos da gramática portuguesa* (1799)
11. Manuel Dias de Sousa: *Gramática portuguesa* (1804)
12. Anônimo: *Compêndio da gramática portuguesa* (1804)
13. Antônio de Moraes Silva: *Epítome da gramática da língua portuguesa* (1806)
14. Jerônimo Soares Barbosa: *As duas línguas, ou Gramática filosófica da língua portuguesa comparada com a latina* (1807)
15. João Joaquim Casimiro: *Método gramatical resumido*, 3.<sup>a</sup> ed. (1811)
16. Manuel Pedro Tomás Pinheiro e Aragão: *Memórias curiosas para a gramática filosófica da língua portuguesa* (1812)
17. Antônio José Baptista: *Compêndio de gramática e ortografia portuguesa* (1816)
18. João Crisóstomo do Couto e Melo: *Gramática filosófica da linguagem portuguesa* (1818)
19. Francisco Soares Ferreira: *Elementos de gramática portuguesa* (1819)
20. Antônio Leite Ribeiro: *Teoria do discurso* (1819)
21. Sebastião José Guedes Albuquerque: *Gramática portuguesa* (1820)
22. Manuel Borges Carneiro: *Gramática, ortografia e aritmética portuguesa* (1820)
23. Jerônimo Soares Barbosa: *Gramática filosófica da língua portuguesa* (1822)

No segundo capítulo, tece a A. considerações sobre o aparecimento das primeiras gramáticas, examinando a situação histórica da língua e das produções gramaticais, a partir do panorama lingüístico em Portugal, na Idade Média e no Renascimento.

No capítulo seguinte, comenta os autores, no seu contexto histórico; por exemplo, em relação a João de Barros, examina-o em face do Renascimento e da expansão marítima.

<sup>1</sup> Excelentemente reeditada em 1996 pelo erudito filólogo português Amadeu Torres (Academia Portuguesa de História, Lisboa)

No capítulo quarto, a parte central do trabalho, entra no âmago de cada obra, sua intenção e público-alvo, a gramática portuguesa como preparação do ensino do latim e um extenso e interessante comentário sobre as partes da gramática durante o percurso estudado, sem desprezar o que gramáticas de outras línguas românicas faziam à época.

No quinto e último capítulo, sob o título de Reconstrução, a A. estuda o que dessas obras constitui continuidade e o que constitui inovação; esta última pode ser exemplificada com a *Gramática* (1806) do nosso lexicógrafo Antônio de Moraes Silva, que é o primeiro a conceber o sistema de classes de palavras pelo modelo da *Grammaire Générale*, a que inaugurou novas definições de advérbio e de interjeição.

Segue-se rica bibliografia (279-304) e um apêndice em que se compendiam as definições das diversas classes de palavras desde a *Ars minor* de Donat até a *Institutio grammatica* (1572), de Alvares, passando pelos antigos gramáticos de outras línguas, especialmente espanhóis e franceses daqueles tempos.

Eis aqui um belo modelo de trabalho sério, bem arquitetado e melhor realizado.

E.B.

\*

DIONÍSIO, Angela Paiva – BEZZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 2001

Numa elucidativa apresentação a este livro, Edgar Rangel caracteriza-o assim: “(...) esta publicação pode ser encarada como parte do processo avaliatório, na medida em que propõe valores, critérios e patamares de exigências, diferentes ou complementares à Avaliação [avaliação oficial sistemática para compra de livros didáticos], mas sempre em sintonia com a “virada pragmática”. Nessa medida, contribuem para a construção não só de um conjunto de referências de qualidade para o livro didático de Português, mas também de um padrão e de uma dinâmica de letramento”. (pág. 14)

Para tal proposta reuniram as organizadoras as contribuições delas e de mais sete especialistas em dez capítulos, assim constituídos: “Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco *falada*”(Luiz Antônio Marcuschi); “Textos: seleção variada e atual”(Maria Auxiliadora Bezerra); “Compreensão de texto: algumas reflexões (L.A. Marcuschi); “Abordagem do poema: roteiro de um

desencontro”(José Helder Pinheiro); “Variedades lingüísticas: avanços e entraves”(Angela Paiva Dionísio); “A orientação para produção de texto”(Maria Augusta G. de Macedo Reinaldo); “Atividades sobre os usos ou exercícios gramaticais?” Uma análise do discurso reportado”(Dóris de Arruda Carneiro da Cunha); “Pontuação e sentido: em busca da parceria”(Márcia Rodrigues de Souza Mendonça); “O estudo de classes de palavras: problemas e alternativas de abordagem (Luiz Francisco Dias) e “Os destinos da avaliação no Manual do Professor”(Elizabeth Marcuschi).

Pela qualidade dos colaboradores e pela pertinência dos assuntos tratados é publicação do maior interesse para professor de Língua Portuguesa e para autores de livros didáticos da disciplina.

E.B.

\*

MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo, FAPESP – EDUSP, 2001, XXVII + 536 páginas.

A pouco e pouco vão as pesquisas microscópicas carreando material e subsídios ao conhecimento do léxico para que, num futuro que se espera próximo, os dicionários da língua portuguesa, como obras macroscópicas, delas se beneficiem e se enriqueçam. Numa elegante apresentação gráfica, a obra da distinta e competente Profa. Nilce Sant’Anna Martins vem, neste sentido, com cerca de 8000 palavras, trazer sua contribuição substancial. Apesar dos numerosos trabalhos que têm saído, dentro e fora do Brasil, sobre G.R., afirma a A. que: “faltava uma obra que reunisse, com as explicações possíveis, o vocabulário de toda a a sua obra, considerado, mesmo sem dados mais precisos, o mais amplo usado por um escritor de língua portuguesa. Essa temerária tarefa me vinha seduzindo há muito tempo e comecei a tentá-la há uns dez anos”. (XII).

No que diz respeito ao modo de elaborar o seu *corpus* do trabalho, informa-nos a A.:

“Procurei selecionar, de preferência, os vocábulos empregados com algum valor estilístico mais acentuado, vocábulos com alguma expressividade particular, como neologismos, arcaísmos ou vocábulos arcaizantes, empréstimos, onomatopéias, palavras populares, regionais ou eruditas. Assim sendo, não foram incluídos vocábulos do léxico básico da língua, aqueles que todos conhecem e usam, a não ser que seu emprego ultrapasse o puramente referencial, estando enriquecidos de uma conotação especial. Certamente essa seleção não

foi fácil e tive muita indecisão em incluir ou não determinadas palavras: daí ocorrerem, inevitavelmente, omissões e arrolamento supérfluo de vocábulos”. (Ibid.)

As palavras da A. traduzem bem certa fragilidade da opção, e bom seria que o presente *Léxico* ultrapassasse a preocupação de um vocabulário de uso especial para nos oferecer, pela primeira vez, o léxico integral de Guimarães Rosa. Apesar do prejuízo que tal opção possa trazer para diminuir um pouco a excepcional contribuição da competente A., estamos diante de um trabalho exemplar que, como disse a distinta Colega, ” esta obra permanece aberta para acréscimos, correções e aprimoramento (...) e serão muitíssimo bem-vindos. (XIII)

Cumpramos acrescentar que o trabalho não é só um levantamento lexical; a A. não perde ocasião de discutir a fundo muitas palavras – como é o caso de *felão*, entre outros – ou de palmilhar o laboratório neológico rosiano, como no comentário a *vãidade*. Por tudo isto, é obra de leitura proveitosa a todos que se interessam pela língua portuguesa e, particularmente, pela língua de Guimarães Rosa.

Convidamos o leitor interessado a inteirar-se da resenha do livro elaborada pelo nosso ilustre colega Valter Kehdi, neste mesmo número da *Confluência*.

E.B.

\*\*\*

## RESENHAS CRÍTICAS

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo, EDUSP (Ed. da Univ. de São Paulo), 2001

No presente momento, em que são publicados numerosos dicionários e léxicos especializados, é com grande satisfação que recebemos a publicação de *O léxico de Guimarães Rosa*, de Nilce S. Martins. Por tratar-se de obra alentada e de grande interesse, tecemos, aqui, algumas considerações, no sentido de divulgar um texto de capital importância e propor ao leitor um possível roteiro de leitura.

Como o mero levantamento de palavras escolhidas ao acaso não nos permitiria discutir com segurança os problemas específicos de estruturação morfológica, consideramos mais oportuno agrupar alguns dos vocábulos selecionados em função dos processos de formação.

Na impossibilidade de nos estendermos muito, deter-nos-emos nos processos de derivação sufixal, parassintética e regressiva e nos casos de cruzamento vocabular.

No que se refere à derivação sufixal, são dignos de nota os exemplos em que o sufixo adverbial *-mente* se anexa a substantivos: *almamente, coraçõemente, cruzmente, formosuramente, mãoemente, milagrementemente*. O efeito de surpresa, resultante da associação de um sufixo a um radical com o qual normalmente não se conecta, também é perceptível em *nãoeza*.

Na forma comum *- homenzarrão*, não se tem consciência, na sincronia atual, de sufixo composto. Contudo, exemplos como *homenzarrinho* e *homenzarrão* apontam para o processo de desmembramento desses sufixos, decorrente de comutações transparentes.

A derivação parassintética constitui um processo vivo nas línguas românicas. Nesse terreno, os exemplos destacados chamam a atenção pelo caráter neológico: *embrasilhar-se, embrejar*, e outros. Merece referência especial o conjunto *almado, desalma, desalmoso*, resultante da decomposição do parassintético *desalmado*; em virtude desses desmembramentos, cremos que a melhor análise para *desalmoso* é *desalm(a) + -oso* e, num segundo momento, *des- + alma* (cf. p.155, s.v.), à semelhança do que assinalamos no parágrafo anterior.

Dá-se o inverso em *desemalocar*, onde temos a anteposição do prefixo *des-* ao parassintético neológico *emalocar*, análise preferível a *des-* + *-e-* + *maloc(a)* + *-ar* (cf. p.159, s.v.).

Ao contrário dos parassintéticos, os deverbais regressivos são tidos como não produtivos em português, embora substantivos como *agito*, *chego*, *sufoco* e *vacilo* sejam recentes e bastante divulgados. A autora faz um levantamento apreciável de deverbais regressivos na obra rosiana: *alopro*, *avejo*, *berberro*, *careteja*, *desarma*, *desarrazão*, *refervo*, entre outros. Note-se que são utilizados todos os sufixos átonos (indevidamente considerados por alguns como vogais temáticas nominais) marcadores desse processo: *-o*, *-a*, e *-e*. São raros os casos de deverbais regressivos terminados em consoante, mas os exemplos arrolados são persuasivos, em função da constelação a que se integram: *grol*, *engrol*, *desrol*; portanto, parece-nos preferível considerar *desliz* não como variante de *deslize*, e sim como deverbial regressivo sem sufixo átono (cf.p.162, s.v.).

Dos numerosos exemplos de cruzamentos vocabulares, destacamos alguns como *adormorrer*, *beobobo*, *copoanheiro*, *outrotanto*, *pacificioso*, *pobrepérrima* e *vãidade*, satisfatoriamente explicados pela autora. Em função do conjunto, julgamos mais aconselhável que se veja em *beobobo* a fusão de *beócio* e *bobo* e não “anteposição ao voc. *bobo* da soletração da síl. *bo*”(p.69, s.v.). Quanto a *pacificioso*, não nos parece que se trate do sufixo *-(i)oso*, pois essa variante só ocorre quando há *-i-* semivocálico no radical (*audacioso*, de *audácia*; *falacioso*, de *falácia*); preferimos ver aí a fusão de *pacífico* e *cioso*, explicação também proposta (cf.p.365, s.v.).

Encerrando nossas considerações, cumpre esclarecer que não é possível esgotar, aqui, todos os comentários relativos a um léxico muito bem selecionado e minuciosamente estudado ao longo de 536 páginas. Optamos pelo levantamento de alguns vocábulos em função de seu processo de formação, o que permite uma visão de conjunto e facilita a escolha de uma análise específica diante de duas ou mais propostas possíveis. À explicação morfológica se associa o exame da expressividade do vocábulo em função do contexto. Ressalta-se, finalmente, que as observações aqui apresentadas têm por objetivo conduzir o consulente a uma leitura mais profunda e global, à altura do excelente instrumento de trabalho com que nos brinda com a professora Nilce S. Martins.

Valter Kehdi

\*

CAVALIERE, Ricardo. *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*. Niterói, EdUFF, Coleção Ensaios, n. 16, 2000.

Obras elaboradas no século XIX têm sido apenas comedidamente mencionadas em crônicas que se propõem a recontar a história dos estudos sobre a linguagem no Brasil, embora, de um dado ponto de vista – o da existência política “formal” do país – esse século seja um momento-chave para a interpretar a formação de tradições locais em Lingüística e Filologia.

A sensação de que muito já foi dito sobre a língua portuguesa e de que a novidade e a criatividade na elaboração da história estejam atreladas ao uso de fontes materiais pouco conhecidas direciona o foco de interesse da historiografia da lingüística brasileira contemporânea a períodos mais antigos (supostamente, menos repisados), bem como a trabalhos que lidam com as ainda misteriosas línguas autóctones do país. Soma-se a isso o fato de as primeiras crônicas terem optado pela ênfase no século XX, mais rico em termos de organização institucional e diversificação dos estudos, e compreende-se o motivo de o século XIX manter-se como uma lacuna neste quadro de reflexões. Por estar tão próximo cronologicamente, já manifestar a tendência marcante em nossa história de privilegiar a língua portuguesa e não dispor de níveis elaborados de institucionalização da área, alguma espécie de distorção o transformou em pós-exótico e pré-científico.

Os senões que têm cercado tanto a palavra ‘gramática’ quanto a legitimidade da elaboração de textos que privilegiem certas variantes, fizeram da gramaticografia do período um patinho ainda mais feio que os demais. A respeito dela, em análises apressadas, reiteram-se clichês sobre idiosincrasias, cientificismos e lusitanismos na derivação de conceitos gramaticais e na seleção dos modos de ‘bem dizer’.

Ricardo Stavola Cavaliere, em *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*, propõe-se a desmistificar alguns desses lugares-comuns ao tratar do período de confecção de obras gramaticais sobre o português iniciado em 1881, por Júlio Ribeiro, e expandido à segunda década do XX.

As peculiaridades identificadas nas diferentes obras talvez solicitem uma subperiodização, cujas justificativas Cavaliere intui ao, por exemplo, reiterar um certo tecnicismo de Maximino Maciel opondo-o a um antidogmatismo de Said Ali em face da língua. O autor, no entanto, com recurso às características compartilhadas, mais metodológicas que conceptuais, consegue manter a consistência do recorte temporal proposto, ao menos para a fonologia e a morfologia.

A formulação dos conceitos, os modos de estruturação das seções, os entroncamentos do fazer lingüístico com o conjunto de idéias compartilhadas pela comunidade científica (como uma visão naturalista da língua), permitem-nos reconhecer nas obras analisadas preocupações atualíssimas com as relações entre linguagem e cognição, linguagem e texto gramatical, ciência da linguagem e ensino de língua – aspecto em que se concentram as reflexões de Cavaliere.

O professor Ricardo lança luz sobre os dilemas dos autores frente à propensão a fazer ciência lingüística (isto é, descrever e explicar a língua(gem)) em um contexto em que o estudo do português e a produção de obras a ele dedicadas tinham como destino quase único as salas de aula, nas quais deveria ser enfatizado o ‘bom uso’. Uma confluência – conflituosa – entre a prescrição e a descrição impõe-se como saída possível para esse impasse.

*Fonologia e morfologia...* está organizado em 7 capítulos. No primeiro deles, “Filologia e Lingüística”, o autor revisa a literatura dedicada a esse debate, enfatizando as diferenças entre tradições européias do século XIX a que boa parte das nossas crônicas históricas atribui o rótulo genérico de “histórico-comparativa”.

No capítulo 2, “A gramática científica”, Cavaliere discute conceitos de gramática e apresenta os traços fundamentais da Gramática Científica Brasileira.

O capítulo 3, “Influências estrangeiras”, funciona como uma síntese dos anteriores, uma vez que mapeia fontes, conceitos e procedimentos descritivos selecionados e refundidos pelos gramáticos brasileiros em meio à profusão de opções européias disponíveis. Torna-se evidente, por este capítulo, o diálogo mantido pelos autores com tradições que extrapolam a órbita ibérica. Fontes alemãs e francesas têm sua assistemática ‘influência’ delimitada.

Uma revisão dos trabalhos historiográficos dedicados à gramática científica é realizada no capítulo 4, partindo de Maximino Maciel (1910) e chegando a Sílvio Elia (1975).

Os capítulos 5 (“Fonologia”) e 7 (“Morfologia”) são o núcleo do trabalho. Explicitam e interpretam os modos de tratamento desses dois níveis de análise nos textos selecionados. Cavaliere situa cada um deles na estruturação das gramáticas, delimita o que foi considerado problema científico, e destaca propostas autênticas dos autores para o desatamento de certos nós descritivos nesses dois domínios da língua portuguesa.

Intercalado, talvez com o intuito de refletir as polêmicas em torno do “lugar” conferido a seu tema, encontra-se o capítulo 6, “Ortografia”. Nele, o

autor expõe o caos ortográfico nacional no período, trata dos projetos de reforma e, finalmente, dá notícias sobre a 'ortografia nas gramáticas' (pp. 233-240). Apesar de necessária e interessante, a contextualização do problema alonga-se desproporcionalmente ao trecho em que ele é debatido nos limites da produção gramatical sob análise. Daí que pudesse preceder os capítulos 5 e 7, nos quais de fato mergulhamos nas formas de tratamento da língua peculiares à Gramática Científica.

*Fonologia e morfologia da gramática científica brasileira* é uma importante verticalização dos estudos sobre a linguagem do século XIX.

Olga Coelho

\*\*\*

## NOTICIÁRIO

Discurso de saudação, em nome do corpo docente do Instituto de Letras, aos Professores Evanildo Cavalcante Bechara, Maria Helena Peixoto Kopschitz, Maximiano de Carvalho e Silva, Rosalvo do Valle e Sílvio Edmundo Elia na outorga do título de professor Emérito pela Universidade Federal Fluminense (10-01-2001)

Professor Carlos Eduardo Falcão Uchôa

A minha atividade docente universitária, os meus quarenta anos de Universidade Federal Fluminense, têm, nesta longa trajetória, me proporcionado inúmeras e fundas alegrias e realizações. O dia de hoje, este 10 de janeiro de 2001, certamente será data que ocupará um lugar do mais pleno destaque no meu currículo acadêmico e, o que vale muito mais para mim nesta altura da existência, será data que representará uma ocasião de incontida emoção, do mais profundo sentir para o meu coração, que pulsa descompassadamente ao viver aqui, nesta solenidade, a gratíssima incumbência, que o Colegiado do Instituto de Letras generosamente me outorgou, escolhendo-me para saudar, em nome da nossa instituição, cinco colegas, no dia em que a Universidade Federal Fluminense os acolhe com a mais alta deferência que a um professor da Universidade se concede: a emergência.

Senhores Professores Eméritos: estejam certos, honra-me, envaidece-me, mas sobretudo me invade um mundo de lembranças e evocações, o dirigir-me hoje aos senhores para testemunhar, exaltar como merecem, a relevante atuação que, durante anos, marcou-lhes a presença nesta Universidade. Dirigir-me agora aos colegas eméritos é, na verdade, recordar tantos e tantos anos de convívio, expressando o que penso e sinto deste longo caminhar, em meio a inevitáveis vicissitudes, encontros e desencontros, que a vida vai tecendo inexoravelmente. Quando escrevemos, estamos na verdade interpretando, estamos lendo algum aspecto do mundo, dos outros, do eu no mundo, do eu nos outros e com os outros.

Senhores Professores Eméritos: vejo-os como cinco representantes dos mais ilustres de uma geração cultural marcada por uma sólida formação humanística. Aos cinco colegas cabe à perfeição o papel do intelectual. Este, na visão de Mílton Santos, um dos mais respeitados pensadores do país, é aquele que dedica todo o tempo à busca incansada da verdade, com a coragem, sempre que necessária, para criticá-la, com o pensamento permanente no porvir.

Voltados para diversos campos do conhecimento da linguagem, todos os professores que hoje recebem a emergência foram mestres de gerações, meus mestres. De todos eles recebi ensinamentos, em salas de aula e sobretudo em incontáveis encontros pessoais, ensinamentos imprescindíveis à minha formação de intelectual e de lingüista, na minha luta particular de achar a minha verdade, que me possibilitasse ser um professor cômico de minha função na Universidade. Sou, como tantos outros colegas, muito afortunado de tê-los encontrado na vida, pois tê-los como mestres foi decisivo não só pelo que nos transmitiram, como também por nos tornarem capazes de ampliar e aplicar o conhecimento apreendido, impossibilitando que viéssemos a ser, ainda com Mílton Santos, meros letrados, incapazes de nos situarmos criticamente ante a pluralidade de idéias que deve prevalecer no mundo acadêmico, ou iludidos pela sedução de qualquer -ismo que logo se mostraria efêmero pela sua inconsistência.

Começo por saudar o Professor Sílvio Edmundo Elia, aqui representado por sua viúva, D. Maria José da Fonseca Elia, padrão de dignidade e de ternura, companheira de todas as horas de um homem com cuja falta nos resignamos, apoiando-nos em Guimarães Rosa: “ele não morreu, ficou encantado”. Há anos atrás, ao ter eu a honra de escrever a apresentação da 24 edição revista e ampliada de *Orientações da Lingüística Moderna*, assinalava: “A primeira observação que se pode fazer do conjunto de trabalhos de Sílvio Elia é a variedade dos temas tratados, reflexo da curiosidade de um estudioso dotado de esplêndida formação humanística. Dedicou-se ele aos estudos latinos e românicos; a investigações, muito diversificadas, sobre o português; a reflexões sobre diversos momentos da história da Lingüística. Fez ainda uma ou outra incursão pelo campo da crítica literária”. E acrescentava eu pouco adiante: “Em toda esta variada contribuição de Sílvio Elia para os estudos lingüístico-filológicos no Brasil sobressai-se o crítico de idéias, o estudioso que, lendo os primeiros gramáticos portugueses ou Chomsky, está sempre interpretando, situando, retificando, confrontando, sugerindo, levantando dúvidas...” Algumas de suas obras receberam expressiva consagração como *O problema da língua brasileira*, publicada quando muito jovem, em 1940, com que alcançou o prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras.

O Professor Sílvio Elia foi Professor Titular de Filologia Românica da PUC do Rio de Janeiro e da Universidade Católica de Petrópolis, Professor Titular de Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Faculdade de Humanidades Pedro II, Professor visitante da Universidade de Lisboa e da Universidade de Coimbra. Na Universidade Federal Fluminense, onde ingressou nos anos 70, foi de inestimável importância o curso sobre História da Lingüística, com dois semestres de duração, que ministrou ao longo de muitos anos no Mestrado em Letras e as várias dissertações que orientou neste curso.

Mas não quero cingir-me aqui a enumerar suas inúmeras obras, algumas de alcance internacional, como *Preparação à Lingüística Românica*. Não quero deixar de ressaltar neste evento acadêmico a figura humana que foi Sílvio Elia: com sua cordialidade aliada à defesa intransigente, e até veemente, de suas verdades, angariou pela vida afora inúmeros amigos. Espirituoso sutil, era pessoa muito afetiva. Quando seu irmão querido, mais moço, o Professor Hamilton Elia, morreu, li na faixa que se sobrepunha à coroa por ele enviada: Hamilton, que saudade! Sílvio Elia dignificou o magistério brasileiro pelos seus exemplos, pelas atitudes tomadas em defesa permanente dos interesses do professorado brasileiro e pelo seu amor aos livros. Foi uma vida de estudo. Leu e escreveu até morrer, procurando sempre inteirar-se do que era publicado para poder situar-se criticamente ante o aparecimento de novos caminhos no estudo da linguagem.

Saúdo agora o professor Evanildo Cavalcante Bechara. Professor Bechara, que teve como mestre o notável Said Ali, foi um digno continuador seu nos estudos sobre o português. Desde muito cedo, incansável e devotado pesquisador de nossa língua em todas as suas épocas e domínios (especialmente o da sintaxe), veio a alcançar, com justiça, títulos do mais alto prestígio, como o de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra, o de membro da Academia de Ciências de Lisboa, o de Professor Emérito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o de membro mais recente da nossa Academia Brasileira de Letras.

Testemunha também expressivamente a sua alta competência o de ter se submetido, desde muito moço, e brilhantemente em todas as ocasiões, a oito concursos públicos, destacando-se os prestados para a Cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II (com 27 anos), para a Cátedra de Língua e Literatura do tradicional Instituto de Educação do Rio de Janeiro (com 35 anos), para a Cátedra de Filologia Românica da hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (aos 36 anos), e para Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense, onde ingressou nos anos 70 para lecionar no Mestrado

em Letras, tendo orientado cerca de 30 dissertações. Foi ainda Professor visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e da Universidade Católica de Nimega (Holanda).

Uma vida consagrada ao estudo e ao magistério propiciou ao professor Bechara uma produção intelectual das mais significativas, nela sobressaindo a sua *Moderna Gramática Portuguesa*, que alcançou, desde a sua primeira edição de 1961, extraordinária aceitação, com sucessivas edições até 1999, quando, em sua 37ª edição revista e ampliada, produz, a rigor, em quase 700 páginas, uma nova obra, graças à permanente atualização de seu autor. Por ocasião da edição inaugural da *Gramática* de Bechara, não errou aquele que hoje o saúda, quando jovem petulante, recém saído dos bancos da Universidade, mas entusiasmado ao ver registrados, pela primeira vez em gramática da nossa língua, vários tópicos encarados à luz dos mais recentes estudos lingüísticos de então, previu ao final de sua resenha: “que ela representará, em relação a boa parte do nosso magistério, uma nova tomada de posição no que diz respeito a muitos pontos da nossa gramática”. Certo é que a gramaticologia do português terá na *Gramática* do professor Bechara um marco importante no estudo na nossa língua.

Da figura humana do Professor Evanildo Bechara realço a amabilidade no convívio com os seus amigos, colegas e alunos, a prestimosidade de servir o próximo e o respeito sempre cultivado pelos seus mestres.

Saúdo a seguir a professora Maria Helena Peixoto Kopschitz. Formada pela Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, onde inicia o exercício do magistério superior como auxiliar de ensino da Cadeira de Língua e Literatura Inglesa, a Professora Maria Helena teve como sua grande mestra a eminente Professora Aíla de Oliveira Gomes, a quem coube dar uma feição moderna à crítica literária na Cadeira. A Professora Maria Helena ingressa na Universidade Federal Fluminense em 1960, ano de sua fundação, como assistente de Didática Geral e Especial, a convite do professor Gladstone Chaves de Melo. Em 1965, assume a regência de Língua e Literatura Inglesa, na Universidade Federal Fluminense, de que vem a se tornar Professora Titular. Em 1983, coordena e organiza o Curso de Especialização em Literaturas de Língua Inglesa, dando ênfase especial ao estudo e à tradução de textos em língua inglesa que pertencem ao processo cultural irlandês, já então tendo defendido a sua dissertação de Mestrado na UFRJ e a sua tese de livre-docência na UFF, ambas sobre o irlandês Samuel Beckett, de que se mostra profunda conhecedora. Em 1985, realiza estudos de Pós-Doutorado em Literatura Irlandesa de Língua Inglesa na Queen's University of Belfast tornando-se Membro Visitante do Instituto de Estudos Irlandeses do Departamento de Inglês da

mesma Universidade. De 1985 a 1991, coordena o convênio de intercâmbio firmado pela Queen's University of Belfast e a Universidade Federal Fluminense. Todos estes fatos foram intencionalmente arrolados para evidenciar o papel sobremodo relevante que a Prof<sup>a</sup> Maria Helena desempenhou na Universidade Federal Fluminense, tornando-se a colega referência obrigatória em seu campo de estudo no Brasil.

Sua figura humana, em que encontramos tantos atributos, como o da retidão, o do equilíbrio, o da lealdade, o da firmeza, teve a maior importância na história do nosso Instituto de Letras. Sua fala macia, mas segura, sua reconhecida capacidade argumentativa, foram, em muitas ocasiões, fatores decisivos para amainar os espíritos e alcançar o entendimento em nossa instituição. Nela sempre prevaleceu a intenção de fazer justiça, de ajudar, de ouvir mais do que falar, sem jamais, contudo, ressaltar-se, de explicitar e bem explicitar suas idéias.

Saúdo em continuação o Professor Maximiano de Carvalho e Silva. Formado também pela Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, onde teve como mestre o admirável filólogo brasileiro Sousa da Silveira, que marcará profundamente sua formação e sua trajetória acadêmica, o Professor Maximiano tornou-se seguramente o seu maior discípulo no terreno da crítica textual. O magistério universitário, inicia-o em 53 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde, durante alguns anos, ministrou aulas de língua e Literaturas de Língua Portuguesa, nos cursos de Jornalismo e Letras, como assistente do professor Gladstone Chaves de Melo. Ingressa em 57 na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que se agregaria, poucos anos depois, a Universidade Federal Fluminense. Torna-se professor Titular de Língua portuguesa da UFF e livre-docente em Filologia Portuguesa, entendida como crítica textual, defendendo a tese *Sousa da Silveira: o homem e a obra: sua contribuição à crítica textual no Brasil*, publicada por uma coedição da editora Presença com o Instituto Nacional do Livro.

No vasto campo de estudo da nossa língua, dedica-se permanentemente à crítica textual, ou seja, ao estudo da fixação e interpretação de textos, tornando-se neste domínio uma das nossas maiores autoridades. Em 1978, consegue que a Crítica Textual fosse desmembrada do Setor de Língua Portuguesa, constituindo-se matéria autônoma no Curso de Letras da UFF, uma iniciativa pioneira no Brasil. O Professor Maximiano de Carvalho Silva apresenta em seu currículo produção intelectual das mais expressivas, direcionadas, sobretudo, para o preparo de modelares edições críticas, como as relativas aos romances de José de Alencar e à obra *Amor de perdição* de Camilo Castelo Branco.

Além da sua produção intelectual intensa, com que tornou a Universidade Federal Fluminense uma referência no Brasil na área da crítica textual, o Professor Maximiano de Carvalho e Silva será, também, por outros aspectos relevantes, nome inesquecível na história do Instituto de Letras da Universidade. Foi o primeiro chefe do Departamento de Lingüística e Filologia, quando da criação do Instituto de Letras; coordenador do Curso de Graduação em Letras, por ocasião da reforma universitária, cabendo-lhe preparar e implantar o novo currículo; idealizador e responsável pela criação e coordenação inicial do Curso de Mestrado em Letras; diretor do Instituto de Letras. Nesta última função foi das mais produtivas sua administração, em muito contribuindo para firmar o nosso Instituto de Letras no cenário acadêmico nacional, através de realizações das mais importantes, como a do Programa Especial UFF – Casa de Rui Barbosa, responsável por eventos de larga repercussão, como o I Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, a II Reunião Internacional de Camonistas, afora inúmeros cursos de extensão universitária. Mesmo fora do âmbito da Universidade, o Professor Maximiano exerceu funções de inegável prestígio, como a de Diretor de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa e membro da Comissão Especial designada pelo Governo brasileiro para organizar e dirigir o programa de comemoração do quarto centenário de *Os Lusíadas*.

Avultam na figura humana do Professor Maximiano de Carvalho e Silva a seriedade, o seu determinismo de alcançar as metas fixadas e o seu entusiasmo em transmitir o saber acumulado aos que o procuravam por uma palavra de orientação.

Saúdo, nesta peregrinação pelas realizações e atributos dos cinco professores eméritos, o Professor Rosalvo do Valle. Formado ele também pela Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, inicia o exercício do magistério superior na Faculdade Fluminense de Filosofia, Ciências e Letras, em 1949, quando ainda apenas bacharel em Letras. Em 1950-1952 leciona na Universidade do Brasil, onde atuou como Auxiliar de Ensino de Língua e Literatura Latina, por indicação do Professor Catedrático Ernesto Faria, nome dos mais conceituados nesta área de estudo no Brasil. Na Faculdade Fluminense de Filosofia, Ciências e Letras, o Professor Rosalvo do Valle iria ser assistente de Latim, trabalhando com aquele de que fora aluno no curso secundário e de quem se tornaria discípulo e grande amigo: o Professor Ismael de Lima Coutinho. Não posso omitir aqui a forte influência exercida sobre o Professor Rosalvo por outro grande mestre e amigo seu, desde o curso secundário e na Faculdade Fluminense de Filosofia: o insigne helenista Professor Baltazar Xavier. Ainda na Faculdade Fluminense de Filosofia, o Professor Rosalvo do Valle passa a ocupar a Regência de Língua Portuguesa. Já criada a Universidade Federal Fluminense e com a morte do Professor Ismael

de Lima Coutinho (em 65), o Professor Rosalvo do Valle se transfere para a sua Cadeira inicial, a de Língua e Literatura Latina, vindo a ser seu Professor Titular. No magistério superior, o Professor Rosalvo integrou ainda o corpo docente da Universidade Santa Úrsula e da Universidade Gama Filho.

Em 75, alcança o título de livre-docente em Língua Latina com a tese *Considerações sobre a Peregrinatio Aetheriae*, pesquisa que evidencia o grande interesse do Professor Rosalvo, a partir de certo momento de sua trajetória acadêmica, pelo estudo dos textos da latinidade tardia, numa posição pioneira, entre nós, de não limitar o estudo do latim aos clássicos, que fora o modelo de sua formação na Faculdade Nacional de Filosofia.

Por sua atividade docente em nossa Universidade, que remonta ao tempo da Faculdade Fluminense de Filosofia, Ciências e Letras como instituição não governamental, e pelas diversas outras funções de relevo que nela exerceu, o professor Rosalvo do Valle se tornou também nome da mais alta importância na história do Instituto de Letras da UFF. Foi o primeiro diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFF; coordenador da Comissão para promover os estudos sobre a criação e organização do Instituto de Letras da novel Universidade; primeiro diretor do Instituto de Letras; coordenador do Curso de Mestrado em Letras.

Quanto à figura humana do professor Rosalvo do Valle, só me socorrendo, uma vez mais, da magia verbal de Guimarães Rosa: “Era uma vez uma vez, e nessa vez um homem. Súbito, sem sofrer, diz, afirma: “Lá...Mas eu não acho as palavras”. Deixo a emoção mais funda passar. Assalta-me o medo de Guimarães Rosa ainda: “nessas tão minhas lembranças, eu mesmo desapareci”. Reajo. Ouso, mas apenas o muito sabido: a inteligência viva, o humor, o professor, o grande professor, o meu professor.

Senhores Professores Eméritos:

É, com inteira justiça, que a Universidade Federal Fluminense os homenageia hoje com a emergência, reconhecimento de um trabalho de anos, competente e frutífero, que nela desenvolveram, uma contribuição decisiva para a criação e o crescimento acadêmico do Instituto de Letras. Este, através de seu atual corpo docente, sente-se profundamente enaltecido por vê-los reconhecidos como partícipes dos mais expressivos de sua história. Não importa que a presença física nos vá distanciando. É como diz Bandeira, o poeta: “Se nos apartar o espaço, o tempo – esse nos liga. / A lembrança é no amor a cadeia mais pura”.

*Prof. Carlos Eduardo Falcão Uchôa*



## COLABORADORES DESTA NÚMERO

**ANTÔNIO GOMES DA COSTA.** Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e Presidente do Real Gabinete Português de Leitura.

**BERTHOLD ZILLY.** Leciona literatura no Instituto Latinoamericano da Universidade de Berlim e é professor visitante no CPDA, do Rio de Janeiro.

**CARLOS EDUARDO FALCÃO UCHOA.** Professor Titular de Linguística da Universidade Federal Fluminense. Livre-docente em Linguística pela mesma Universidade.

**EVANILDO BECHARA.** Professor Titular aposentado dos cursos de graduação e pós-graduação dos Institutos de Letras da UERJ e UFF. Professor Emérito pela Universidade Federal Fluminense e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; nesta atua presentemente como Professor Visitante. Membro da Academia Brasileira de Filologia.

**FRANCISCO GOMES DE MATOS.** Professor Adjunto 4 do Departamento de Letras da UFPE, ex-professor na PUC-SP e autor de vários livros e artigos, sendo o mais recente *Pedagogia da Positividade. Comunicação Construtiva em Português* (Editora UFPE, 1996).

**LEONOR SCLiar-CABRAL.** Professora Titular aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, pesquisadora do CNPq e autora de vários livros e trabalhos na área de Linguística e Psicolinguística.

**MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA.** Professor Titular aposentado de Filologia (Crítica Textual) da Universidade Federal Fluminense. Professor Emérito pela Universidade Federal Fluminense. Membro da Academia Brasileira de Filologia.

**OLGA COELHO.** Professora do Departamento de Letras da USP e da Universidade Mackenzie, em fase de conclusão do doutoramento e autora de textos de sua especialidade. Membro do GT de Historiografia Linguística da ANPOLL.

**NELLY MEDEIROS DE CARVALHO.** Professora Adjunta da Língua Portuguesa da UFPE, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE e autora de vários livros e trabalhos na sua especialidade.

**RICARDO CAVALIERE.** Professor Assistente de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Língua Portuguesa pela UFRJ e autor de estudos de sua especialidade.

**ROSALVO DO VALLE.** Professor Titular aposentado de Língua e Literatura Latina da Universidade Federal Fluminense. Professor Emérito pela Universidade Federal Fluminense. Membro da Academia Brasileira de Filologia.

**VALTER KIBIDI.** Doutor e Livre-docente em Letras, professor da área de Filologia e Língua Portuguesa no curso pós-graduação da Universidade de São Paulo. Licenciado em Linguística Geral pela Université de Provence. Autor de livros e artigos de sua especialidade.